

EM BUSCA DA VERDADE

Por qual motivo escolhemos esse tema? Em boa parte, por causa da sua abrangência e preocupação constante com o desenrolar dos fatos que marcam o curso de nossa existência, em particular quanto à segurança na interpretação dos mesmos. A propósito, cabe ainda a seguinte consideração: até que ponto o nosso conhecimento atual será capaz de desenvolver um tema tão polêmico? A nossa consciência no sentido geral e de certa forma a busca pela verdade, ou seja, aquela arquitetura que parece nos dar mais segurança constituem fatores que resultam de raízes mais profundas, no terreno do saber. Este último é amplo principalmente frente às percepções captadas pelo ser humano e por considerar tanto o aspecto racional como o intuitivo. Qual o motivo de denominarmos a verdade por construção arquitetada? Ora, porque para nós a verdade é em geral produto de uma estrutura racional, com inspiração nas percepções intuitivas, resultantes das várias vivências ou conhecimentos adquiridos no correr das nossas atividades de vida. Quando nos detemos nesse tema, a reflexão nos leva a crer que na realidade existem verdades, segundo a conveniência de circunstâncias dependentes do momento e de onde aconteceram.

O tema proposto é um desafio, como são todos aqueles que efetivamente pretendem pelo menos aproximar-se das essências. Para começo de conversa, o que se entende por verdade? Pois é, essa é a questão posta, e que vai merecer muitas considerações sem ter, contudo, a pretensão de esgotá-las. Em uma primeira instância parece que a verdade é o fato, fenômeno ou pensamento, nos quais acreditemos encontrar segurança no que tange às nossas intenções, ações ou conhecimentos. Como o homem, ao menos à primeira vista, é constituído por uma parte palpável e mensurável que em geral se associa ao processo racional e outra etérea, fugaz e imensurável, só perceptível pelas sensações e marcas que

deixa no meio ambiente, não há como separá-las quando, por exemplo, buscamos a verdade.

Como dito anteriormente, na realidade existem verdades, as quais satisfazem as necessidades das pessoas segundo suas crenças, sendo que estas resultam das respectivas vivências religiosas, científicas, técnicas, filosóficas, sociais e por aí afora. Para exemplificar, embora a filosofia tenha como objeto preferencial a discussão dos temas em vez das conclusões, inclusive nela delineiam-se crenças com caráter de Verdade. Efetivamente essa atitude resulta do fato que o ser humano necessita acreditar, inclusive o descrente acredita que é um descrente porque, em geral, prefere a superficialidade no que tange ao estudo dos fatos e fenômenos de qualquer nascente. Notemos que a crença aqui apontada não tem nada a ver com ciência ou religião, é algo mais essencial, com raízes no cerne do ser em consideração, ou seja, nas origens do ser humano, resultante da sua constituição física e psíquica. Pode-se ainda argumentar que existam vertentes ligadas à sua constituição físico-mágica, ou ainda, dá a impressão de que uma estrutura construída com os tijolos desses nascedouros deve ser a mais aceitável. Tal afirmação prende-se ao fato de que até hoje, com todo o conhecimento acumulado pela humanidade, durante tantos milênios, persistem muitas dúvidas quando se pensa apenas segundo um dos critérios apontados anteriormente. Por exemplo, quanto ao aspecto físico o aparato racional da ciência, mesmo sendo de grande utilidade, não consegue atingir efetivamente aquilo que é verdadeiro devido a sujeitar-se de maneira permanente à falsificação, o que não permite atingir o âmago da verdade. Essa falsificação é o processo pelo qual se põe a prova quaisquer teorias científicas, justamente o que constitui um dos grandes valores da ciência.

Quando se fala de verdade histórica, a primeira impressão é que os fatos estão lá, tendo apenas sido reunidos pelo autor, considerando os documentos encontrados além dos relatos eventuais de pessoas que viveram aqueles acontecimentos. Na realidade o redator e o editor conduzem a narração segundo a sua ótica, e inclusive nem sempre conseguem ter acesso a todos os registros que documentam o sucedido. É

Renato N. Rangel

por isso que o estudo histórico de um determinado assunto exige que se considere mais de um autor, para que possamos, então, elaborar a nossa interpretação e convencimento. De certa forma, como no caso dos escribas egípcios antigos, às cópias normalmente eram adicionadas ou retiradas ponderações segundo suas convicções e interpretações, aliás, tal atitude foi comum durante todo o tempo em que os livros foram copiados manualmente. Com a invenção da imprensa esse desvio foi bastante atenuado. Ainda sob o aspecto da História, existe uma corrente de pensamento que não aceita a história oral, especialmente por considerá-la contaminada por mitos e fatos imaginados pelo relator, pessoa humana sujeita às suas limitações, especialmente de memória e crença¹. Ocorre, todavia, que ultimamente esse critério tem se alterado, face às falsas verdades encontradas nos documentos arqueologicamente garimpados pelos inúmeros rincões do mundo. Quando abordamos a história da humanidade sob qualquer aspecto, especialmente ao se tratar de datas mais afastadas, as incertezas crescem e os pesquisadores estão constantemente encontrando documentos até contraditórios. Sem ir muito longe, basta considerar os estudos sobre as origens do cristianismo, com a assunção de mitos e tradições sociais anteriores ao mesmo. Assim, com base em documentos especula-se sobre a virgindade de Maria, o estado civil de Jesus e o seu engajamento aos princípios de escolas então existentes, como a dos Essênios.

As verdades legais resultam de acordos sociais que em geral seguem normas estabelecidas, dependentes da época e do local. Por exemplo, uma verdade aceita na Índia pode não ser aceita na Itália, isso quanto à localização; por outro lado no que se refere à época, principalmente em países onde o tecido social é mais jovem, como no Brasil, as tradições estão menos arraigadas resultando verdades menos estáveis e mais mutáveis. Dessa forma, um templo de Candomblé ou uma roda de capoeira na primeira metade do século passado, eram proibidos principalmente por denegrirem a nossa cultura, porém, nos dias atuais tem status totalmente

¹ - A história oral sempre existiu, porém, durante um longo período não foi aceita pela academia. Atualmente existe até disciplina com a finalidade desse estudo, no meio acadêmico.

oposto: no segundo caso chega a ser estimulada, até para reforçar a nova proposta da cultura em formação. Nota-se que as verdades estão bastante relacionadas com as tradições culturais dos povos, sendo mais instáveis quando se trata de processos culturais mais jovens, em boa parte como consequência do maior grau de transformação, inerente à maior difusão entre si de culturas distintas. Em um país como a África do Sul, onde africanos, europeus e indianos constroem uma nova sociedade, naturalmente desenvolve-se uma intensa ação de transformação que age sobre as verdades de cada grupo, para construir novas verdades resultantes do tempo de amalgama. As novas verdades não serão perenes, mas, terão um tempo de vida que dependerá do dinamismo do novo grupo social, resultante da mistura ainda que bastante heterogênea. Não serão perenes por motivos como: alterações no meio ambiente, evolução social, surgimento de novas técnicas, novos modelos científicos e outros condicionantes. Assim o que é uma verdade legal hoje poderá não o ser amanhã, em consequência de tantos agentes atuantes.

O nosso corpo físico é constituído por pés, mãos, intestinos, cérebro e outras partes, que embora pareçam distintas, devido aos aspectos e funções diferentes, na realidade têm origem na mesma semente (célula), que por motivos desconhecidos multiplica-se, à primeira vista com vários objetivos. No entanto, toda essa estrutura aparentemente diversificada parece ter finalidade única, pelo menos de acordo com a nossa concepção utilitarista, tanto no sentido material como naquele não material. Quando nos propomos a sanar uma dificuldade no funcionamento de um dos órgãos ou sistemas, se focarmos a nossa atuação apenas nessa parte do corpo podemos minimizar o referido sintoma, porém, esse alívio irá mascarar o desequilíbrio, fato que muitas vezes não dá condições para que a unidade do conjunto atue na recomposição do equilíbrio. Daí, em princípio, os efeitos colaterais e mais adiante a manifestação de outros males, que em primeira análise podem não apresentar correlação com os fatos anteriores. É por isso que a medicina alopática adota para si o princípio do custo-benefício, isto é, haverá um custo em termos de desequilíbrio do conjunto vital, entretanto, se quisermos o alívio mais rápido da dor ou mal-estar, ele

será obtido. Haverá quem diga que a finalidade da medicina é primeiramente aliviar a dor para depois pensar em tudo o mais, contudo essa é uma verdade bastante discutível porque não tem em mente a mais elevada finalidade do conjunto dos seres humanos, ou seja, o valor maior é a vida como um todo, inclusive porque nesse contexto um indivíduo é algo insignificante em relação ao todo. Embora essa afirmação pareça brutal, sua constatação tem caráter inexorável. É o conjunto dos seres humanos que vai garantir a manutenção da espécie, suas ações e a sua cultura; um indivíduo por mais ilustre e importante que seja, é incapaz de alterar o curso dos acontecimentos da humanidade, embora em um período de tempo relativamente curto possa parecer que ocorra o contrário. Os fatores essenciais da vida não dependem de novas técnicas, pontos de vista filosóficos ou concepções religiosas. A manutenção da vida é algo inerente a ela própria, no longo prazo não admite condicionantes externos como, por exemplo, os da medicina. É ela própria que se regenera quando necessário.

Não nos esqueçamos de que a origem de tudo está naquela semente inicial, que de alguma forma encontra-se presente em todas as partes desse organismo, a qual permite admitir a unidade mais íntima do ser. Atualmente, com as descobertas relativas às células-tronco, adquire maior consistência a condução desse entendimento, tendo em vista que além dos aspectos químico e biológico, existe uma verdade mais significativa quanto ao funcionamento desse conjunto de órgãos constituintes do corpo vivo. A propósito, as células-tronco embrionárias encontram-se no embrião 4 ou 5 dias após a fecundação, são capazes de se reproduzir e diferenciar-se em muitas categorias de células. Podem dividir-se e multiplicar-se em outros tipos de células. Podem ser programadas para desenvolver funções específicas, porque ainda não possuem uma especialização.

Toda essa argumentação faz parte de uma verdade racional, ou seja, baseada nos fenômenos que até esse momento de alguma forma conseguimos perceber. Como o processo é racional, pode ser construído inclusive por meio de observações indiretas, como ocorre no caso da estrutura das moléculas, por exemplo, em que a aplicação de campos

Renato N. Rangel

elétrico e magnético permite perceber distintas regiões do espaço, por meio da projeção e registro desses fenômenos em uma região plana, como na **figura 1**. Essas figuras são encontradas em publicações de Física e Química, e representam através de pontos os núcleos atômicos, enquanto as linhas procuram significar curvas de nível que na verdade indicam níveis de energia eletromagnética. A região entre os dois núcleos é figuradamente comum a eles, o que tenta justificar certa interação ligante, com a pretensão de garantir a existência de uma nova entidade física, ou seja, a ligação entre átomos.

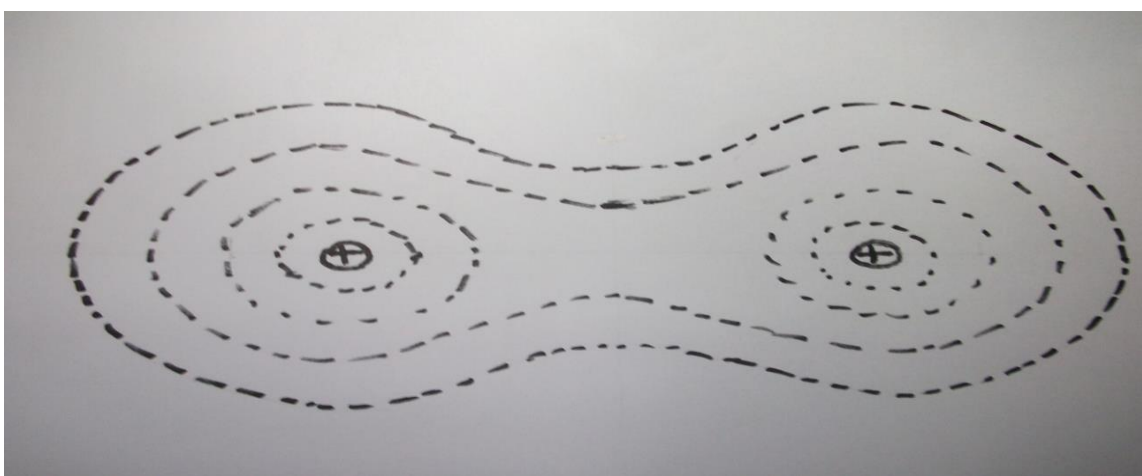


Figura 1

Eis uma maneira de identificar certa verdade, embora por caminhos indiretos. Todavia, como se trata da verdade científica está sujeita a permanente verificação, condição fundamental para a ciência, portanto, sem o status de verdade indiscutível, o que seria uma âncora de estabilidade para nossa segurança.

À medida que atingimos novas descobertas cresce a insegurança, isso ocorre em todas as áreas do saber, desde a mais rudimentar até a mais elaborada. A interface entre aquilo que se conhece e o desconhecido dilata-se em tal proporção que o grau de complexidade quanto a explicação e entendimento dos fenômenos aumenta cada vez mais. Como a verdade consiste em algo que nos dá segurança, podemos concluir que em função dessa premissa, nos permitimos aceitar que vivemos em um eterno desconforto com relação a esse binômio constituído por verdade-

segurança, interpretação que resulta da visão bipolar do mundo em que vivemos. Por outro lado, o ser humano sente-se melhor quando encontra argumentos para estabelecer condições de segurança, mesmo que relativa, porque ele é temporal e se ela vigorar pelo seu tempo, será suficiente para satisfazer a sua busca pela felicidade. A verdade nos dá segurança, porém, o conhecimento destrói umas verdades para construir outras, trazendo instabilidades ao sentimento de segurança. No que se refere às coisas materiais do cotidiano essa instabilidade é permanente, entretanto, quando se trata de valores éticos as transformações responsáveis pela falta de estabilidade são mais lentas, motivo pelo qual as verdades são mais duradouras, quando consideramos a nossa ordem de grandeza existencial. É o que acontece com muitas tradições de caráter sociocultural, tais como o casamento, o velório e a consanguinidade para efeito de rituais, no que tange às tradições de ordem parental. Nesses casos, mesmo que haja mudanças no que se refere a sua aceitação, isso ocorre em tempos bem dilatados, ao menos quando comparados com a longevidade de cada um, o que leva a sua aceitação como verdades inquestionáveis.

As verdades baseadas na fé são mais duradouras devido à aceitação de afirmações indiscutíveis e ditas de caráter perene, o que dá um grau elevado de segurança e aumenta a condição de conforto tão almejada por todos. Sucede que inúmeras vezes, inclusive as crenças são tão arraigadas que chegam ao nível da fé, o que muda totalmente o conceito de verdade, particularmente nos assuntos que abrangem as coisas menos essenciais. Para exemplificar, uma verdade que tenha como foco o respeito à vida, não pode ser equiparada àquela que trata da existência do átomo. Da mesma maneira, a afirmação de que a Terra gira em torno do Sol, embora possa ser de caráter temporal, tem um significado muito maior que a interpretação do campo magnético da Terra, pois este só pode ser percebido por via indireta, ou seja, com o auxílio de uma bússola, por exemplo. Apesar do fenômeno magnético já ser conhecido de longa data, só com a invenção da bússola foi possível relacioná-lo com uma manifestação semelhante do planeta Terra, o que em princípio foi decisivo no chamado ciclo das grandes navegações. Esse fenômeno é uma verdade que não deve sofrer mudanças

acentuadas dentro da nossa temporalidade e até quem sabe não a considerando; ele tem a ver com a estrutura mais íntima da natureza e ainda, não resulta de qualquer processo de intuição.

Nessa colcha de retalhos faz sentido considerar, sempre que possível, os registros históricos que permitam documentar a preocupação com o tema em consideração. Por esse motivo vale a pena lembrar que segundo o filósofo Francisco Sanches, em sua tese denominada “porque nada pode ser conhecido”, afirma que nunca podemos realmente conhecer a verdade. Para melhor localizá-lo devemos lembrar que o referido filósofo foi contemporâneo de Giordano Bruno, em Toulouse, onde este último lecionava, na primeira metade do século XVII².

Aqui, desde sempre deve transparecer que existe uma preocupação com o exercício crítico da razão, ou seja, de caráter filosófico. Sendo assim sabemos hoje que muitas vezes um enunciado vago seguidamente tem maior possibilidade de ser verdadeiro que um enunciado preciso. Tanto é que ao se afirmar que um recipiente comporta certo volume entre um litro e um litro e meio, a verdade tem uma dose de possibilidade bem maior que a afirmação: o recipiente comporta 1,236 litros. Neste segundo caso os fatores de imprecisão são muito mais elevados que no primeiro, pela maior dificuldade na medida, o que pode ser considerado como um afastamento da verdade. É interessante notar que em muitos casos as “lógicas fracas” mostram-se mais úteis para a investigação, justamente porque não se encontram sob o domínio da dicotomia verdadeiro-falso. A lógica bivalente estrita do verdadeiro-falso, levada aos casos reais e empíricos, mostrou-se menos capaz que as ditas lógicas fracas, porque estas últimas mostram-se mais úteis quando da investigação. O mesmo ocorre com as definições: quanto mais detalhadas e precisas são elas, do ponto de vista prático tornam-se menos úteis. As lógicas fracas são aquelas em que os extremos verdadeiro ou falso não predominam individualmente, quando da análise de qualquer situação. O uso de lógicas fracas vai muito além da razão pela qual inicialmente se faz uma proposta, é o que se tem por indeterminismo

² Strathern, P., O Sonho de Mendeleiev, pp. 102 e 103.

de Heisenberg, devido à impossibilidade de precisar absolutamente uma medida. A propósito vale destacar que as teorias científicas, embora se apoiem em lógicas mais seguras não são verdadeiras, têm algum grau de verificabilidade menor que 100% ou de outra maneira, próximo de 100%³. Existe uma forte discussão sobre a necessidade de verificação da teoria científica ter que ser empírica, sendo que esta também é classificada apenas como validação. Será que não existe uma verificação das teorias segundo um critério puramente teórico?

Segundo os filósofos do Círculo de Viena, grupo de pensadores de Viena que formulou um programa epistemológico nas décadas de 1920 e 1930, a Declaração de Viena, várias afirmações foram colocadas como básicas. De acordo com esse grupo: o conhecimento científico é o tipo mais perfeito. Todo conhecimento universal que pretenda conter a verdade, se não seguir os cânones do conhecimento científico não é válido. Portanto não considera como válido o conhecimento filosófico. Em seguida afirma que o único princípio que pode levar à constatação da verdade é o critério empírico. Logo, para que se tenha uma constatação empírica é necessário ter referências empíricas na mesma teoria. Em consequência, de acordo com esse critério de verificação empírica é necessário que todos os termos usados pelos cientistas e inclusive os termos técnicos empregados em uma teoria, tenham que possuir significado empírico. Essa é uma exigência que resulta da aplicação do princípio da verificabilidade empírico. Essas ponderações são muito fortes, especialmente quando nos encontramos diante de casos como o da ação gravitacional entre corpos físicos, a semelhança dos planetas, o que não é um conceito empírico imediato. Questões como: a alma é imortal? Ainda não estão contidas no campo da ciência, pois, como nesse caso dependem da percepção e medida das mesmas, a partir dos critérios científicos⁴, até o momento não foi possível construir instrumentos que permitissem desfazer tais dúvidas.

³ -Létora Mendonza, C. A., Filosofia da Ciência, Monografia.

⁴ -Ibidem

Para Popper, é necessário procurar a diferença entre ciência e não ciência por outra via, que não seja no empirismo, todavia, não desacredita o princípio empírico lógico como um critério de verificação. O que não acredita é que se aplique esse princípio em todos os casos. Popper afirma que a verdade do conhecimento consiste em uma translação da verdade de umas premissas à verdade da conclusão, ou seja, uma verdade de hoje só podemos assim considerá-la se conseguirmos relacioná-la com verdades de estados lógicos anteriores. Para Popper a ciência não é indutiva e sim dedutiva. Qualquer ciência é dedutiva, inclusive aquelas que modernamente são consideradas indutivas, tais como: a Biologia e a Química. Esse entendimento foi alvo de crítica por vários pensadores, dentre eles Kuhn e Feyerabend⁵. Para mim a indução faz parte do processo de construção da ciência, em especial porque resulta da curiosidade frente aos fenômenos observados ou necessidades objetivas, além da crença na regularidade da Natureza.

Como se vê na área da ciência, a questão da verdade é uma preocupação constante, pois, à medida que nos aprofundamos na sua busca, mais distante coloca-se o seu limiar, o que funciona como um ativador desse permanente desafio que nos foi colocado. Lembremos, no entanto, que esse desafio não é algo externo ao ser humano e sim interno a si próprio. Tal consideração será mantida enquanto a sua individualidade não for desfeita ou assumida por algum outro elemento de maior abrangência.

É interessante lembrar que ao passarmos para o mundo “fantástico”, fenômenos, percepções e crenças, não se obrigam a cânones do raciocínio lógico e por isso admitem um grau de liberdade de imaginação que chega às raias do que sente e pensa cada indivíduo. Não existe compromisso com normas e critérios preestabelecidos nem exigências desta ou daquela escola, cada um interpreta a seu modo, embora se observe certas coincidências quando no sentido mais amplo. Essa Babel parece mais próxima da verdade, mesmo sabendo-se que o critério do raciocínio lógico

⁵ -Ibidem

tenha apresentado mais vantagens à instrumentalização, culto dos tempos atuais, onde qualquer iniciativa precisa ter um objetivo bem determinado, em geral respondendo a critérios econômicos e até financeiros.

Com referência a todos os assuntos que estudamos, encontram-se frases as quais pretendem a síntese e o maior significado, tais como: estar convicto é colocar em risco a verdade. A propósito, consideremos esta afirmação de Nietzsche: “O meio-saber é mais vitorioso que o saber inteiro: ele conhece as coisas de modo mais simples do que são, o que torna sua opinião mais compreensível e mais convincente.⁶” Então, por que destaquei esse pensamento? Porque ele encerra um saber conhecido há muito tempo, ou seja, que uma linguagem para atingir mais rapidamente as maiorias precisa ser medíocre, pois, além do possível despreparo das pessoas elas não estão dispostas às leituras que exijam maior concentração e até certa meditação. De certa forma, esse comportamento do ser humano lhe é inerente, isto porque, existe certa tendência natural a procurar alternativas diferentes ao esbarrarmos com dificuldades. Para documentar essas afirmações, ainda a propósito da verdade, parece-me conveniente considerar, por exemplo, o que diz a certa altura Kant:

“Se a verdade consiste na conformidade de um conhecimento com seu objeto este objeto deve, por isso mesmo, ser distinguido de todos os outros; pois um conhecimento é falso se não concorda com o objeto a que se relaciona, por mais que de outro modo contenha algo que possa servir para outros objetos. Assim, um critério geral da verdade valeria, sem distinção de seus objetos, para todos os conhecimentos.

Mas como então se faria a abstração de todo o conteúdo do conhecimento (de sua relação com o objeto), e a verdade precisamente se refere a tal conteúdo, é claro ser

⁶ - Nietzsche, Humano, demasiado humano, p. 250.

de todo impossível e absurdo salientar uma característica suficiente e universal da verdade.⁷”

Não defendemos a mediocridade, todavia, é fato notório que um texto ou uma obra de arte só atingem as maiorias em pouco tempo quando são medíocres, pois, nivelam-se à capacidade de entendimento das maiorias. Isto não quer dizer que esses empreendimentos sejam totalmente desprovidos de algum valor, porém, em geral tem uma vida menos duradoura. Estão contidos no que chamamos de moda e esta é uma valoração comportamental, que no máximo poderá apresentar ciclos, quando não se esvai para sempre.

A verdade tem ligação com a noção de coisa certa e ainda, fatos ou ações que correspondem ao elevado índice de acerto. Sendo assim, uma lei química, física ou biológica, na medida em que consegue interpretar bem os fenômenos observados no curso dos experimentos, passa a ser considerada uma verdade. É o que ocorre, por exemplo, com a lei das proporções definidas, relativa à constituição das substâncias químicas (lei de Proust), com as leis de Mendel, devidas ao cruzamento de ervilhas (na Biologia) e com as da Mecânica, a exemplo do fracionamento da força aplicada para movimentar um corpo pela ação de uma corda, segundo o número de roldanas utilizado e pelos quais deve passar essa corda (na Física).

Mesmo que não sejamos entendidos em Psicologia e Psicanálise, sabemos que as bases ou a codificação dessa área do conhecimento devem muito a Freud, e este colocou como uma das verdades fundamentais os traumas de infância e as repressões em geral, com destaque para aquelas da libido, ou seja, praticamente todo o nosso comportamento depende em especial do que foi reprimido na nossa vida pregressa. Outros pesquisadores como Jung, por exemplo, vão defender que aquela não é uma verdade absoluta, mas sim, a psique é uma realidade em si contida interiormente no ser humano, da mesma forma que uma fruta ou qualquer objeto é uma realidade exterior desse ser. A propósito, lembremos que

⁷ - Kant, *Crítica da razão pura*, p. 101.

Jung foi discípulo de Freud e inclusive por um bom tempo comungaram dos mesmos princípios. Neste ponto vale lembrar que Freud teve uma importância decisiva, pois, não só formou seguidores, mas, inclusive novos líderes, como no caso Jung. Essa é uma consideração da qual ao tomar conhecimento fiquei muito entusiasmado, isto porque concordo plenamente que é mais importante formar novos líderes à apenas seguidores.

Já se disse que uma mentira repetida inúmeras vezes torna-se uma verdade; creio que essa afirmação não seja de todo sem cabimento, especialmente quando não se tem ou não se quer ter acesso a novos conhecimentos ou interpretações. Com o intuito de esclarecer, consideremos o modelo de Ptolomeu relativo à estrutura do nosso Universo, que resumidamente colocava a Terra como um corpo celeste fixo no espaço e de maneira que em torno dele movimentava-se o Sol. Imaginem quanta verdade foi criada em função dessa concepção, que também era tida como uma verdade. Nessa linha de raciocínio, consideremos um salto no tempo que nos traga aos dias de hoje: quanta verdade está sendo considerada, exaltada e até venerada? Essa pergunta é válida para todas as áreas do conhecimento: ciência, tecnologia, política, religião e assim por diante. Da maneira como estou conduzindo o texto, pode dar a impressão que as coisas são tão incertas que nada valha a pena. Não é assim, porque o ser humano é temporal, a existência de cada pessoa é tão exígua, ao ponto de determinados fenômenos poderem ser considerados imutáveis. É como se um ser com um tempo de vida igual ao de um radioisótopo (frações de segundo), ao olhar para uma partícula de poeira no ar não notasse que ela estava em movimento. Mais, seus descendentes por várias gerações não notariam esse movimento, o que permitiria considerar verdades não verdadeiras.

Ainda a propósito de citações, mesmo que esparsas, cabem perfeitamente palavras como as de Nietzsche quando diz que:

“Serão novos amigos da ‘verdade’, esses filósofos vindouros? É bastante provável: pois, até agora todos os

filósofos amaram suas verdades. Mas certamente não serão dogmáticos. Iria de encontro ao seu orgulho, e também de encontro ao seu gosto, caso a verdade deles ainda fosse tida por uma verdade para qualquer um: o que até agora foi o secreto desejo e o sentido por traz de todos os esforços dogmáticos.⁸”

O texto deixa claro que o autor prefere lidar com verdades que se embasam em dogmas, quando se refere aos filósofos do passado, no entanto, para os vindouros indica que não serão dogmáticos, embora lhes agradasse que suas verdades ainda fossem tidas como verdades para qualquer um, mesmo que mantido em segredo tal desejo. Enfim, essa é uma concepção de verdade no sentido amplo, isto é, sem a intenção de dirigir o raciocínio para um objeto determinado. Lido às pressas parece vago, porém, quando lido e relido pausadamente, vem à tona o refinamento do seu pensamento, fator constante nessas abordagens.

Após tudo o que foi dito até aqui, afinal, o que é a verdade? Parece ser constituída por afirmações construídas a partir de percepções e entendimentos resultantes de processos racionais e irracionais, dedutivos e indutivos inerentes ao ser humano.

Para encerrar destaco que a questão da verdade no nosso entender é tão antiga, que basta considerar a afirmação de Protágoras, na Grécia antiga – C 440 a. C.: o que existe está em constante movimento e transformação, daí a impossibilidade de distinguir sensações verdadeiras de sensações falsas.

⁸ - Nietzsche, F., Além do bem e do mal, p. 67.

REFLEXÕES PERIPATÉTICAS

PRIMEIRO VAGUEIO

Ao observar o nosso planeta a partir do espaço, por meio de imagens franqueadas pela NASA (Agência Espacial dos Estados Unidos), tive uma forte sensação de quão insignificantes somos. A grandiosidade ali estampada é de tal ordem que a princípio parece impossível realizar ou pensar em qualquer coisa maior que o infinitamente pequeno, algo que é definido por infinitésimo, nos estudos da Matemática. O Todo é majestoso e parece estar acabado, não cabendo qualquer nova modificação, pois, o eterno está completo, imponente, absoluto e de certa forma não parece admitir alterações.

A Terra deve ter essa imagem há tanto tempo que para um observador externo passa a sensação de algo imutável; caso não mantivesse um comportamento tão constante, já poderia ter abandonado a sua trajetória elíptica em torno do Sol, por exemplo, saindo da influência dessa estrela e possivelmente colidindo com outro planeta até do próprio sistema solar.

A essa altura, qualquer hipótese de desarranjo do sistema solar seria admissível. Essa é a primeira impressão de um ser que tem cérebro, sensações, intuições e liberdade para pensar. Considerando apenas os nossos sentidos, torna-se impossível para alguém que se encontre no espaço sideral, conseguir ao menos delinear a complexidade dos fenômenos naturais que ocorrem neste planeta e aquela construída por nós na superfície da Terra. É praticamente fora de propósito detectar com perfeita distinção a presença de seres animais e vegetais, muito menos a

existência de sentimentos tais como as traições, os amores, os ódios e as competições de todos os tipos.

Apesar dessas palavras iniciais com ares apocalípticos, as imagens que me causaram essa impressão resultaram de intuições, raciocínios e ferramentas construídas pelo homem, tais como os telescópios que permitiram obtê-las, mesmo que muitas vezes não muito bem definidas. O ser humano, na sua insignificância, tem conseguido desvendar conhecimentos verdadeiramente assombrosos, sendo que para tal tem persistido a sua capacidade de construção coletiva, único caminho viável para o efetivo descobrimento dos mistérios do Universo, com as diversas finalidades. A insignificância apontada tem a ver com as dimensões físicas relativas e não com a carga, também relativa, de conteúdo intuitivo e racional que o mesmo carrega consigo. Tal carga pode ser entendida como a configuração bioquímica contida em seu corpo bem como a sua capacidade de interagir com o meio, tanto do ponto de vista físico como psíquico, desde que se considere a noção de campo de influência. Tal campo, figuradamente, pode ser imaginado a partir das observações relativas ao campo magnético, por exemplo.

Essas considerações são válidas tanto para o mundo microscópico como para o macroscópico; parece que nos encontramos em uma dimensão tal que permite a nós mesmos construirmos as nossas verdades, ainda que não tenhamos atingido o cerne do conhecimento, lastreadas em afirmações que se alteram e até se alternam com o tempo e o espaço. Neste contexto, tempo é uma abstração racional, consequência da sucessão fenomênica, que permite caracterizar o antes e o depois e cuja observação depende dos nossos sentidos, por via direta ou indireta, ao passo que quando nos referimos ao espaço trata-se da amplitude volumétrica ou capacidade de conter corpos físicos.

Mesmo considerando o que aqui foi mencionado, a dimensão do homem pode em determinadas circunstâncias compreender o caráter macroscópico, senão até universal. Essa concepção está relacionada com a sua constituição física, porque a mesma inclui os constituintes do Universo

e, sua relação com o meio ambiente no sentido da percepção e interpretação do mesmo, são todos integrantes do mesmo fenômeno. Existe um entendimento de que aquilo que consta da parte pertence inclusive ao todo e vice-versa, sendo que nas devidas proporções e mais, trata-se das qualidades.

É interessante notar que a nossa capacidade de imaginação tem nos levado a modelos conflitantes relativos a um mesmo fenômeno, como ocorreu com as teorias de Ptolomeu (modelo geocêntrico) e Copérnico (modelo heliocêntrico) no que se refere ao sistema solar, ou ainda, quando se tratou das teorias do flogístico⁹ e da oxidação, no caso das transformações químicas. Enquanto no tocante ao modelo da oxidação trata-se da absorção reativa do oxigênio por um composto em uma transformação química, o flogístico é uma espécie de fluido imperceptível que adicionado à matéria, quando de uma transformação química da mesma, é capaz de aumentar a sua massa. Quando a massa diminui significa que esse fluido evadiu-se do corpo material. Esses dois fenômenos relativos à massa puderam ser bem caracterizados ao se tratar do processo de combustão.

Ao estudarmos apenas essas teorias vamos compreender que diante dos argumentos e resultados obtidos, elas têm grande significado e contribuíram para a construção do conhecimento atual. Fatos como esses permitem afirmar que não existem motivos para não surgirem novos entendimentos com novas luzes que possam atuar sobre a construção do nosso saber. Segundo a concepção utilitarista, a admissão da existência de sinapses no cérebro - transmissões interrompidas de sinais elétricos entre os neurônios - pretende justificar a sensação de construção intelectual até o momento admitida. Essa é uma concepção mecanicista e que não considera o ser humano como um todo resultante da unidade originária que se multiplicou, devido à ação de algo interno ou externo, que impôs os fatos como se sucederam. Se a célula mãe resultante do encontro do

⁹ Espécie de fluido particular das substâncias químicas, cuja manifestação se dá durante as transformações químicas.

espermatozóide com o óvulo for considerada como a origem de toda a estrutura orgânica posterior, podemos crer que dentro dela encontra-se toda a projeção futura, onde os diversos órgãos parecem apresentar constituição diferente, devido à sua atuação no conjunto orgânico.

Sem obrigatoriamente concordar com a predestinação genética pode-se admitir que, já na célula inicial estaria contido todo o futuro do organismo final, a menos que se admita algum agente externo com poderes para definir o futuro organismo. Estas considerações não levam em conta o período posterior à formação de todas as partes do organismo acabado, pois, a partir daí o meio deverá influir, com certeza, na manutenção e comportamento do mesmo. Esse meio inclui a relação com os seus semelhantes, sendo que todos apresentam individualidade e respeitam certa “ordem social”.

O desenvolvimento desse tema é bastante instigante, porque mesmo considerando toda a parafernália criada com a finalidade de observar o comportamento das células, não se consegue entender como a partir de uma célula pode ser construído um organismo com características tão distintas, além disso, o que rege com tanta harmonia esse conjunto. Aliás, esse é um dos motivos pelos quais consideramos discutível o fato de que, ao detectarmos um desequilíbrio no organismo, venhamos direcionar a nossa atenção apenas para o órgão então considerado afetado. Lembremos que na verdade ele só existe e tem a capacidade de atuar no conjunto do sistema orgânico. Embora o coração e fígado tenham aspectos e funções distintas, têm sua origem na mesma célula mãe, resultante da fecundação. Sabemos que o organismo como um todo tem o seu perfeito funcionamento dependente de todas as partes constituintes do mesmo. Normalmente o estudo do custo-benefício, com a anulação total ou parcial de um órgão, leva em conta o prolongamento da vida, em primeiro lugar, a qualquer custo.

SEGUNDO VAGUEIO

Voltando às imagens da NASA, a impressão colhida é que o Planeta Azul se encontra mergulhado em uma imensidão escura, o que não deve ser verdade, pois, para nós a luz é um fenômeno com largo espectro, do qual só percebemos uma estreita faixa; da mesma forma os sons que podem existir no Universo e os radiotelescópios têm conseguido registrar alguns, não são de todo por nós perceptíveis, portanto, a impressão que temos é de haver um silêncio aterrador. Como se tem documentado, os modelos racionais só podem ser construídos a partir de fenômenos percebidos e inclusive medidos, porque a sua construção resulta do encadeamento de correlações que inclusive contam com certa capacidade imaginativa e, por que não dizer, até intuitiva. A criação do método científico constituiu um grande avanço na compreensão do nosso Universo, no entanto, com o passar do tempo surgiram deficiências inerentes às criações humanas. Vale lembrar que ao se efetuar uma medida na verdade estamos comparando e, para que haja a comparação é indispensável o estabelecimento de algum padrão.

Aqui cabe outra observação, ou seja, o processo intuitivo em princípio prescinde do estabelecimento de padrões, pois, ele deve resultar da percepção sensitiva mais profunda do ser humano, em relação ao fenômeno com o qual se depara. Melhor esclarecendo, essa percepção profunda é dependente da constituição de ambos, observado e observador, o que os torna íntimos entre si, ou ainda, um conhece os segredos do outro mesmo que muitas vezes não encontrem parâmetros para explicá-los. A vivência de tais fatos só é possível quando na ausência de preconceitos, porque eles bloqueiam o processo e, é interessante notar que em regra geral somos presa fácil dos mesmos. Provavelmente trata-se de uma característica essencial do nosso ser, que mesmo quando combatida por vias múltiplas faz-se presente.

Os estudos antropológicos e sociológicos procuram entender as raízes do comportamento dos grupos sociais, dando particular destaque àqueles

Renato N. Rangel

que se encontram mais isolados, isto é, mais distantes das influências alheias ou apartados dos mecanismos envolventes da globalização. Esses grupos apresentam características menos contaminadas, ou seja, eles ainda mantêm hábitos alimentares, crenças religiosas, vestimentas típicas, tradições de cura, de música e assim por diante, de tal maneira que passados os primeiros impactos, começa-se a distinguir fatores que merecem maiores ponderações. Para documentar, consideremos algumas observações de Margaret Mead a propósito do comportamento de povos da Nova Guiné, no que tange ao condicionamento das personalidades sociais dos dois sexos, isto por volta de 1950. Assim, por exemplo, os Arapesh apresentavam certo comportamento maternal tanto no caso da mulher como do homem; não se consideravam donos das terras, mas sim pertencentes a elas; recorriam ao infanticídio de recém-nascidos quando do sexo feminino caso já possuíssem algumas meninas, quando o alimento era escasso ou havia muitas crianças, ou ainda o pai havia morrido¹⁰. Para citar mais um exemplo de comportamento social, considerar que no caso dos Tchambuli era importante em determinadas circunstâncias ritualísticas a caça às cabeças humanas, mas para evitar o perigo das guerras, preferiam comprar bastardos, órfãos e criminosos de outras tribos para matá-los em cerimônias de suas aldeias¹¹.

Ainda, a propósito do espectador externo ao Planeta Azul e sob o foco de Mead, convém destacar as palavras da autora, transcritas a seguir:

“Admitindo-se a maleabilidade da natureza humana, por que motivo surgem as diferenças entre as personalidades padronizadas que as diferentes culturas decretam para todos os seus membros, ou que uma cultura decreta para os membros de um sexo em contraste com os do sexo oposto? Se tais diferenças são culturalmente criadas, porquanto este material poderia sugerir muito fortemente que o são, se a

¹⁰- Mead, Margaret, *Sexo e Temperamento*, pp. 40, 48 e 57.

¹¹ - *Ibidem*, p. 236

criança recém-nascida é moldável com igual facilidade num Arapesh não agressivo ou num agressivo Mundugumor, por que então ocorrem em geral esses contrastes impressionantes? Se as chaves das diferentes personalidades determinadas para os homens e mulheres, entre os Tchambuli, não residem na constituição física dos dois sexos

As culturas são feitas pelo homem, são construídas de materiais humanos; são estruturas diversas, porém comparáveis, dentro das quais os seres humanos podem atingir plena estatura humana. Sobre o que construíram eles as suas diversidades?¹²

Uma conclusão importante é que as culturas são construídas pelo homem, em consequência resultam inclusive da influência do meio em que o referido se encontra. A diversidade é uma marca indelével encontrada em todos os grupos humanos desde sempre; com ela esses grupos conseguiram sobreviver por todo o tempo, a despeito das disputas históricas ocorridas por vários motivos, em particular pelo espaço vital. Com o avanço dos meios de comunicação a primeira impressão colhida é a da construção da aldeia global, contudo, acontecimentos históricos como, por exemplo, a chegada dos espanhóis na costa pacífica da América do Sul, mesmo decorridos quinhentos anos não foi suficiente para moldar completamente os habitantes locais aos hábitos dos forasteiros. Circulando por essas regiões percebemos nitidamente que os quéchuas de então hoje continuam basicamente com as mesmas tradições, quanto ao idioma, alimentação, religião e outros aspectos. Na Grécia, a ilha de Éfeso foi conquistada e permaneceu anexada à Turquia por séculos, sendo que durante todo esse tempo manteve sua cultura original até que finalmente voltou a pertencer à Grécia no período que durou a segunda guerra mundial. Por que após tantas gerações manteve-se o vínculo com as suas origens? A unificação da Itália, comandada por *Vittorio Emanuele II* entre

¹² - Ibidem, pp. 269 e 270.

1861 e 1878, não foi suficiente para eliminar os traços culturais dos povos unificados; persistem os dialetos, características alimentares e outras tradições, apesar de toda a proximidade geográfica, domínio nas comunicações e poder econômico.

Quando são considerados argumentos como esses e explorados à exaustão, pode-se até por em cheque as teorias sobre o aparecimento do homem sobre a Terra e sua disseminação pelos vários continentes. As teorias atualmente dominantes garantem que o homem surgiu na China – até pouco tempo era na África - de onde se irradiou por toda a superfície terrestre, apesar das distintas características encontradas nos vários grupos que constituem a humanidade, tais como a cor da pele, tipos de cabelo e traços fisionômicos dos respectivos rostos. Trata-se do *Sinanthropus pequinensis*, que há uns 250 ou 300 mil anos usou o fogo, objetos de osso, fabricava armas e instrumentos de pedra lascada¹³. Embora todos sejam bípedes, tenham cabelos e conformação básica semelhante, observemos que as diferenças entre um esquimó (polo norte) e um sudanês (nordeste da África) são enormes. Essas considerações resultam particularmente de pesquisas arqueológicas, geológicas e antropológicas, portanto, na América do Sul e especialmente em grandes áreas do Brasil, a partir do momento em que realizarmos um maior número de pesquisas e mais aprofundadas, não haverá motivo para garantir que o homem não seja autóctone inclusive destas regiões, especialmente porque aqui estão terreros, de eras geológicas muito distantes. O tempo dirá!

De maneira geral o que se observa nos autores é a tentativa de encontrar mecanismos, para justificar os fenômenos observados ou sentidos. Trata-se de um comportamento permanente, que parece resultar da incapacidade humana de atingir os encantos do mundo mágico que é a Natureza, embora sintam parte dos seus efeitos. Poderíamos começar a atingir essa condição a partir do momento em que a existência ou não do limite entre energia e matéria fosse de alguma maneira melhor definida. Não se trata de formulações para cálculos, resultantes de criativos

¹³ - Internet, antonini.med.br, Ciências da Saúde, 6/12/2016, 22 horas e 50 minutos.

Renato N. Rangel

postulados e modelos, embora úteis na ciência convencional. Nesta área do saber, além da energia e da matéria, cabe um destaque especial à noção de campo, como por exemplo, campo de influência social e campo gravitacional. No tocante às concepções mais abrangentes da ideia de campo, a Mecânica Quântica tem conseguido iluminá-las com maior clareza, o que melhora a nossa interpretação dos fenômenos com os quais nos deparamos. Se começarmos com a observação da orientação imposta à limalha de ferro colocada sobre uma folha de papel, devido a aproximação de um magneto (ímã). Em seguida, a capacidade que certas pessoas manifestam ao provocar o bem-estar pela imposição das mãos, sobre a cabeça de outra pessoa, acompanhada de uma concentração, com o propósito de aliviar uma dor, é necessário admitir semelhanças quanto à interação mágica, isto é, anterior à magnética. O meio material é o mesmo. Mas afinal o que se entende por matéria? Frente à Mecânica Quântica, dizer que matéria é o que tem massa e ocupa lugar no espaço, é uma afirmação muito pobre e que na verdade limita muito a interpretação criativa. Essa concepção física baseia-se em probabilidades além da complementaridade entre continuidade e descontinuidade. Afinal, o que é matéria?

Todas as manifestações detectadas ou não no Planeta Azul, quando analisadas são abordadas segundo concepções mecanicistas, o que a nosso ver deve-se em boa parte a referida incapacidade humana de atingir a essência dos fenômenos. Observa-se que esse comportamento domina desde as manifestações físicas, químicas e biológicas, até às relações entre os seres vivos de qualquer reino ou espécie. Dessa maneira justificamos a disseminação das sementes de uma espécie vegetal, a propagação de uma praga de insetos ou de um fungo que pode consumir lavouras, como fenômenos que sempre podem ser descritos por meio de mecanismos que caibam no nosso entendimento.

Em princípio, praticamente tudo aquilo que poderia ser dito a respeito dos valores e sentido da vida já o foi, no entanto, com as mudanças nas técnicas de caráter material, passam a fazer sentido novas interpretações das nossas relações com o meio físico e suas consequências.

Renato N. Rangel

Por exemplo, os mistérios da nossa digestão começaram a ser entendidos a partir do momento em que, por artifícios muito simples, como a ingestão de um pedaço de alimento atado a um fio flexível, logo após retirado para em seguida ser analisado e, a partir desse procedimento serem identificadas as enzimas transformadoras dos alimentos. Considerando uma descoberta como essa começamos a entender o fato da transformação, todavia, não chegamos ao que governa tudo isso. Nessas andanças não podemos deixar de levar em conta que a vivência do mundo mágico permanece entremeando todo o processo racional porque na verdade a essência se encontra nesse mundo. O que segundo os racionalistas será desvendado mais cedo ou mais tarde, para eliminar qualquer interpretação que não seja a da pretensa dominação da Natureza.

É interessante notar que as manifestações artísticas seguidamente nos passam a sensação de que se encontram mais próximas do nascedouro de tudo, mesmo que frente às explicações pareçam surreais e até desprovidas de sentido. Tem-se a impressão de que essa realidade fantástica tende a aproximar-se mais daquilo que efetivamente existe, justamente porque a existência dos fenômenos não tem compromissos com os modelos racionais que construímos. As imagens mostradas pelo pintor assim como as esculturas trazidas à luz pelo escultor, basicamente não dependem do raciocínio e sim do sentimento, da sensibilidade e da inspiração, que de alguma maneira afloram no ser humano.

O Planeta Azul não depende de uma geometria ou de uma mecânica, ele existe porque acreditamos que o vemos, sentimos e imaginamos. A sua observação à distância não permite saber que encerra uma complexidade imensa, apesar de manifestar uma enorme simplicidade, quando uma análise mais consistente é levada a cabo. Como é que insetos tão pequenos como as formigas apresentam uma organização social tão consistente? Elas estão presentes em quase toda a superfície terrestre e resistem a tantas interferências, particularmente da parte do elemento humano. Como surgem peixes em regiões que por determinados períodos secam, como no caso de algumas lagoas? Estamos sempre em busca de artifícios que, à

primeira vista, permitam justificar tais fatos, entretanto, essa é uma ação que por mais acurada que seja, não nos permite atingir as origens primeiras.

Já ouvi falar que os ratos quando atingem níveis populacionais muito elevados, procuram dirigir-se coletivamente a um lago ou rio onde morrem por afogamento. Além disso, o canibalismo entre animais é um fato não incomum, sendo que essa atitude é manifesta especialmente quando ocorre o excesso populacional e em consequência a falta de alimento.

Não sei se devido ao aumento da influência dos meios de comunicação, mas a luz dos fatos noticiados parece crescer o número de homossexuais na humanidade. Tal comportamento, se efetivamente estiver ocorrendo, pode ser encarado como uma reação da Natureza ao grande aumento de população humana. Seria uma reação da mesma, no sentido de controlar a explosão populacional? Se esse comportamento for representado por números significativos, pode-se dizer que a decantada preocupação com a superpopulação da nossa espécie, em algum momento deixará de ser manchete da maneira como hoje se encontra na mídia.

Outro argumento a favor da tese do autocontrole é justamente o aumento da longevidade, pois, embora as relações sexuais possam ser estimuladas por meio de fármacos, terapêuticas psicológicas e fisiológicas, nessas condições ela deverá contribuir para a diminuição da natalidade. Tais mecanismos de controle, à primeira vista, em geral não são facilmente detectados, aliás, como já ocorreu com inúmeras transformações hoje integradas à normalidade da nossa vida. Para exemplificar citemos o desaparecimento do habito nômade dos grupos sociais, com todas as implicações sobre as tradições alimentares, o significado de família e os mitos então dominantes. Caso tais expectativas ocorram não estaremos sujeitos às projetadas catástrofes, em particular no que se refere a alimentação, usos da água e o chamado espaço vital. Para que tais fatos ocorressem, seria necessário um agravamento bem maior das condições atuais. Por outro lado, já se observa de longa data certa reação marcante da Natureza, por exemplo, com o crescimento da taxa de natalidade nas regiões onde por fome, doenças ou guerras aumentaram os óbitos. Nestes

casos a alta taxa de natalidade parece pretender compensar a destruição provocada no ambiente. A propósito, a propalada pureza de sangue da Europa, segundo uns está ameaçada de uma grande mestiçagem em decorrência da imigração forçada no sentido dos seus territórios. Movimento esse que tem data de início e não se sabe quando terminará.

A ciência e as técnicas vêm procurando amenizar essas catástrofes, porém, em última análise somente a própria Natureza é capaz de conduzir as discrepâncias para o equilíbrio. Isto porque os artifícios criados pelo ser humano, embora à primeira vista benéficos, na verdade aumentam o desequilíbrio, devido a sua incapacidade de atingir o que modernamente chamamos de visão holística, ou ainda, a natural.

À primeira vista tal fato parece ser desastroso, todavia, a própria genética tem demonstrado que um grupo de indivíduos tem mais vigor na sua manutenção, na medida em que os cruzamentos se diversificam. Segundo o aspecto fisiológico parece não haver dúvida. Sob o foco cultural, tudo leva a crer que é na diversidade que podem residir, com maior probabilidade, as ideias mais inesperadas e, dessa maneira, portadoras das novidades verdadeiramente novas.

Afinal, para quem observa à distância o planeta Terra, nem de longe pode imaginar que ocorram fatos tão complicados e ao mesmo tempo tão simples como aqueles aqui mencionados.

TERCEIRO VAGUEIO

Ainda sob o ponto de vista das relações humanas, um grande acontecimento que merece ser lembrado, foi o da decisão chinesa de se isolar do resto do mundo após atingir um alto grau relativo de desenvolvimento. Isso ocorreu entre os séculos XV e XVI, com a reconstrução da conhecida muralha, na Dinastia Ming. Justamente por esse motivo a China foi ultrapassada nos saberes por vários povos e em vários aspectos, além de ser humilhada por outros grupos populacionais inclusive de dimensões bem menores, principalmente em consequência de guerras. Porém, como toda ação implica em perdas e ganhos, as tradições culturais desse povo foram mantidas a margem dos agentes externos, o que no longo prazo pode ser considerado como um ganho, particularmente porque com o passar do tempo verificou-se que suas tradições estavam mais próximas da perenidade da vida, o que na verdade deve ser perseguido por todos nós. Estas afirmações não levam em conta a atual imposição dos interesses de algumas elites aos destinos do povo chinês, que a duras penas vai sendo consumido pelo modelo desenvolvimentista ocidental, que em vários aspectos já começa a fazer água, principalmente pela degradação do meio ambiente e alteração nas tradições milenares tanto alimentares como de saúde.

Se ficarmos apenas no que registra a história comum, o maior destaque quanto à riqueza cultural encontra-se nos seguintes casos: império persa, egípcio, grego, romano e por aí a fora. Frente à duração da humanidade isso tudo é muito pouco, porque mesmo sem conhecermos bem qual seja a sua idade, seguidamente as descobertas arqueológicas avançam mais na escuridão dos tempos. A propósito, os registros relativos às Américas e em particular à América do Sul, começam a provocar estudos mais aprofundados e tudo indica que devam contribuir com importantes alterações nos modelos ainda vigentes.

Sob a ótica essencialmente humana nota-se a presença de uma dicotomia devida ao par monoteísmo-cientificismo que precisa ser

Renato N. Rangel

superada, considerando as incertezas e divergências inconsistentes que têm conduzido o pensamento, especialmente em função das dimensões de nossa existência. Sendo assim cabe considerar a afirmação de Lipton e Bhaerman:

“Tanto o monoteísmo quanto o cientificismo afastaram o ser humano da Natureza. O fundamentalismo religioso coloca a humanidade acima do restante da criação em vez de integrá-la a todas as espécies. O materialismo científico insiste que o milagre da vida foi um mero acidente, resultante de um jogo de dados genético.¹⁴”

Existe uma espécie de insatisfação que nos impulsiona pelos caminhos da vida, sejam eles científicos, técnicos, religiosos ou filosóficos, dentre outros, daí resultando toda a construção humana registrada ou não pela História. Após uma reflexão mais detida parece que em primeira instância estabelecem-se modelos contrapostos, consequência das nossas próprias características comportamentais, todavia, em um próximo momento concluímos que a complementação desses modelos melhor satisfaz os interesses mais autênticos e consequentes.

Fatos como o movimento de migração das aves por longas distâncias, como as que se deslocam de um hemisfério para o outro e retornam ao mesmo local após certo tempo, repetindo esse périplo todos os anos, são intrigantes. Acrescente-se que essas aves voam inclusive no período noturno e sobre o oceano, sem referenciais como ilhas, por exemplo. Por que motivo e qual o mecanismo que explica tal fenômeno? Não se sabe. Em verdade existem hipóteses como a da influência do campo magnético da Terra, definindo essas rotas. Nesse caso, fatores como abundância de alimentos, temperaturas aprazíveis e facilidade de reprodução, podem provocar o fenômeno, porém, não conseguem justificar a precisão do deslocamento. Esse é um dos acontecimentos que ocorrem no Planeta Azul

¹⁴ - Lipton e Bhaerman, *Evolução espontânea*, p. 122.

e que do espaço não podem ser identificados, particularmente devido às suas dimensões.

A utilização de fenômenos físicos como a luz, a eletricidade e o magnetismo, tem provocado imensas transformações no nosso cotidiano e na linguagem comum, podemos dizer que efetuam verdadeiros milagres. Exemplos típicos são: a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão, o radar e outros mais. Os artifícios inventados para a sua utilização levaram à captação de figuras que até então não eram conhecidas, portanto não existiam tanto para ciência como para as técnicas. A visão da Lua, por exemplo, antes da invenção do telescópio permitia certo nível de imaginação que evoluiu especialmente com os avanços introduzidos na construção desse equipamento. Os acidentes observados na superfície da mesma levavam a uma interpretação que nos dias de hoje estariam mais próximos da visão poética. Com o lançamento das sondas espaciais e especialmente a visita do homem à sua superfície, houve uma grande mudança na consistência dos argumentos a propósito da mesma. Ora, no sentido oposto, isto é, do espaço para a Terra, novos entendimentos surgiram e reforçaram a percepção de que, seria impossível imaginar o que se passa na superfície deste planeta por mais aperfeiçoados que fossem os instrumentos utilizados, sem contar que as entranhas da Terra constituem um mistério.

Caso você se encontre no piso térreo de uma edificação, considere que dez metros abaixo, o que em relação ao raio da Terra é um infinitésimo, nos últimos milênios nem as raízes das plantas chegaram lá. Alguém poderia argumentar que os poços freáticos já ultrapassam essa profundidade, no entanto qualquer construção civil com mais de dois andares exige pesquisas geológicas e, mesmo assim ocorrem falhas nas mesmas porque um pequeno distanciamento entre duas sondagens pode indicar diferenças acentuadas quanto à constituição do solo. Não temos como imaginar alterações nesse ambiente, a menos que se trate de terrenos resultantes da sobreposição de camadas, por efeito da ação da água líquida dos rios ou mares, do peso da água sólida das geleiras, além dos movimentos vulcânicos capazes de fazer aflorar materiais das

Renato N. Rangel

profundezas terrestres e de amolecer as camadas sólidas próximas à superfície. Se fixarmos nossa atenção apenas nos oceanos, a título de condições de contorno do problema, é impossível conhecermos todos os fatores que os caracterizam. A influência da Lua sobre as marés terrestres é algo conhecido há milênios, no entanto só nos pareceu justificável a partir do princípio da interação entre corpos à distância, especialmente após as considerações de I. Newton, que por sinal não fez tal afirmação devido ao fato de poder ser considerado bruxo pela religião dominante, ou seja, o Catolicismo. Considerou que os seus cálculos astronômicos só teriam validade se fosse usado certo coeficiente, que na verdade estava relacionado com a aceitação da atração entre os corpos.

Nos dias atuais, cada vez mais, cresce a preocupação com o meio ambiente, isto é, o espaço em que vivemos; esse comportamento resulta da percepção de que essa nave que habitamos parece começar a apresentar esgotamento em certos aspectos. Ora é o ar, ora é a água, ora é a terra que se apresenta doente e a primeira impressão é de que tudo é função da atuação irresponsável do homem, quando altera o equilíbrio pré-existente. Essa preocupação, embora discutível, consiste em uma ideologia que tem guarida particularmente na mídia alarmista, onde o maior objetivo é vender notícias e sendo assim, quanto maior o trauma provocado mais interessante se torna a manchete em que o principal interesse é atrair a atenção do público que deve ser informado. Não há dúvidas de que em ambientes com limites de contorno menores e densamente habitados, sujeitos a chamada vida moderna, os males são indiscutíveis e exigem providências, contudo, devemos destacar que existe também a ideologia dos ciclos da Terra, nos quais alterações como a da temperatura, degelo nos polos, composição da atmosfera, distribuição das chuvas e outros fenômenos são periódicos, embora tais períodos sejam de difícil detecção quando nas dimensões da nossa percepção.

Em relação à nossa expectativa de vida esses eventos ocorrem em tempos tão dilatados que não permitem uma avaliação segura, sendo que a biosfera se adapta a eles, como alguns registros permitem afirmar; podemos considerar como exemplo o desaparecimento dos dinossauros,

Renato N. Rangel

sendo um forte argumento a favor da interpretação do comportamento da Natureza, pois, de acordo com os fatos registrados, não há dúvidas quanto à existência dos mesmos em datas pregressas e distantes. A propósito dessas considerações vale a pena levar em conta as teses do climatologista brasileiro Luiz Carlos B. Molion, o qual alega, por exemplo, que o gás carbônico (CO₂) não é problema e sim solução para vida na Terra. Argumenta inclusive que a onda de pessimismo que avança pela mídia, na verdade é orquestrada pelos interesses econômicos e de domínio político das nações do chamado primeiro mundo, através de suas grandes corporações responsáveis pelos alimentos produzidos em larga escala e pela grande indústria bélica, acrescento, eufemisticamente citada como de defesa.

De novo, a propósito do meio ambiente cabe ressaltar que em geral, apesar de tudo, o lixo mostrado na televisão, constituído por pneus velhos, garrafas pet, móveis usados, pedaços de veículos e outros, consistem apenas na ponta do iceberg, pois ainda que de mau aspecto, no curto prazo não são os mais agressivos ao ambiente, a não ser por permitir os criadouros de insetos que podem trazer malefícios às comunidades. Podemos incluir aqui os animais marinhos que morrem por ingerir materiais poliméricos supondo que constituam alimentos. Verdade é que as coisas mudam de figura quando se trata dos invisíveis, tais como, os defensivos agrícolas, os detergentes usados em casa, mesmo que biodegradáveis, os inseticidas domésticos, inclusive os que usam como veículo a água, os antibióticos usados indiscriminadamente e que já estão permitindo o surgimento de novas famílias de bactérias resistentes aos mesmos.

Esses agentes costumam ter a sua dispersão em regiões muito grandes e envolvem populações imensas, o controle da ação maléfica dos mesmos é bem mais dificultoso, porque depende especialmente do comportamento da população em geral. Não basta criar normas técnicas e legislação restritiva, porque a colisão entre os interesses das corporações produtoras e os do consumidor não são suficientes para resolver a contenda. Só a difusão do conhecimento entre as populações, pode criar um mecanismo mais eficiente de entendimento quanto à dosagem dessas

Renato N. Rangel

novas tecnologias. Depois de todo o esforço para desenvolver essas novas invenções seria um grande desperdício a sua não utilização, porém, é preciso que predomine sobre as mesmas o interesse coletivo e o deslumbramento do primeiro contato com elas seja contido, o que novamente em essência depende do conhecimento das pessoas. Esse clarear de horizonte, com certeza, não vai depender da quantidade de lixo informativo que atualmente trafega especialmente pela Internet, pois, é necessário um acompanhamento do cidadão especialmente levando em conta o caráter educacional e a didática da sua condução.

Nos dias atuais existe um entendimento do que se tem por equilíbrio na Natureza, cuja clareza parece já ser suficiente para a aplicação imediata dos seus condicionantes. Se uma indústria de couros ou de concentrado de laranja liberar os seus efluentes residuais diretamente no meio ambiente, não há dúvidas de que sérios transtornos serão provocados, particularmente nos seres vivos que habitam a região, desde animais até vegetais. No entanto, em geral, esses estragos são mais localizados, o que não deve ser permitido, porém, quando se trata da lavoura de produção intensiva o estrago é muito maior porque interfere de maneira bastante prejudicial, nos microrganismos que normalmente habitam a terra. Justamente esses seres colaboram na absorção do nitrogênio pelas plantas, sem contar que esses produtos químicos levados pelas chuvas vão alterar o ciclo de vida aquático degradando-o, porque ali também existe uma cadeia alimentar que dá sustentação a vida. Esses agentes químicos em primeira instância atuam sobre os rios e lagos, todavia, em determinados casos chegam a atingir os lençóis freáticos, muitas vezes fonte de água para o consumo humano.

Mantendo o foco no meio ambiente deve-se ressaltar que o entusiasmo com os chamados transgênicos, ainda não estudados com a suficiente profundidade e isenção, constitui um grande desafio para o futuro que se avizinha. A afirmação de que “a vida não dá saltos” tem significado, ao menos de acordo com a nossa capacidade de percepção, parece existir continuidade nas adaptações dos seres vivos, no que se refere às relações com o ambiente. Por outro lado, pode-se admitir com razoável

Renato N. Rangel

certeza, que transformações acentuadas como aquelas em que desapareceram os dinossauros, também parecem ter ocorrido, no entanto permanece a dúvida quanto à descontinuidade. Existe a crença de que a adaptação dos seres vivos que habitam a Terra é constante, ela resulta do modelo newtoniano – darwiniano largamente difundido e em geral guarnecido por interesses de caráter imediatista e utilitarista, que dão suporte à ideologia do progresso. Quando se fala em transgênicos os efeitos podem ser considerados como os de uma bomba de hidrogênio sem, contudo, causar o estrondo inicial desse artefato atômico. As mudanças causadas pelos transgênicos são muito grandes, basta dizer que uma pequena alteração no DNA de uma planta pode torná-la inacessível aos seus predadores, ou seja, insetos que deixarão de atacá-la.

A visão do Planeta Azul jamais poderá traduzir o grau de complexidade do mesmo, por mais que nos apliquemos nessa empreitada, inclusive com o eventual instrumental que a ciência e as técnicas vindouras puderem construir. Neste contexto vale lembrar que milhares de objetos siderais, que não emitem luz, passaram a ser identificados a partir do momento em que ocorreu a invenção do radiotelescópio, porque esses objetos emitem ondas de rádio. As sondas espaciais têm conseguido captar sinais que jamais poderiam ser identificados na superfície da Terra, devido às distorções provocadas pela atmosfera e pelo cinturão de Van Allen¹⁵. Aqui não se trata de uma verdadeira rendição incondicional, mas, da crença que se baseia em boa parte no levantamento constante dos saberes e conhecimentos antepassados, nos quais foi possível encontrar argumentos válidos frente à nossa capacidade de entendimento, o que é algo a considerar.

A interpretação dos fenômenos observados pelos nossos antecessores teve como denominador comum a experimentação, em todas as dimensões então imaginadas. Assim deve ter acontecido com o fogo, a

¹⁵ - Trata-se de uma região onde ocorrem fenômenos atmosféricos devido a concentração de partículas no campo magnético terrestre. O fenômeno ocorre preferencialmente na região equatorial. São dois cinturões com formato de anel e centro no Equador. O primeiro anel encontra-se a aproximadamente 3 mil km da superfície da Terra e o segundo entre 15 mil e 25 mil km. São principalmente íons de Hélio, trazidos pelos ventos solares.

chuva, o vento; na outra ponta, a utilização da alavanca e da roda no sentido mais amplo, foi algo que tornou o ser humano mais poderoso frente a tudo que constituía o meio em que ele vivia. Ocorre, porém, que nessas andanças pelo esclarecimento dos fenômenos, sempre esteve presente o aspecto fantástico, ou melhor, o componente mágico, que começa com a origem da vida e a partir daí vai perpassar toda a nossa existência. Tudo isso resulta de uma mistura confusa entre concepções como as de Opárin (1894 – 1980), cientista russo que publicou um livro sob o título “A origem da vida”, com as suas figuras racionais a propósito da origem da vida e outras como as de Dante Alighieri, florentino (1265 – 1321), ainda que não contemporâneo, quando descreve todas aquelas visões dantescas contidas na sua Divina Comédia. Antes de Opárin, o austríaco Schroedinger (1887 – 1961), já havia publicado outro livro com a mesma preocupação (O que é vida?), o que continua na moda, pois, trata-se de um tema instigante. Convém destacar que a inclusão de Dante nesta abordagem, tem como intento realçar a ótica idealista, ou seja, sem preocupação com o mundo palpável. Grosso modo podemos dizer que duas maneiras de interpretação são consideradas: a materialista e a idealista, ou ainda, a ateia e a deísta. Assim, como os idealistas aceitam afirmações indiscutíveis e que do ponto de vista racional são insustentáveis, mesmo que os fatos levem a crer, os materialistas não conseguem transpor as barreiras essenciais, porque os seus modelos continuam grosseiros, frente à realidade documentada. Estes últimos, à medida que avançam nos seus experimentos e raciocínios, defrontam-se com uma região de penumbra em que só resulta a crença e mais, quando esses modelos chegam às maiorias passam a constituir uma verdadeira fé.

Vejam como é interessante, tanta água rolando sob a ponte sem que o observador do Planeta Azul consiga perceber, sendo que caso positivo, poderia dar uma mãozinha a todos os campos do conhecimento: ciência, religião e filosofia. Quando um cientista da atualidade se apresenta em um canal de televisão convidado para falar sobre a origem dos planetas, é incrível como afirma com grande convicção que esses astros resultaram da aglomeração de partículas que existiam no espaço, devido à força de

atração que surgiu entre elas, a partir de determinado momento. Ainda mais, garante que tal fenômeno ocorreu há uns vinte bilhões de anos. Ora, que segurança pode ter no que se refere a essa consideração, especialmente frente aos nossos horizontes de entendimento e vida. Mesmo considerando-se todas as técnicas tais como a do carbono 14 e outras ligadas ao mundo subatômico, afirmações como essas podem ser interpretadas como se fossem dogmas. Da mesma maneira, o tempo de vida de determinados isótopos é algo que foge à nossa capacidade de percepção. É um fenômeno que no cotidiano do ser humano, dificilmente, para não dizer impossível, terá um significado consistente, na ordem de grandeza da nossa vida. Trata-se de abstrações que como na Matemática, só fazem sentido em um imaginário ao qual nem todos têm acesso.

Da mesma forma que podemos desmerecer raciocínios como os apontados acima, por não serem mais que abstrações elaboradas com esmero, são consistentes as idealizações imaginadas em várias circunstâncias, inclusive porque existem comprovações documentadas. Dentro desta ótica cabe destacar as previsões que foram feitas, quando da construção da atual Tabela Periódica dos Elementos Químicos, sendo que os elementos até então desconhecidos, tiveram a previsão de suas características químicas e físicas com grande precisão, em data bem anterior às suas descobertas. Esse é um argumento forte na direção da aceitação dos modelos racionais, que pretendem dominar particularmente os critérios científicos, todavia o modelo geocêntrico devido a Ptolomeu também era científico e, no entanto, foi substituído pelo heliocêntrico proposto por Copérnico. No caso a preocupação maior é com os modelos que envolvem tempos muito longos, pois, o chamado Princípio da Incerteza é um componente presente em tudo que compõe a vida, no sentido mais amplo.

Para exemplificar, por meio desse princípio, e levando em conta que no mundo tudo está em movimento, quando se pretende localizar uma determinada partícula subatômica, não existe a possibilidade de precisar a sua posição em relação a um determinado referencial; a única alternativa com esse propósito é, por via Estatística, portanto, Matemática,

Renato N. Rangel

estabelecer certa probabilidade de localização da partícula. Como estatisticamente não existe probabilidade cem por cento para um determinado fenômeno, por maior que ela possa parecer, sempre resultará alguma porcentagem do improvável, logo a exatidão de uma medida na verdade é um limite imaginário e inatingível. No caso daqueles fenômenos que na nossa percepção podem ser considerados como macroscópicos, costumamos admitir uma medida como exata ao torna-se desprezível a oscilação ao redor do tal limite imaginário. Neste ponto vale a pena destacar que o ferramental matemático tem sido muito útil, no que se refere à interpretação do mundo físico, mesmo sabendo-se que o referido é construído por uma abstração lógica e seguidamente baseado em artifícios geométricos, como no caso do Cálculo Diferencial e Integral.

Se considerarmos a vida de um ser humano tal que sua existência seja semelhante à de um radioisótopo que dura uma pequena fração de um segundo, seriam necessárias muitas gerações para que fosse possível perceber alguma mudança no meio ambiente. De acordo com esse modelo, em um Universo com bilhões e bilhões de anos de existência, cinco mil anos não têm significado relevante, como critério de previsibilidade frente ao comportamento da Natureza, a não ser fenômenos como as quatro estações do ano, que dentro da nossa percepção parecem não se alterar. Quando tal acontece, essas alterações são atribuídas às manchas solares, ao fenômeno “El niño” e assim por diante, porém, as modificações mais profundas provavelmente nem sejam percebidas, novamente devido à ordem de grandeza do que se tem por dimensão de uma vida. Diante do que vem sendo afirmado e construído, pode-se ter a impressão de que tudo está perdido e então, não vale a pena ter maiores preocupações com o que ocorre ao nosso redor, o que não constitui o objeto deste texto, pois, na verdade a nossa maior finalidade é viver dentro de certos parâmetros éticos que justifiquem a coexistência com a Natureza, em sintonia com os seus elementos constituintes básicos.

QUARTO VAGUEIO

Na atualidade é comum nos depararmos com a afirmação de que o mundo moderno depende essencialmente da energia, isto é, da disponibilidade da mesma para os mais diversos usos. Em verdade os seres vivos sempre foram muito dependentes da mesma, todavia, a concepção predominante nos dias atuais está mais relacionada com a capacidade de transformação do meio ambiente e produção de bens materiais, para os quais é direcionada a atenção das pessoas, como objeto de desejo e todas as suas consequências positivas ou negativas. Isto porque especialmente as construções atribuídas ao homem não conseguem alcançar a manutenção do equilíbrio necessário à existência perene da Natureza. Desde as habilidades que levaram ao domínio do fogo, da alavanca, da roda, na mais longínqua antiguidade, até a construção dos submarinos atômicos e a descoberta do DNA (ácido desoxirribonucleico), além de suas alterações benéficas ou maléficas, diante da eternidade, ou melhor, um tempo que não conseguimos medir ou interpretar, são fatos para os quais não podemos ter um entendimento totalmente confiável no que tange a utilização dos mesmos. O único caminho que nos parece mais seguro é utilizar desses artifícios com parcimônia, observando o andamento da Natureza, o que com certeza descola do consumismo desenfreado, inclusive lastreado no argumento falso do progresso, especialmente porque em geral este não visa o crescimento das relações interpessoais, devidas às diferentes culturas e a Natureza. Na realidade a noção de progresso tem sido utilizada, especialmente no que se refere aos meios materiais, para impor aos grupos sociais mais expostos modelos alheios aos verdadeiros interesses destes, particularmente com a intenção de dar vazão aos seus excedentes, de tal forma que o seu sistema produtivo permaneça ativo, sadio e crescente.

De novo, quanto à energia, o mundo atual continua dependendo em grande escala dos chamados combustíveis fósseis: petróleo, gás natural, carvão e xisto; as sociedades materialmente mais ricas têm imposto às mais

pobres, porém bem aquinhoadas na sua constituição geológica, o seu poder esmagador sobre aquelas cujas parcas possibilidades técnicas e econômicas são evidentes. Tal continua a ocorrer mesmo depois da constituição do cartel, das nações possuidoras em larga escala do chamado ouro negro, conhecido como OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo). Prova desse argumento são as guerras entre as nações do oriente médio, provocadas por interesses externos, em consequência da divisão territorial criada especialmente pelos britânicos, quando se retiraram da região para enxugar as dimensões do império, em particular durante a primeira metade do século XX. Inclusive outros países da Europa participaram dessa dominação truculenta e abusiva do Oriente Médio e África, impondo normas de ação favoráveis apenas a si próprios, contudo, merece especial destaque o Império Britânico, aquele onde o Sol nunca se punha.

O aspecto azul com regiões esbranquiçadas do Planeta Azul é devido às nuvens, particularmente constituídas por vapores de água, quando não de poeiras e gases emitidos por vulcões e modernamente, algumas vezes, por gases resultantes da queima dos combustíveis fósseis. É interessante notar que devido à órbita elíptica da Terra em relação ao Sol, o verão dos polos é alternado com periodicidade bem definida, o que como consequência apresenta, por exemplo, as noites brancas de São Petersburgo, na Rússia. Trata-se de fenômeno pelo qual, no horário noturno, tem-se um grau de claridade semelhante ao amanhecer de um dia normal. Para quem vive nos trópicos é muito interessante, pois, embora não escureça, a iluminação pública é ligada no período que corresponderia à noite. Um fato a destacar nestas ponderações é que, uma simples e pequena inclinação no eixo da Terra leva a marcantes variações de temperatura entre os Polos e a Linha do Equador, sendo que nas proporções planetárias consideradas, as distâncias entre os Polos e o Sol não são tão diferentes daquela entre a Linha do Equador e o Sol. Quando o Planeta Azul é observado de longe, essas diferenças dificilmente serão percebidas com nitidez, porque na escala do Universo trata-se de alterações desprezíveis. Ainda nessa ordem de grandeza, qual a importância da variação do nível dos Oceanos, do aumento ou diminuição

das chamadas geleiras eternas? Todavia, quando as dimensões dos fenômenos passam a caber na ordem de grandeza da Terra, torna-se evidente a necessidade de considerar as variações citadas anteriormente, em especial devido à interação entre os seres que a coabitam e deles com o planeta. Aqui se trata, por exemplo, do dia, da noite, das estações do ano, das correntes marinhas e das fases da Lua.

Na convivência entre os seres que o coabitam, quando por aproximação se atinge uma ordem de grandeza perceptível, passa-se a notar quão fria e objetiva é a relação entre esses indivíduos vivos, em consequência da necessidade de manutenção das espécies e incluindo certa cadeia de dependência, que coloca uns no topo da mesma, por se encontrarem praticamente isentos de predadores. Grosso modo trata-se, por exemplo, de seres vegetais que têm a sua existência garantida devido ao parasitismo até predatório, responsável pela manutenção da vida desses parasitas, como no caso das orquídeas e dos cipós. Quanto ao reino animal, é notória a dependência dos carnívoros em relação aos herbívoros, estes últimos com a capacidade de transformar as fibras de celulose em proteínas, passam a compor a principal fonte de alimento dos carnívoros. A esta altura é interessante lembrar que as baleias, incluídas entre os cetáceos, alimentam-se em larga escala de plânctons marinhos, dentre estes os fitoplanctons que são os grandes responsáveis pela produção do oxigênio que se encontra na atmosfera, portanto, inclusive pelo oxigênio que se acha dissolvido nas águas dos mares, fator decisivo para a vida aquática. Um tigre quando ataca um cervo, tem como finalidade única e exclusiva a sua manutenção física ou de seus descendentes.

Os animais e vegetais que se encontram mais próximos da base da cadeia alimentar, em geral são de porte menor e costumam reproduzir-se com maior intensidade, segundo a nossa compreensão da Natureza, quem sabe para dar suporte ao restante da cadeia. Aqui cabe uma consideração especial aos germens e vírus, que fazendo parte do mesmo ambiente, aparentemente têm ação deletéria, pois, têm a sua manutenção garantida pelo consumo de outros seres de qualquer porte. São capazes de agir como solução para os casos em que se atinge populações muito grandes de

Renato N. Rangel

qualquer espécie, o que com certeza poderá garantir o equilíbrio no que tange a vida na superfície da Terra. Com esse propósito, outro fator importante é a fome, consequência de mudanças climática ou guerras entre populações, que como consequência dificultam a produção de alimentos. Durante muito tempo a fome foi um fator decisivo na manutenção do controle natural das espécies. Atualmente, embora tal fenômeno persista em algumas regiões, boa parte da humanidade tem conseguido driblar esse flagelo, usando técnicas de cultivo e irrigação muitas vezes discutíveis, em especial devido à irresponsabilidade com o futuro do meio ambiente. É verdade que boa parte dessa riqueza tem sido obtida usando tecnologias que envolvem pesticidas, inseticidas e hormônios, sem falar da novidade denominada transgenia, aplicada aos vegetais e animais. Essas novidades fazem parte daquelas soluções que constituirão os grandes desafios do futuro, de maneira semelhante aos rejeitos das usinas atômicas, os quais já constituem um grande problema no presente, sem perspectivas de solução no médio prazo. Por enquanto os custos ambientais e aqueles que implicam em técnicas para o tratamento dos contaminantes são incalculáveis, o que no longo prazo tem um balanço custo-benefício altamente desfavorável.

Os comentários que por último foram acrescentados sugerem a proposta de cenários que, dentro de uma perspectiva mais alongada deverão constituir fatores complicadores, porque o conhecimento metodológico da ciência deverá ter sua existência associada a “correr atrás do prejuízo”, tendo em vista que a alteração do equilíbrio só poderá levar a novos desafios, embora a princípio pareça estar melhorando o ambiente natural. Ao que tudo indica essa sucessão de fatos deve corresponder a algo inexorável: o ser humano tem como destino a permanente busca da perfeição sem, contudo, saber onde ela se encontra e qual caminho é mais promissor. Mesmo com todo o aparato construído pela mente humana, as previsões estão intimamente dependentes das tentativas na base do binômio erro – acerto. Basta observar, por exemplo, a satisfação e as comemorações das equipes técnicas, quando conseguem colocar um objeto na Lua, mesmo que a certa distância do alvo e com o ferramental físico-matemático disponível. Essa atitude é natural porque o

conhecimento científico nunca será suficiente para garantir sucesso absoluto. Nessas circunstâncias, atingir a Lua já foi um grande feito.

Para esclarecer, convém registrar um comentário relativo às expressões que seguem: complicado, complicadores e complexidade, porque volta e meia surgem no presente texto, pretendendo significar algo que depende da incapacidade de destrinchar os fatos e percepções encontrados pela vida. As mesmas não visam garantir que efetivamente tais sucedidos sejam considerados complexos por definição, isto porque, segundo nossa crença, os fatores que com certeza constituem a origem de tudo devem ser simples. Com a pretensa intenção de justificar essa concepção, por exemplo, consideremos o que ocorre com o sistema numérico binário, que embora tão simples permite-nos lidar com números e equações de alta complexidade, da mesma forma que o sistema numérico decimal. Essa é uma janela aberta para possibilidades tão amplas como a citada, inclusive em outras áreas do saber.

QUINTO VAGUEIO

Imagine se um observador externo ao Planeta Azul seria capaz de admitir que, entre os seres vivos nele existentes poderia haver sentimentos como, por exemplo: de ódio, inveja, rancor, amor, preconceito, vingança e outros. São ações ou atitudes que podem ser percebidas unicamente por meio da convivência, o que implica especialmente na existência de grupos e que, além disso, dependem fortemente do surgimento daquilo que se denomina por cultura de um povo. Tais sentimentos constituem parte do imaterial que se encontra presente na nossa vida e, que têm um poder de atuação muito grande em todos os aspectos, no transcurso da nossa existência. Em princípio, parece que na verdade os sentimentos básicos são os de atração e repulsão ou amor e ódio, a partir dos quais ocorre um refinamento de ações que leva aos outros, com todas as suas manifestações devidas a características particulares, embora nem sempre bem definidas.

Esses sentimentos têm cargas variáveis de racionalidade e de irracionalidade, as quais predominam em função de fatores internos e externos a cada ser, o que permitirá distinguir indivíduos com variadas personalidades. Elucubrações à parte, a História registra fatos suficientes para considerar essas ponderações viáveis, inclusive nos encaminhando para um grau de complexidade maior, no que tange à compreensão do comportamento humano. Daí o surgimento de áreas do conhecimento como a Psicanálise e a Psicologia, sem contar que a interpretação fantástica, inclusive anterior às duas áreas apontadas, existe desde que o homem se entende como tal, ou seja, diferenciado dos outros seres vivos. Diferente porque sabe que vai morrer, é capaz de construir alternativas de vida, tem percepções extra-sensoriais e, ainda, possui a capacidade de criar modelos com a pretensa finalidade de interpretar essas alternativas. Essa ponderação independe do fato de se saber que certos animais têm capacidades como a de prever terremotos e no caso dos cães, perceber a presença de células cancerosas no nosso corpo e o desequilíbrio glicêmico, além de outros fenômenos da Natureza.

Entre nós, viventes mortais, predomina o modelo que aceita reduzir toda a complexidade visível a alguns poucos princípios interpretativos das coisas mais simples, verdadeiramente responsáveis por toda a construção baseada no que foi percebido. Assim, a constituição intrincada de um simples copo de água, em verdade poderia ser reduzida a interação de frequências ondulatórias resultantes da presença de campos elétrico e magnético, os quais interagem entre si de tal forma que o resultado final é o corpo aquoso. Opa parece que agora eu viajei! Essa é uma interpretação científica, mesmo que tenha ido buscar inspiração em pensamentos muito antigos, especialmente do oriente e bem anteriores à moderna concepção de ciência. A coisa complica mais quando além do que foi dito, passamos a tratar de corpos que se movimentam sem que aparentemente haja ação externa, têm a capacidade de se reproduzir, mantêm características grupais e conseguem comunicar-se entre si. Quando esses corpos que passaremos a denominar por seres, manifestam a capacidade de criar por meio de figuras, cores e sons, algo capaz de provocar sentimentos de paz, irritação, satisfação e temor dentre outros, atingimos um nível de dificuldade tão grande que só pode ser apresentado e pretensamente justificado por aqueles que vivem o fantástico, ou seja, estão em consonância com o que se explica pelo moderno holístico.

Segundo essa ótica, nas dimensões da existência do ser humano, tudo indica que o xamã pode ser considerado como o elo que liga o mundo dito material com as chamadas percepções imateriais. Aliás, algo importante que vale a pena destacar neste momento é o que acontece com os xamãs dos nossos índios (pajés) os quais, nos processos de cura afirmam que a sua ação consiste em encarnar para si os males do enfermo, para em seguida devolvê-los à Mãe Natureza. A um procedimento semelhante foi submetido o professor e naturalista brasileiro Augusto Ruschi¹⁶, por pajés de algumas tribos, com a finalidade de curá-lo de enfermidade do pulmão adquirida em suas andanças pelas matas que pesquisava. Quando o referido professor já

¹⁶ - Agrônomo, ecologista e naturalista brasileiro, natural de Santa Teresa, ES, 12/12/1915. Professor Titular da UFRJ. Produziu mais de 400 artigos e mais de 200 livros científicos. Patrono da Ecologia no Brasil, lei federal de 1994.

se encontrava desenganado pelas técnicas da medicina convencional, tudo indicou que os pajés conseguiram dar-lhe, ainda, um bom tempo de vida, isto com base nos relatos do próprio paciente.

Certa manhã em plena primavera, enquanto os bem-te-vis e os sabiás saltitando entre os ramos das arvores cantavam, sem sobressaltos, porém, de maneira inexorável seguia a vida. Para uns de forma até tediosa, porque já possuidores de praticamente todos os bens materiais objeto de seus desejos, muitas vezes encontram-se insatisfeitos por não terem conseguido atingir intentos mais elevados como, por exemplo, o reconhecimento de seus pares. Este fator depende muito mais do grau de sensibilidade e da elevação de propósitos desenvolvidas, principalmente no trato com os nossos semelhantes e com o meio natural em que estamos inseridos. Por esse motivo, várias dessas pessoas recorrem ao vício, sendo que na maioria entregam-se ao alcoolismo, quando não outras drogas, com a intenção de aliviar seus sentimentos de derrota e insatisfação. Para outros, cada dia encerra uma verdadeira luta pela sobrevivência, procurando obter ao menos os mínimos necessários para a manutenção da vida. Estes últimos, em geral, não têm tempo para descontentamentos com o dia a dia, pois, a luta é permanente. Percebem que estão sempre à beira do abismo; é necessário que mantenham vigilância constante, tendo em vista que mesmo quando encontram um local mais apropriado para um breve repouso, estão sujeitos a perder até os mínimos utensílios conseguidos no lixo.

É interessante notar que em geral nessas pessoas encontramos uma grande dose de ânimo, inclusive manifestações de patriotismo; costumam apresentar alto grau de solidariedade não só com os seus semelhantes, mas até com animais com os quais convivem. Quando da realização da Copa Mundial de Futebol no Brasil, era comum encontrarmos pessoas coletoras de materiais recicláveis portando hasteada em seus carrinhos a bandeira do Brasil. Vejam como é interessante esse comportamento, em pessoas que na verdade são em boa parte consideradas excluídas da chamada sociedade, porque na realidade unicamente os que têm certa capacidade de consumo, para efeitos estatísticos, constituem a sociedade ativa com a

Renato N. Rangel

qual lida o poder dominante. A propósito, outra ponderação que a esta altura cabe perfeitamente é a questão dos alcoólatras, porque nesses personagens essa atitude constitui uma válvula de escape quanto aos desencantos e aflições, que precisam ser contidas no cotidiano de cada um. Normalmente essas pessoas não usam a cocaína e outras drogas de ação mais intensa, pois, aquelas que as usam foram conquistadas, em geral, nas classes mais abastadas e por motivos diversos daqueles que impõe a estratificação social.

Mas por que essa digressão? Porque, a respeito do Planeta Azul todas as considerações são pertinentes, pois, elas fazem parte da complexidade criada por nós na superfície do mesmo. Acredito que algumas pessoas tenham sido excluídas da sociedade de consumo por opção, no entanto a maior parte foi empurrada para essa condição, em consequência das injustiças sociais impostas por quem tem o domínio dos meios de ação, seja pelas condições de família ou pelas espertezas, sendo que estas últimas pessoas são vistas muitas vezes como possuidoras do chamado espírito empresarial ou “animal” e no melhor sentido possível. É muito comum o alardeado daqueles que com entusiasmo defendem essas espertezas, em particular daqueles que desfrutam de algumas migalhas, isto porque, na verdade não se trata de valores ideais, mesmo que discutíveis, mas da defesa de interesses mesquinhos.

Quem observa o Planeta Azul à distância, não consegue perceber que o atual estilo de vida criado pelo ser humano, tem se afastado dos princípios básicos que governam a Natureza. Quando se passou da vida nômade lastreada na coleta, para a sedentária baseada na agricultura e pecuária, embora de maneira imperceptível, começaram a surgir problemas com no uso da água, crescente desmatamento e deficiências de higiene coletiva, isto porque os resíduos devidos às atividades desses grupos passaram a se acumular, criando inúmeras novas questões a serem resolvidas. A partir desses prepostos, insetos e outros animais, como os ratos, que viviam dispersos na mata, passam a proliferar em larga escala, junto a esses grupos populacionais, trazendo consigo os efeitos maléficos, especialmente. As pestes, as pragas, são exemplos típicos desses inconvenientes, com os quais

Renato N. Rangel

as coletividades humanas passaram a conviver. Após muitas perdas de vidas e prejuízos quanto aos aspectos econômicos, técnicas foram desenvolvidas com a finalidade de defender essas comunidades que emergiam a todo tempo. Com isso o xamã perdeu status, porque o seu conhecimento fora desenvolvido por tradição e para lidar com os fatores básicos da Natureza, o que, a partir dessas mudanças levou ao desenvolvimento de novas técnicas, ou seja, a experimentação que constantemente se altera em função das novas necessidades que vão surgindo. Um pouco de curiosidade aqui, um pouco de racionalidade ali e inclusive de certa capacidade intuitiva, foi nos levando a uma construção humana que resultou em toda a parafernália dos nossos dias. Sem levar em conta a imprevisibilidade futura, esse empreendimento constituiu-se na âncora do momento, inclusive aliviando-nos das possíveis ações que pudessem atuar sobre a psique, salvando-nos ou não de algum mal, como sempre ocorreu, além de parecer conseguir adiar o pior, sendo que para nós, em geral, associa-se à morte.

Vivemos em um mundo no qual ninguém deve sentir dor e todos os esforços precisam ser envidados no sentido do não afastamento da linha de produção, somos simples peças de um mecanismo que tudo destrói e tudo constrói, na direção e sentido de um futuro desconhecido, porém, aguardado com ansiedade e grande expectativa. Vejam o que acontece atualmente com os aparelhos eletrônicos, medicamentos, automóveis, combate às pragas, avanços no espaço sideral e assim por diante. Basta o acompanhamento da mídia comum (de massa), para que tenhamos uma boa ideia do avanço dessas preocupações, mesmo no que se refere àqueles de nós com menor preparo intelectual. A propósito, lembremos que, por mídia devemos destacar particularmente a televisiva, sabendo que a Internet caminha a passos largos no sentido de dominar a informação, embora nos dias atuais prime pela superficialidade e irresponsabilidade no que tange à análise das abordagens.

Como se trata de vagueio, podemos aproveitar para destacar que, fatos interessantes a serem notados são os que se apresentam ao procurarmos, por exemplo, deter a ação nefasta das formigas aplicando inseticidas. Após

Renato N. Rangel

algum tempo notamos que certo número desse inseto adquire resistência ao veneno, o que garante a manutenção da sua espécie; fenômenos semelhantes ocorrem com as bactérias quando atacadas por técnicas desenvolvidas pela ciência, a exemplo os antibióticos; as pragas vegetais também reagem de maneira parecida quando sujeitas a ação dos pesticidas construídos pelas técnicas mais avançadas. Temos a impressão de que toda a alteração imposta ao equilíbrio pré-existente, com certeza será compensada por ações que imponham o retorno ao referido equilíbrio, mesmo que para tal deva transcorrer um tempo muito longo, segundo o nosso entendimento ou a nossa ordem de grandeza a esse respeito.

Não parece fora de propósito admitir que o Planeta Azul na verdade seja um corpo vivo, tanto pela presença das espécies que o habitam como pela estrutura total que o constitui, incluindo os vulcões, as marés, os ventos, as chuvas e o movimento das geleiras entre outros. Faz sentido até admitir certa pulsação do Planeta, ainda não confirmada, em consequência das deficiências de sensibilidade dos equipamentos de registro construídos até o momento. Esse fenômeno poderia corresponder aos movimentos devidos às eras glaciais ou às grandes alterações geológicas. Para ilustrar levemos em conta que até relativamente pouco tempo o planeta Terra era considerado como uma esfera ligeiramente achatada nos polos, no que foi alterada para um formato que mais se assemelha a uma pera¹⁷. Uma constatação como essa no curto prazo não altera grandemente os estudos e interpretações, porém, com o passar do tempo, seguramente, irá interferir no entendimento dos fenômenos estudados.

Outro aspecto interessante a ser considerado é que entre os animais persiste o comportamento de domínio de uma determinada área, marcada em geral por um macho, tal que, a alimentação e a reprodução naqueles limites têm por definição um dono que deve ser respeitado, inclusive porque o eventual invasor corre risco de morte. Trata-se de um poder estabelecido pela própria Natureza e que em geral é respeitado; faz parte

¹⁷ - É um geoide, definido por Gauss, que representa de maneira aproximada e grosso modo, o formato da Terra. Se assemelha a uma pera achatada.

do seu equilíbrio. Com maior ou menor intensidade esse comportamento é detectado nos mamíferos, nas aves, nos peixes e assim por diante, logo, deve fazer parte da ordem natural dos fenômenos que ocorrem no planeta. É um poder concedido que, com certeza deve fazer parte de uma estrutura bem maior. No caso do homem, com a evolução das relações sociais, construiu-se uma figura de poder que vai além das primeiras necessidades, isto é, a manutenção da própria vida e a reprodução. Esse princípio de poder fluiu para a posse dos bens materiais e do conhecimento que domina, incluindo-se aí as ciências, as técnicas, as religiões e até as artes. Tais áreas do conhecimento constituem os meios, pois, através das mesmas pode-se exercer o poder, sob todos os aspectos.



SEXTO VAGUEIO

Outro setor do conhecimento e das inter-relações que deve ser abordado é o da política, fator decisivo especialmente quando se trata da vida em comunidade. É por meio da política que se pode exercer o poder efetivo, inclusive pelo uso dos conhecimentos adquiridos nas áreas apontadas no quinto vagueio. A partir dessa ponderação cabe destacar que, a rigor, o conhecimento político deve atuar com ações que criem objetivos e expectativas futuras, além das necessidades do momento, o que com certeza vai depender da qualidade de seus agentes. A propósito, a escolha desses agentes tem seguido trâmites variados, no correr do tempo. Do ponto de vista histórico, partimos de uma liderança imposta pela força muscular e finalmente atingimos o modelo em que a escolha do mesmo inclui as maiorias de uma coletividade, mesmo que o processo utilizado possa ser questionado. Em consequência o poder será entregue a indivíduos que após submeterem-se a esse procedimento, adquirem o status necessário para o comando das decisões orientadoras do presente e do futuro.

Se considerarmos apenas os passos anteriores e de maneira idealística, o futuro do grupo social estará assegurado, no entanto, como o elemento humano apresenta as suas idiossincrasias, mesmo que vantajosas em determinadas circunstâncias, em geral prejudicam esse processo de escolha. Por quê? De maneira natural esse elemento costuma colocar o interesse particular adiante do coletivo e, diga-se de passagem, isso ocorre em qualquer regime escolhido para governar uma coletividade. A intensidade desse procedimento pode ser menor no início, porém, com o passar do tempo os “donos” do poder deixam de representar os interesses dos representados. Afinal, qual a origem de toda essa confusão? Acontece que, quando um grupo social tem o seu número de indivíduos muito aumentado, é impossível reunir todos em um determinado local, para que cada um se manifeste a propósito do tema em questão. A partir daí, se começa de alguma maneira a escolher os representantes, como

consequência de uma necessidade. É verdade que dentre os indivíduos constituintes do grupo, tem início certa diferenciação de comportamento, isto porque, é impossível que todos tenham os mesmos interesses tanto nos temas em discussão como na forma de poder que será concedido ou conquistado. Se compararmos o que está escrito aqui com o que vem ocorrendo entre nós nos dias atuais, é como já se disse: nada a ver! Aliás, alguém já me alertou que: enquanto o homem for esse ser que caminha sobre duas pernas, em essência, nada terá mudado.

Ainda a propósito da política, particularmente aqui entre nós no Brasil, por motivos até certo ponto justificáveis, predomina a imagem de uma atividade qualificada como de baixo valor e associada ao crime. Parece que essa qualificação resulta em boa parte da maneira como a mídia conduz o seu discurso e, aqui não se quer dizer que ela deva endossar todas as ações dos chamados políticos. Tem-se a impressão de que se trata de algo intencional e com finalidades escusas, ainda mais, objetivando a desmoralização das instituições, de todas as iniciativas políticas e inclusive propiciando vantagens a determinados grupos ou até indivíduos, em detrimento dos interesses maiores da coletividade. A propósito, alguém já disse que “a mídia não é a vestal que se faz crer” (Carlos Heitor Cony). Apesar desses malefícios, é melhor que a mídia seja livre, porém é necessário que o cidadão tenha preparo intelectual e lucidez no que tange a interpretação das nuances de editoração e inclusive a justiça não seja tão morosa e ineficiente, quando se trata de certas causas.

A História registra que esse tipo de comportamento sempre existiu e, em determinados momentos foi predominante, ao ponto de levar a convulsões sociais, como sempre, com todos os seus aspectos positivos e negativos. Porém, essas manifestações foram causadoras de traumas que se prolongaram por anos a fio, dificultando o aperfeiçoamento das relações sociais de um povo. Na verdade, em qualquer grupo social, a política é uma necessidade fundamental porque atinge desde as questões mais simples até as mais complexas e, é por meio dessa arte ou saber que se consegue conduzir os acontecimentos por caminhos menos desastrosos ou mais convenientes ao equilíbrio do comportamento social.

Renato N. Rangel

Essa arte deve ser estimulada desde a mais tenra idade, no lar e na escola, para que as tensões nas relações entre as pessoas sejam amenizadas e as questões resolvidas da melhor maneira possível e no momento mais apropriado. Caso essa atitude fosse levada adiante teríamos um futuro mais promissor, tanto do ponto de vista individual como coletivo. É como no caso da escola, se o estímulo à docência for inexistente ou negativo como esperar uma formação de qualidade aos egressos da mesma senão os efeitos danosos conferidos à sociedade. Até hoje toda sociedade que efetivamente trouxe luzes para a grande construção humana, foi capaz de realçar os seus valores e transformar os modelos anteriormente produzidos por seus antecessores, de maneira a aperfeiçoá-los. Os fatos registrados na História Antiga e na História Moderna são comprobatórios da afirmação anterior, o que nos autoriza a admitir que tanto no presente como no futuro e de maneira semelhante todo o essencial continuará a acontecer.

No mundo atual existe uma forte tendência à padronização escolar, o que apesar de discutível é do ponto de vista econômico mais condizente com as necessidades dos grupos sociais. Sabe-se que a escola é uma espécie de camisa de força imposta particularmente ao jovem, isto porque todos são obrigados a se ajustar à mesma, sem considerar suas capacidades e interesses; evidentemente existem aspectos positivos como, por exemplo, a socialização necessária à vida em coletividade.

Na medida em que a raça humana foi se disseminando pela superfície do Planeta Azul, e essa é uma crença que se procura documentar, a sua interação com o meio-ambiente foi conduzida de tal forma que a integração com o mesmo era total, isto é, uma interdependência tal que tudo podia ser representado como um único corpo, capaz da manutenção da vida de forma perene. Existia uma acentuada continuidade entre os humanos e o meio-ambiente, porque de certa maneira tudo estava sob o domínio dos mesmos elementos básicos, que governam a existência dos seres vivos, ou seja, o equilíbrio entre o crescimento de uma população e a necessidade do controle do mesmo, para efeito da garantia de estabilidade do sistema como um todo. Essa concepção é constatada até hoje, por exemplo, entre os índios que vivem isolados no interior da Amazônia. Tanto é que um dos

Renato N. Rangel

primeiros efeitos do contato desses grupos com o chamado homem civilizado causa grandes danos às referidas comunidades, inicialmente pelas doenças transmitidas àqueles que viviam isolados, e logo em seguida pela destruição da sua cultura de integração com a Natureza.

Na outra ponta o avanço da dita civilização, por regiões de matas ainda não desbravadas têm causado o aparecimento de doenças desconhecidas até então e que, embora existentes naquelas regiões, em princípio não afetavam os que habitavam aquele ambiente. Se elas afetavam eram tidas como uma manifestação de forças naturais superiores, o que levava os constituintes do grupo atingido a supor que alguma entidade proibia a ocupação daquela região. Trata-se do sobrenatural, o mágico. Dessa maneira, em comunhão com o meio-ambiente, uma coletividade pode viver para sempre porque a adaptação é inquestionável e, entre as perdas e ganhos, a vida se mantém. O princípio da evolução, no entanto, parece rondar o ser humano desde o início e, contribuir para uma construção que acreditamos ser humana, apesar de certa inexorabilidade não controlada internamente pelo referido ser. Trata-se de outra crença que exige a constante busca de argumentos, para garantir a sua manutenção.

O que seria essa ausência de controle? Nada mais que a incapacidade de domínio total sobre o processo que orienta a construção humana, daí a corrida permanente na busca da solução das questões postas com o passar da vida, tanto as de caráter natural, isto é, aquelas que independem da vontade humana como as resultantes da própria estrutura criada por nós. Assim, a necessidade de nos alimentar, ingerir água, respirar e movimentar o corpo são fatores de caráter natural, ao passo que os cuidados para com os defensivos agrícolas, a radiação nuclear, os hormônios e outros agentes, são resultantes da ação criativa que nos foi concedida. Não há dúvida de que essa capacidade de criação é muito importante, contudo sempre cabe uma observação, tal que os primeiros impactos de nossas criações são de entusiasmo e satisfação, como não poderia deixar de ser, para em seguida perceber-se os contrapontos. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o domínio da capacidade de voar, algo que foi motivo de indagação

Renato N. Rangel

provavelmente desde o início de nossa existência, quando começamos a observar tudo que se passava nos nossos arredores. Sem dúvida, foi um grande feito que, todavia, passou inclusive a ser usado em detrimento de nós próprios, em circunstâncias como as de guerra ou na dispersão de venenos em campos cultivados, para destruir as pragas.

Anteriormente, se uma pessoa contraísse certa doença contagiosa, ao embarcar em um navio, no correr da viagem contaminava apenas alguns passageiros ou tripulantes da embarcação; além disso, costumava morrer antes do término da viagem, sendo atirada ao mar porque normalmente não havia como mantê-la em condições de higiene até o término da viagem. Atualmente, o mesmo avião que contribui para salvar vidas devido à rapidez no atendimento, transporta uma doença altamente contagiosa em poucas horas, para regiões muito distantes e muitas vezes sem que se tenha noção de quem é o portador.

Existem aves que viajam milhares de quilômetros todos os anos para cumprir o ciclo de reprodução, sem que alterem o equilíbrio do meio-ambiente, o mesmo acontece com as baleias, porém, quando por algum motivo retiramos animais ou vegetais do seu habitat e os introduzimos em outro ambiente, eles não se adaptam e perecem, ou ainda, desenvolvem-se de tal maneira que se tornam verdadeiras pragas, criando inúmeros transtornos ao ambiente receptor. Em geral esse fenômeno está associado à ausência dos seus predadores naturais, o que leva ao desequilíbrio que irá prejudicar os antigos habitantes, inclusive criando dificuldades para o próprio ser humano. Não faz muito tempo ocorreu um fenômeno muito grave na região da Bacia do Rio da Prata, na América do Sul, devido ao desenvolvimento sem controle de uma espécie de caramujo, trazida dos mares do oriente na água utilizada como lastro de navios. Essas embarcações antes de carregar os grãos alimentares a serem transportados, desfaziam-se da água utilizada como lastro. Em consequência esses animais disseminaram-se pela região com grande facilidade, especialmente por não encontrarem os seus predadores naturais. O avanço dessa espécie foi tão grande que dentro de poucos anos causou um grande problema de incrustação nas turbinas da Usina

Renato N. Rangel

Hidrelétrica de Itaipu, posteriormente resolvido por meio de técnicas apropriadas então desenvolvidas. Esse é mais um exemplo daquelas ocorrências maléficas engendradas pelos avanços tecnológicos devidos à nossa criatividade. Fatos como esses nos remetem a necessidade de permanente cautela, em relação aos chamados avanços científicos e tecnológicos que estão sendo construídos por nós.

Para finalizar este vagueio, nada mais justo que apresentar as nossas escusas ao leitor, pela misturada de assuntos aparentemente desconexos, porém, perfeitamente concordantes com o espírito do trabalho proposto. Como consta, vaguear é passear por lugares sem rumo certo.

SÉTIMO VAGUEIO

Observado à distância, o Planeta Azul não permite identificar problemas como, por exemplo, aqueles provenientes da produção de proteína animal em larga escala, como o documentado na Austrália, devido à criação de ovinos. Esses animais, como se sabe, na digestão produzem uma quantidade muito grande de gás metano, uma das substâncias químicas que contribuem para o chamado efeito estufa. Esse fenômeno é um dos que influem de maneira negativa no meio ambiente, por outro lado, sabe-se que para produzir um quilograma dessa carne é necessário o consumo de uma quantidade muito grande de água, insumo que pelo visto deverá tornar-se cada vez mais escasso, particularmente se considerarmos a sua aplicação na lavoura além do consumo humano nas necessidades e hábitos diários. Com o propósito de aliviar essas demandas a ciência e as técnicas vêm providenciando alternativas, todavia, trata-se de procedimentos que consigo trazem outras demandas, as quais, muitas vezes quando analisadas considerando o chamado custo-benefício apresentam um saldo negativo. É o que ocorre, para exemplificar, com a devastação das florestas naturais para em seguida implantar as artificiais, como no caso das culturas de eucalipto (*eucalyptus globulus*), o que altera radicalmente o equilíbrio existente tanto no reino animal como vegetal.

Como se sabe o vegetal apontado estabelece condições tais em que outros vegetais têm seu acesso à área dificultado, de forma que a presença de espécies distintas responsáveis pelo equilíbrio ambiental deixa de existir. Animais que viviam naquela região perdem sua condição alimentar e também os meios para a reprodução da espécie. Lamentavelmente, e não existe outra maneira, essas constatações só podem ser notadas após algum tempo de uso dessas técnicas, quando os estragos já ocorreram e muitas vezes de maneira irreversível.

Após longos estudos e até a produção em escala industrial ocorrida na França, a partir da transformação de derivados do petróleo em proteína, por meio da utilização de microrganismos adaptados, procedimentos estes

Renato N. Rangel

que tiveram seguidores inclusive no Brasil, foi uma iniciativa que mesmo discutível não teve o seu cerceamento baseado em algum princípio ético, mas sim, no fato da agropecuária e indústria correspondente sentirem-se ameaçadas em seus negócios. Para os empresários que apostaram naquela iniciativa foi uma grande dor de cabeça, pois, tiveram que abandonar a empreitada, com grandes perdas principalmente financeiras.

Outro caminho, no entanto, foi idealizado pelos cientistas e aqui devemos destacar a Holanda, provavelmente o primeiro país que após a descoberta das células tronco se enveredou por uma nova senda. A partir dessas células aparentemente portadoras do efetivo e manifesto “princípio vital”, procurou-se criar condições para que as mesmas se multiplicassem em meios de cultura apropriados a elas. Atingido esse objetivo, em escala piloto já se produz essa carne, por exemplo, de carneiro, de porco e de boi, tanto é que demonstrações já foram feitas em público inclusive com hambúrgueres, onde foram preparados e degustados. Por enquanto os tradicionais produtores de carne e a indústria correspondente não se consideram ameaçados em seus negócios, isto porque a escala ainda é muito pequena e o consumidor resiste bastante, principalmente pela forte tradição de consumo. Contudo, essa resistência poderá ser rompida pela fome, como já aconteceu em outros momentos, basta lembrar o acidente aéreo ocorrido com uma equipe esportiva uruguaia, quando sobrevoava os Andes chilenos. Para os poucos sobreviventes não restou alternativa senão, alimentar-se da carne de seus próprios companheiros, mortos há dias. Lembremos que aqui se trata de um fato pontual e não de um hábito social, inclusive envolvendo uma tradição alimentar, porém, a intenção foi justamente chocar para chamar a atenção daqueles que se consideram mais ciosos dos seus princípios, principalmente porque não viveram situações limite.

No caso da carne sintética as implicações são muito maiores, pois, tal mudança de hábito passará a influir na nossa própria constituição física, no que se refere à descendência, daí os riscos e incertezas muito maiores. Na verdade, só poderemos ter maiores certezas a partir do transcurso de algumas gerações, quando todos os impactos tiverem sido absorvidos e a

Renato N. Rangel

cultura assimilado tudo aquilo que não é mais uma novidade. Por exemplo, a esse respeito cabe ressaltar que essa carne não tem sangue, portanto não contém o elemento ferro, fator indispensável para o nosso organismo. Nessas condições, esse elemento químico é adicionado em momento posterior, juntamente com corantes, em geral artificiais, o que traz outros complicadores, tanto do ponto de vista técnico quanto na relação com o ser vivo que consome esse alimento.

Com certeza, hábitos menos incertos são aqueles que levam à ingestão de insetos, como já ocorre em diversos países especialmente do oriente, sem esquecer os caracóis que são moluscos gastrópodes (*escargots*) tão apreciados pela culinária francesa. Os ensaios documentam que as quantidades de proteínas e gorduras saudáveis por unidade de massa são bem maiores quando se compara, por exemplo, com a carne bovina. Vários estudos têm sido feitos sob os ângulos mais diversos, sendo que um deles é aquele referente ao consumo de água, insumo utilizado em quantidade muito menor no caso dos insetos.

As ponderações apontadas anteriormente têm como principal objetivo mostrar que do ponto de vista da Economia, inúmeras técnicas de toda ordem já foram desenvolvidas, nas várias áreas das relações do ser vivo com o meio ambiente e também no âmbito de sua espécie. Cabe ressaltar, entretanto, que embora todo o ser vivo tenha certa capacidade de adaptação, a intensidade da mudança aceitável não é algo conhecido a priori, pois, no caso, os modelos desenvolvidos são suficientemente grosseiros para não detectar logo no início as alterações indesejáveis daí advindas. Vale lembrar que a introdução de novidades tecnológicas no nosso cotidiano logo no início parece conveniente, todavia, têm trazido e vão acarretar alterações no meio em que vivemos de ordem imprevisível, motivo pelo qual a relação custo-benefício necessita de permanente atenção por parte de todos nós. Quando menciono a expressão que sugere “modelos grosseiros”, pretendo referir-me, por exemplo, à construção de moléculas em laboratório, as quais parecem existir na natureza, quando na verdade elas não são iguais e sim semelhantes. Os mecanismos de construção da natureza com certeza são muito diferentes dos nossos e, daí

Renato N. Rangel

coisas diferentes. Tanto é que, um organismo vivo ao incorporá-la em suas entranhas, quando em períodos curtos consegue assimilá-la ao passo que em períodos mais longos começa a manifestar sensibilidades, como no mínimo, as alergias.

Em outras palavras, a aplicação de radiação eletromagnética de alta frequência em um tumor cancerígeno, apesar de ser usada nos processos de cura, traz consigo os efeitos colaterais, pois, para atingir o tecido do órgão afetado torna-se necessário atravessar tecidos não degenerados, sem contar com os efeitos sobre os arredores do tumor. Entretanto vivemos em uma sociedade que elegeu como um dos principais valores da vida a sua manutenção a qualquer custo, atitude que seguramente deverá ser revista, em especial porque os procedimentos de cura serão alterados para a prevenção, principalmente através do controle da mente. Isto sim fará parte da construção do caminho da evolução, com sentido mais consistente e porque não dizer mais eficiente. A menos que haja cataclismos e coisas dessa ordem, as transformações com as quais deveremos conviver constituem algo inexorável, contínuo e na nossa ordem de grandeza temporal lento. Toda vez que o processo for de alguma maneira acelerado ocorrerá desequilíbrio acompanhado dos transtornos respectivos, sendo que o principal é a ausência do tempo necessário para a nossa adaptação aos novos agentes e circunstâncias.

Outro aspecto importante é a apresentação dos alimentos porque na verdade tem a ver com a cultura de um povo, ao ponto de condicionar a sua aparência às tradições acumuladas no correr de muitos anos. Os saberes acumulados por culturas mais antigas em geral se impõe às mais recentes, em formação ou mais rudimentares, tanto é que países com mais tradição cultural, a exemplo do que acontece com a França e a Itália, no ocidente, têm suas influências muito presentes inclusive em nações desenvolvidas como os Estados Unidos. Notemos que mesmo com essa realidade histórica já ocorre certa reação a esse *status quo*, tanto é que o Peru, por exemplo, já iniciou um movimento cultural nesse sentido, preparando e exportando chefes de cozinha que têm como objetivo difundir as suas tradições culinárias, ou seja, aquelas que têm suas origens

Renato N. Rangel

nos antigos quéchuas do extinto Império Inca. No mundo atual, particularmente em função da facilidade de comunicação, a cultura alimentar se difunde de leste a oeste e vice-versa, a exemplo do que acontece com os alimentos japoneses no ocidente e o churrasco típico da Argentina e Brasil avançando pelo oriente. O processo denominado por globalização, relativamente recente, pelo menos nos moldes atuais, é um fenômeno com implicações tais que na verdade ainda não sabemos quais os reais efeitos, pois, como a vivência nos mostra não existe arquitetura humana que tenha como produto apenas benesses.

Quando falo em moldes atuais pretendo descartar períodos como o das grandes navegações que resultaram, como se sabe, na “descoberta” do Brasil, pois, naquele período os deslocamentos eram muito mais lentos e as corporações de caráter multinacional nem eram cogitadas. Uma coisa é certa, todos os modelos sociais são dinâmicos e, em geral têm como principal objetivo corrigir as deficiências do anterior, sem contar os contrapesos devidos ao poder dominante e na medida do possível, assumindo os valores que se mostraram mais convenientes para a estrutura social em construção.

A difusão do costume de consumir milho, batata, trigo e atualmente a soja, com exceção desse último grão, ocorreu em um período mais longo, por múltiplos motivos, dentre eles o custo de produção e transporte. No caso da soja tudo tem ocorrido de maneira muito mais rápida, justamente devido à tal globalização desenfreada, de maneira que o principal objetivo é o domínio dos meios de produção quer por agentes internos quer por agentes externos às fronteiras dos países produtores. Essa ação se processa de várias maneiras, tais como: no que tange às sementes, aos agrotóxicos, aos adubos, aos implementos mecânicos, sistemas de transporte, armazenamento e por aí fora.

Já que estamos nesse assunto, vale a pena lembrar que de início o tomateiro era um arbusto, cultivado para ornamentar jardins e floreiras de janelas. Só posteriormente passou a ser considerado alimento, resultado de inúmeras alterações genéticas, que atualmente permitem a obtenção do

seu fruto em dimensões bem maiores e praticamente durante todo o ano, como acontece no Brasil, para exemplificar. Essa transformação implicou em ações de várias montas e que possivelmente ainda não foram completamente assimiladas.

Vale lembrar que essas alterações são bem anteriores à descoberta do DNA, na verdade resultaram de interações entre seres da mesma espécie, de forma que se atuou particularmente na seleção empírica e no processo de polinização. Na atualidade os procedimentos de alteração genética são muito mais radicais, devido ao fato de se agir modificando diretamente o código molecular do organismo, sem que o mesmo tenha qualquer chance de atuar por si só sobre a sua estrutura organizacional, com um determinado objetivo. Quando as mudanças na ordem molecular de um organismo vivo chegam ao ponto de seccionar pedaços da macromolécula, para inserir elementos estranhos e com isso criar novas características quanto ao comportamento do ser vivo, torna-se muito mais difícil prever, no médio e longo prazo, quais as efetivas interações com o meio ambiente. Como se trata de alterações definitivas toda precaução é recomendada, em especial devido à possibilidade de cruzamentos com organismos até então não alterados, como vem ocorrendo em escala cada vez maior na lavoura do Brasil.

OITAVO VAGUEIO

Há quem diga que o Planeta Azul é um organismo vivo e que pulsa, dependendo de como se defina vida não é fora de propósito admitir essa afirmação. Nos dias atuais existem animações, particularmente concebidas a partir de fotografias e filmes produzidos pela NASA, que sugerem esse entendimento. Se considerarmos que abaixo da crosta terrestre encontra-se uma enorme massa líquida em permanente transformação, na crosta encontram-se todos os fenômenos apontados e muitos outros, vários nem detectados, por isso em realidade a definição inicial poderia ser aceita. Tanto é que de certa forma e por muitos o mesmo já foi definido como Gaia. As concepções macro e micro, relativas a esse assunto podem perfeitamente ajudar a construir o entendimento que vem se firmando com o tempo. Será que no Universo existe algum outro corpo com essas características? Por que só existiria o nosso planeta? Desprezando-se considerações de ordem estatística frente a um Universo de dimensões desconhecidas, sob os aspectos racional e intuitivo cabe admitir tal ocorrência, apenas como algo possível. Daí uma grande área do conhecimento, ou seja, a cosmologia e todas as suas implicações, especialmente levando em conta que para o cérebro humano, cada vez mais, tudo é uma questão de tempo, embora essa ideia seja questionável como apontado em outro vagueio deste trabalho.

Os objetos já enviados inclusive para além das órbitas solares deverão lançar luzes sobre o tema, porém, na verdade, o essencial estará na capacidade humana de interpretar os sinais detectados e vindos de regiões tão distantes. Para esse efeito são decisivos, como sempre, os aspectos racionais e inclusive aqueles intuitivos, os quais estarão presentes enquanto o homem for esse bípede conhecido por nós. Esse bípede tem apresentado manha suficiente para utilizar em seu favor, os elementos básicos que a Natureza tem revelado, ainda que produza avanços ora vantajosos e em outros momentos causadores de grandes transtornos, como nos casos da energia elétrica, da energia atômica, dos combustíveis

fósseis e das químicas em geral. No momento os conhecimentos mais promissores são aqueles devidos à nanotecnologia e à bioquímica, com certeza, nestas áreas estarão também os maiores desafios a serem vencidos, frente ao chamado equilíbrio que garante a estrutura básica da Natureza.

Quanto à nanotecnologia, trata-se de um mergulho no infinitamente pequeno, que permite a obtenção de materiais com características até então desconhecidas, e que passaram a influir decisivamente no mundo macroscópico. Vejamos, por exemplo, as fibras óticas capazes de conduzir a luz, imagens e pulsos codificados, fenômenos de importância definitiva na chamada vida moderna ou ainda o grafeno, forma de cristalização do carbono que promete aplicações infundáveis.

No que tange à bioquímica, o avanço dos conhecimentos tem conduzido a enormes transformações que transitam por inúmeras áreas, tais como: da energia, do estudo dos solos e dos fármacos. Como, ao menos na área das ciências, existe uma preocupação constante com a quantificação dos fenômenos e tal se dá por meio de artifícios matemáticos, criou-se um modelo conhecido como fractal¹⁸, cujo equacionamento é bem conhecido e tem sido útil na interpretação de determinados fenômenos.

Toda a vez que surgem novas ideias, como as que seguem: a bomba de nêutrons, as células-tronco, as alterações na estrutura química do DNA, o sistema de nuvem para o armazenamento de informações da Internet, a produção de proteínas a partir de petróleo, a detecção de imagens e sons provenientes de áreas muito distantes do Universo, as percepções e interações mágicas entre os seres vivos, como a clarividência e a telepatia, tudo isso aumenta a complexidade no trato com as nossas realidades. Apenas com a finalidade de ilustrar o que foi dito, consideremos as percepções e interações mágicas, justamente porque há algum tempo essas últimas manifestações passaram a compor o elenco das preocupações

¹⁸ - Fractal é uma concepção matemática proposta por Mandelbrot, em 1975, em que o termo latino fractus, que significa quebra foi adotado. Por exemplo: a linha que contorna qualquer objeto de observação, no limite corresponde a um fractal, porque não obedece a qualquer direção.

inclusive em universidades de alguns países, mesmo que para a ciência em geral continue a ser algo sem muito sentido. Particularmente, esse entendimento pode ser considerado porque a ciência, em essência, depende da possibilidade de medir um fenômeno, argumento que na atualidade quando levado ao extremo também carece de sustentação. Sabendo-se que medir é comparar, cada vez mais, quando nos afastamos da nossa ordem de grandeza, os critérios aplicados tornam-se em geral menos capazes de assegurar alguma precisão garantidora dos reais objetivos. Só para exemplificar, quando medimos o raio de um átomo, tal valor serve apenas como um índice de comparação entre átomos, porque na ordem de grandeza em que vivemos essa medida é algo incompreensível, na verdade sem sentido. Fatores como esses seguramente refletem na ótica com que observamos o Planeta Azul e, daí as mudanças atinentes aos modelos arquitetados por nós.

Se um observador distante conseguisse distinguir os sons emitidos pelo Planeta Azul, com certeza a sua relação com o mesmo seria bem mais amigável, inclusive porque provavelmente esses sons devem atuar de maneira que no conjunto revelem um sentido harmônico, como grande parte das manifestações da Natureza. A propósito os corais musicais, embora constituídos por vozes distintas, apresentam unidade para quem os ouve, além de conseguirem consonância com as eventuais orquestras que os acompanhem através do entrosamento conduzido pelo regente, sendo que este sim precisa ter grande capacidade para manejar o conjunto constituinte de um só corpo. Existem momentos em que um solista se destaca, contudo, a obra é única no todo. Essa é mais uma das dimensões constituintes do Todo planetário, que é capaz de conter tantas alternativas quantas pudermos imaginar, mesmo que nem sempre tenhamos a capacidade de percebê-las nitidamente.

A arte tem sido uma referência importante para o entendimento da construção de nossa cultura, sendo que esta é mais uma daquelas iniciativas imperceptíveis quando da observação da Terra a partir do espaço sideral. Se considerarmos inicialmente as artes plásticas, desde os registros pictóricos mais antigos encontrados, é inegável que o homem sempre

Renato N. Rangel

manifestou a necessidade de registrar os acontecimentos que o rodeiam e mais, é muito comum a intenção de relatar fatos encadeados, tais como uma caçada ou um deslocamento em grupo, por exemplo, mudando de ambiente habitacional. Os estudos desses achados, particularmente pela arqueologia e ainda pela antropologia, têm lançado luzes sobre nossas origens, de tal forma que crenças como no milenarismo¹⁹ adquirem fôlego especialmente quando associadas à do eterno retorno, ou ainda, a visão cíclica dos fenômenos universais, embora a confirmação de tais entendimentos seja dificultada especialmente pelas dimensões da nossa temporalidade. Lembremos que o tempo de existência de um ser vivo é exíguo e relativamente bem definido, porém, a manutenção da vida é atemporal, isto é, não depende inclusive das alterações que venham a ocorrer no meio ambiente, porque apesar disso ela se adapta e consegue manter o seu cerne.

A propósito, afirma-se que na pintura, o movimento surrealista é uma prova da desconstrução necessária para que possa surgir um novo tempo, o que periodicamente deve acontecer. É uma crença a ser conferida, pois, novamente trata-se de uma concepção da qual ainda não adquirimos condições para aceitá-la ou não. Em essência as construções racionais a que nos expomos, mesmo que orientadas por lances de intuição, só permitem a compreensão dos fenômenos tanto sociais como físicos, quando restritos a amplitude das nossas capacidades de interpretação. Assim, a aceitação da prova definitiva de que o movimento surrealista corresponde a uma desconstrução que permitirá se atinja um nível mais elevado na pintura, na verdade pode ser uma miragem com alto grau de incerteza.

É interessante notar que nesses estudos, tanto da arte pictórica como das outras áreas do saber, parecem estar registrados entendimentos místicos e de fé, neste segundo caso como se fosse uma transformação da crença em fé e que contém a verdade. Aliás, com certa frequência, as crenças construídas em qualquer área do conhecimento, na medida em que

¹⁹ - Crença de natureza política e religiosa que se caracteriza pela espera da salvação iminente e coletiva desse mundo. (Dicionário Houaiss). Tem caráter de periodicidade. (Mito – Filosofia)

se disseminam passam a constituir aquilo que conhecemos como fé, mesmo que originariamente se tenha justificado com argumentos até científicos. Assim acontece com tudo o que nos cerca, desde a manifestação mais tênue até a mais grosseira. Continuando na arte, a escultura, a arquitetura e a música, podem causar sensações agradáveis ou desagradáveis, dependendo do estado de espírito em que se encontra o observador, porém, em geral pretendem primeiramente impactar, para depois, na medida do possível imprimir outras sensações. A interação entre a obra e o observador é algo passível de interpretações, no máximo podemos estabelecer alguns critérios de análise, pois, na verdade trata-se de sensação peculiar, que depende de cada momento e das particulares condições de estímulo. Quanto ao momento podemos dizer que seja função do estado físico e das condições psicológicas do referido observador, ao passo que as condições de estímulo estão mais relacionadas com o ambiente, por meio dos sons, iluminação e até odores.

NONO VAGUEIO

Cada vez mais avança entre nós a ideologia da felicidade e segundo a mesma, todos têm que ser felizes custe o que custar. Mas afinal o que é ser feliz? Essa resposta vai depender especialmente do meio em que nos encontramos, ou seja, das características do mesmo. A propósito, para uns trata-se de atingir a máxima serenidade e interação com a Natureza, para outros a felicidade está em construir a sua desencarnação como um “espírito de luz”, existe ainda aqueles que almejam a felicidade por meio da aquisição do maior número possível de bens materiais, maneira pela qual pretendem distinguir-se dos demais. Pelo que se tem observado, parece que na verdade se trata de algo inatingível embora orientador de nossa vida, mas que diverge segundo as concepções de cada um de nós. É preciso lembrar que não existem pessoas totalmente felizes e muito menos completamente infelizes, a medida desse estado não pode ser encontrada por meio de uma escala, é tudo muito impreciso; podemos apenas distinguir graus maiores ou menores de felicidade, sempre em consequência das manifestações apresentadas pela pessoa observada. É importante destacar que se trata de uma quimera, ou seja, uma construção imaginária e, por conseguinte não podendo ser uniforme mesmo quando percebidas algumas linhas mestras da mesma. Sabe-se com segurança que esse estado de sentimento é um elemento decisivo que influí bastante no comportamento físico do nosso corpo dito material. A felicidade pode ser vista como uma espécie de bem-estar mais profundo e de caráter mais amplo, inclusive pode ser encarada como um mito nascido lá nas origens do ser humano ou nos hábitos do meio social em que ele vive. A propósito, lembremos o que diz Mircea Eliade:

“através dos mitos o mundo não é mais uma massa opaca de objetos arbitrariamente reunidos, mas um Cosmos vivente, articulado e significativo. O Mundo

fala ao homem através de seu próprio modo de ser, de suas estruturas e de seus ritmos.²⁰”

Cabe, no entanto, destacar que a cultura grega foi a única que submeteu o mito a uma longa e penetrante análise, daí resultando a sua desmitificação²¹. Assim como o Sol, o vento e a chuva na conveniente medida têm a capacidade de dar vida às plantas, quando se trata do homem a felicidade, também na devida proporção, cria condições para que participemos da vida de maneira mais significativa e com satisfação. Essa abordagem é mais uma daquelas não distinguíveis quando o Planeta Azul é observado à distância, é necessária uma longa imersão no mesmo para que possamos começar a perceber essas nuances de comportamento, sendo que em princípio acredita-se atingir apenas os seres vivos racionais. Outro aspecto interessante é que, sempre ocorreu e parece intensificar-se a necessidade de demonstrar cada vez mais o gozo da felicidade, não basta ser feliz; é uma questão social que esta combinada com a necessidade de demonstrar poder e realização na comparação com os seus pares. De certa forma faz sentido, pois, a felicidade na verdade é um sentimento que depende da comparação, a qual impossibilitada de ser medida permite avaliações qualitativas.

Existem pessoas que são felizes, em consequência das características do seu isolamento em relação às outras ao passo que, outras são infelizes justamente por esse motivo e daí se alegar que a felicidade é algo de caráter muito subjetivo e de cada um, sem que com essa afirmação se pretenda impossibilitar a identificação desse estado do ser. Ninguém é feliz, mas sim está feliz e, da mesma maneira ocorre com a infelicidade. A construção da nossa história é um processo que pode transitar desde o mais simples, ou seja, uma vida mais próxima dos fatos da Natureza, sem grandes necessidades de técnicas mais elaboradas, até processos bem mais complexos, isto é, que dependam de procedimentos bem mais sofisticados, tanto na observação como na construção dos acontecimentos. Com certeza

²⁰- Eliade, Mircea, Mito e Realidade, pg. 125.

²¹- Ibidem, pg. 130

esses elementos serão decisivos na manifestação tanto da felicidade como da infelicidade, extremos que devem compor a vida real segundo o princípio da complementaridade.

Se algum indivíduo de uma tribo indígena tiver necessidade durante o dia de banhar-se constantemente no rio mais próximo, tal atitude será encarada como uma característica do mesmo, quem sabe nem será observada com mais atenção, todavia, se algo semelhante ocorrer com alguém que faz parte do nosso meio social, estará fora dos nossos padrões e, portanto, sujeito a procedimentos que pretendem conduzi-lo à “normalidade”. No mínimo essa pessoa será discriminada e submetida muitas vezes a ação de fármacos além dos procedimentos indicados por psicólogos e psicanalistas, profissionais a quem a sociedade delegou poderes para cuidar desses “desequilíbrios”. Então, para onde vai a felicidade desse ser humano que foi taxado de desequilibrado e que a partir daí será incluído em um grupo marginal, sujeito a permanente discriminação, perdendo inclusive para muitos efeitos a sua cidadania completa. Atualmente esses conceitos estão sendo revistos, e ao que nos parece com a pretensão de encontrar no âmbito dos desequilíbrios aspectos positivos, ou ainda, de não rotular ou discriminar pura e simplesmente.

Preferimos optar por não nomear como modernidade os feitos e fatos que ocorrem nos dias atuais, em especial porque inclusive a modernidade está sob a égide da mudança permanente, característica básica da construção humana. Podemos considerar o encadeamento de fatos como aqueles precedentes, os atuais e os posteriores, de maneira que os feitos e fatos penúltimos, nessa ordem, compõe a atualidade e representam justamente o lastro da posterioridade, nada mais que isso. Diante dessas considerações a modernidade é algo passageiro e que não se sustenta por si só, passa a ser apenas uma classificação de caráter prático e impreciso, todavia, usada seguidamente em consequência de interesses, no geral, mais superficiais.

A propósito, lembremos que os novos modelos de automóveis, telefones, móveis, roupas, óculos e assim por diante, mesmo que possam adicionar itens mais aperfeiçoados ou formatos até mais confortáveis encontram-se sempre sob a influência da permanente mudança, característica básica da nossa vida em sociedade. Os elementos fundamentais da vida não apresentam formato de modernidade, o homem sempre terá dois braços, duas pernas, os animais serão como tal, da mesma maneira as plantas terão raízes, folhas e flores. Os seres vivos continuarão dependendo da água, do solo, do ar e da luz solar; os elementos químicos, catalogados ou não, estarão presentes ou com a mesma probabilidade de se formar, enfim, nada será moderno ou ultrapassado, tudo estará como tem que estar. A menos que haja um cataclismo, o que diante do nosso entendimento não permitirá previsões e muito menos estabelecer princípios de modernidade ou coisa semelhante.

A invenção do concreto armado e das estruturas metálicas, usadas na construção civil, obedece a permanentes mudanças quanto à constituição e formato, porém, com toda certeza daqui a duzentos anos não serão lembrados como constituintes essenciais da civilização, o que ao contrário ocorre no caso das estruturas de pedra então construídas, como as do antigo Império Persa, da Grécia antiga, do Egito antigo e outros. Naqueles tempos esses materiais de construção e sua arquitetura também foram ditos modernos, no entanto o que sobrou foram aquelas estruturas de construção, que permanecem até hoje resistindo ao tempo; a arquitetura passou, foi um momento de luz que ao seu tempo teve importância. Quando se fala da moda no vestir-se, por exemplo, a chamada modernidade é muito mais volátil, pois, na atualidade predomina o sistema produtivo, orientado pelo interesse econômico-financeiro de poucos grupos detentores do poder.

Ainda há poucos dias assisti a um documentário na televisão que deixava bem claro esse foco de entendimento, particularmente no caso das grandes corporações que dominam a indústria de fármacos. Nesse caso a modernidade é inventada para amenizar males que no longo prazo não serão resolvidos, porque a Natureza irá reagir, aliás, como sempre o fez,

Renato N. Rangel

apresentando novos fatores complicadores, que farão as pessoas escravas de um sistema sem outro objetivo bem definido senão o lucro imediato das referidas corporações, quando não de servidores desonestos acomodados nos órgãos públicos.

Como assim? Sucede que nesse caso, por questões de legalidade as referidas corporações necessitam do aval de órgãos públicos, onde costumam ocorrer influências nefastas de agentes externos e às vezes até de agentes internos aos referidos órgãos. Tais fatos ocorrem apesar das primeiras impressões de alívio e cura, já que nas dimensões da nossa existência essas conclusões podem ser admitidas. Não temos condições para prever o que deverá ocorrer com a saúde humana, no sentido integral, daqui há cinquenta ou cem anos, o que em termos da Natureza nada mais é que um instante, um tempo muito pequeno.

Essas considerações não pretendem anular todas as conquistas e desprezar tudo o que foi construído até agora, mas sim colocar um alerta no que tange às novidades, especialmente porque já atingimos uma vivência suficiente para saber que toda inovação técnica ou científica vem acompanhada de novos desafios, em especial pelos fatores negativos. Não existe técnica sem contraindicações, é tudo uma questão de custo-benefício e aí está o “x” da questão, pois, alguém deverá decidir quanto à sua aplicação e nessas condições costuma-se apelar para os dados estatísticos os quais, como se sabe, não podem dar garantia total. Cabe destacar que essa questão dos fármacos foi apenas um exemplo porque na verdade, tais considerações são válidas para as técnicas de quaisquer áreas do conhecimento. Tal ocorre porque se trata de uma construção humana, característica de quem não tem a capacidade da visão sistêmica, portanto, com abrangência total.

Atualmente vivemos um verdadeiro fascínio com as novidades da informática, estamos como o índio isolado na selva que ao receber um sabonete fica inebriado com aquele aroma e em seguida, retirando o invólucro começa a degluti-lo sem ter noção dos males dali advindos. Com isso e de forma empírica irá descobrir que a primeira impressão não traz

toda a informação necessária para a convivência com a novidade, além de aprender que apesar do ocorrido, tal produto tem outra utilidade e sua importância é indiscutível em relação ao meio de onde veio. Os mais entusiasmados com os avanços na área dos computadores, tanto nas máquinas como nos programas de aplicativos, chegam a falar em cérebros eletrônicos, como se essas máquinas pudessem adquirir a capacidade de tomar decisões não programadas. Essa crença tem semelhança com o mecanismo das sinapses, admitido nos raciocínios resultantes da ação de fenômenos aromáticos, graus de iluminação e cores diferentes, sons que atuam sobre o corpo, além de solicitações que ajam sobre os músculos do ser humano. Como vemos trata-se de uma concepção totalmente mecanicista e independente de um agente externo, que possa conduzir todo o processo segundo os seus princípios. Essa questão do agente externo é algo que precisa ser mais elaborada porque implica na admissão de algum agente distinto, ou melhor, que não pertence ao organismo em estudo, envolvendo-se em seus processos sem constituir parte integrante do mesmo corpo.

Ao que tudo indica, as decisões da espécie humana são acompanhadas de dor ou prazer e esses sentimentos têm origem comum, tanto é que os equilíbrios e os desequilíbrios do organismo, quando levados a extremos, tornam a vida insustentável. O prazer e a dor definem estados e além de compor o que se entende por vida, dão sentido à mesma e quando um ou outro desses estados domina de forma extrema constitui desequilíbrio prejudicial à vida. A esta altura gostaria de dizer que para os materialistas verdadeiros, os pensamentos constituem algo semelhante a excreções do cérebro, resultante de algum estímulo interno ou externo suficiente para propiciar a ação pensante, no entanto, cremos que o cérebro age em função de um conjunto de estímulos dependentes das várias regiões do corpo, em boa parte porque na origem todos os órgãos estavam contidos no mesmo embrião e em parte porque, só em conjunto esses órgãos têm a capacidade efetiva de estabelecer as relações internas e as externas desse corpo.

DÉCIMO VAGUEIO

Com a pretensão de querer entender no que consiste o universo dos seres humanos temos utilizado nossas potencialidades segundo princípios diversos, de maneira que, grosso modo, podemos dividi-los em dois grupos: os racionais – ou materialistas - ou seja, aqueles que lastreiam suas conclusões unicamente na razão, isto é, na interpretação racional de tudo o que sentem ou observam, e com isso creem que conseguem compreender o que os cerca e a si mesmos; os intuitivos – ou idealistas - embora tenham a capacidade de raciocinar, creem em algo fora da razão, por meio de uma percepção não racional e sim sensorial, com a qual conseguem trazer soluções especialmente para fenômenos não racionalizados. A intuição lida com o chamado mundo fantástico, aquelas ações em que mesmo fora do racional são confirmadas, por exemplo, através de mecanismos clarividentes, telepáticos, mediúnicos, xamanísticos e assim por diante. Estas últimas concepções ainda não foram quantificadas, portanto, à primeira vista, parecem mais questionáveis e em várias circunstâncias motivo de descrédito, especialmente quando frente às pretensas certezas construídas nos últimos tempos.

Os processos racionais em geral apresentam maior facilidade na comparação ou avaliação de medida, o que em princípio parece mais consistente e aceitável, no entanto, quando os mesmos são submetidos a avaliações baseadas em medida rigorosa surge a denominada incerteza, e a partir daí tudo se torna questão de probabilidade. Desse ponto em diante cremos ser mais prudente não desprezar qualquer dos princípios, porém, permanecendo alerta para com todos os argumentos que venham a surgir. As pessoas materialistas não são incrédulas, pois, tal atitude não lhes é concedida, crer é uma condição humana que pode divergir apenas na concepção da crença. O ser humano, tanto materialista como idealista necessita ter crenças embora a princípio, baseadas em raízes distintas, porém, movidas pelos mesmos sentidos e com graus de desenvolvimento diferenciados.

Sei que a análise destes assuntos do ponto de vista bipolar parece mais simples porque, em primeira instância torna a sua condução mais acessível às pessoas, tendo em vista que por meio da contraposição acreditamos tornar-se mais claro o entendimento dos mesmos. Essa é uma deficiência do nosso intelecto; à moda de Descartes, necessitamos fracionar uma questão para compreendê-la, resolve-la ou explicá-la, é um mecanismo racional que, por incrível que pareça, costuma ser usado inclusive nos processos ditos intuitivos. Esse comportamento na verdade resulta da nossa incapacidade de encarar um fenômeno a partir da visão integrada, una e como na verdade ele deve existir. As justificativas, tanto dos racionais como dos intuitivos costumam conduzir-nos no sentido do processo analítico, isto é, aquele em que as mesmas resultam de um fracionamento tanto do problema como das explicações. Parece que essa é uma fragilidade original da nossa constituição, que jamais vai permitir gerar explicações que atinjam diretamente o âmago da questão focada.

A título de ilustração, podemos considerar o fenômeno luz que sob a ótica da Física costuma ser interpretado como a interação ortogonal, das representações ondulatórias, entre um campo magnético e outro elétrico, com a capacidade de iluminar os corpos físicos, ou ainda, sendo produzidos por eles; sob a ótica fantástica a luz pode ser uma emanção, particularmente de um ser vivo de percepção limitada e que se assemelha à da física, observada apenas em circunstâncias especiais, isto é, por certas pessoas providas dessa sensibilidade mais desenvolvida e em determinados lugares. Aliás, essa última consideração tem sido motivo de longos debates resultantes de contradições a respeito das origens do fenômeno em tela. Além disso, a admissão da existência da “aura” pode ser devida a uma luz emitida pelo ser vivo e capaz de atuar nos arredores do mesmo, inclusive com alguns registros já documentados por meio de instrumentos da própria ciência oficial.

Como sempre, com respeito ao Planeta Azul, inúmeras outras óticas podem ser admitidas e levadas adiante, segundo princípios estabelecidos por grupos de pessoas com distintas orientações de caráter conceptivo. O que se quer com essa afirmação? Pretende-se destacar que inclusive

Renato N. Rangel

aquelas pessoas integradas no corpo desse planeta, ao se depararem com a imagem do mesmo, a qual está imersa no infinito restante do universo, não tem condições de imaginar quão extensa é a complexidade ou simplicidade do que ocorre nesse corpo celeste, isto se for considerada apenas a sua superfície. Tal percepção admite distintas concepções, sob o ponto de vista materialista e racional todos os fatos não passam de alguma coisa construída segundo um mecanismo bastante preciso e explicável por critérios lógicos, ao passo que para o intuitivo trata-se de algo fantástico e capaz de ser compreendido de forma integral, isto é, por meio de uma percepção sensorial, que não depende dos nossos cinco sentidos. Essa pretensa intenção de desmistificar e desmitificar os meandros da complexidade intrínseca ao referido planeta, não poderia pretender reduzir a pó todo o conhecimento acumulado até aqui, mas, apenas propor uma visão unificada das percepções de qualquer ordem. Tal intenção prende-se ao fato de que quanto à Natureza, por mais forte que seja a nossa relação com a mesma, na realidade não deve existir a possibilidade da referida apresentar-se de maneiras distintas, apenas interpretações diferentes podem ocorrer, isto porque se trata unicamente das deficiências intelectuais ou intuitivas dos observadores.

A propósito da interpretação dos fenômenos naturais é interessante notar que os seres vivos, tanto animais como vegetais, dão a impressão de que em determinadas condições tiraram energias do nada e que no cotidiano normalmente não são notadas, além disso, elas parecem não existir. É o que se observa, por exemplo, com pessoas soterradas que conseguem escapar da morte, ou até mesmo com árvores que conseguem sobreviver após um incêndio devastador. Outro fato interessante é aquele em que formigas conseguem atravessar um rio, pela constituição de um aglomerado constituído somente das mesmas e que apesar da correnteza flutua; elas conseguem transpor o curso d'água para então constituir uma nova colônia. Parece que esse comportamento ocorre especialmente no caso de incêndio na margem em que primeiramente se encontravam. No caso das abelhas, em que por algum motivo uma delas torna-se rainha e então passam a constituir uma nova colmeia, trata-se de um mistério cuja

explicação escapa ao racional e obriga a admitir uma força criadora altamente potente e que não deve estar contida em um único dos indivíduos. É verdade que em todos esses casos mantém-se uma busca de inspiração mecanicista a qual, mesmo parecendo motivo de sucesso sempre esbarra em outros mistérios que dão continuidade ao desafio.

O comportamento irrequieto do ser humano é algo digno de monta, porque somente devido ao mesmo puderam ocorrer todas as construções e desconstruções, por todo o tempo. Individualmente essa capacidade restringe-se, em particular, às necessidades básicas para a sua manutenção, tais como: alimentar-se, proteger-se do frio e do calor, criar e construir objetos que facilitem suas ações no cotidiano. A medida que passa a viver em grupos e estes crescem, surge a necessidade dos consensos, que são capitaneados pelos chamados líderes, cuja escolha nem sempre é resultado de decisões amadurecidas pelo grupo. Muitas vezes essas figuras são impostas pela força física ou ainda por acordos entre lideranças menores, que se impuseram de alguma maneira ao seu clã.

Desde muito cedo ocorreram fenômenos cuja origem manteve-se oculta, ao menos frente à percepção mais imediata e causando suspense ao observador, o qual passou para o campo da imaginação fantástica, provocada principalmente por temor e insegurança. Aliás, a decantada segurança buscada a todo o momento, na realidade é um estado inatingível quando sob o aspecto absoluto, embora as leis físicas pretendam o contrário. A segurança está bastante relacionada com a probabilidade de previsão, o que termina admitindo o imprevisto.

Tanto a complexidade do aparato social quanto a dos dispositivos materiais postos a serviço dos indivíduos, crescem a olhos vistos e costumam ser encarados como sinal de progresso tanto do mesmo como de uma coletividade. Com esse objetivo bastaria observar a criação dos regimes de governo, das legislações e na outra ponta dos instrumentos de cura, dos aparelhos eletrônicos, dos mecânicos e assim por diante. Além disso, note-se que com o passar do tempo aumenta a rapidez com que tais

fatos ocorrem, criando dificuldades quanto ao amadurecimento dos mesmos, no que se refere à nossa utilização.

Com respeito aos seres vivos existe a permanente ameaça do colapso em todos os sentidos, isto é, por doença, falta de alimentos ou interações não amigáveis com o seu grupo, podendo ocorrer a sua destruição. Quanto aos coletivos de qualquer espécie essa ameaça sempre esteve presente, tendo em vista o dinamismo do meio ambiente, consequência das alterações geológicas, hidrológicas e atmosféricas, as quais fazem parte da vida no Planeta Azul. Pesquisas como, por exemplo, as arqueológicas, as antropológicas e aquelas devidas à paleoclimatologia, estão trazendo à tona conhecimentos de dimensões nunca vistas, a respeito dos nossos ancestrais presentes na Natureza. Essa busca incessante resulta em boa parte do dito espírito irrequieto do homem, frente ao meio em que ele vive e as relações dele com o palpável e o imaginável.

A sustentabilidade do Planeta Azul não permite trazer bilhões de pessoas que vivem no padrão indiano, para o mesmo grau de bem-estar material do canadense. A agressão ao meio ambiente seria brutal e as consequências danosas para todos serão incalculáveis. Existe uma corrente de pensamento que acredita na viabilidade da manutenção de um modelo com esse intento, pregando que no devido tempo haverão ações mitigadoras suficientes, no que se refere à saúde do meio ambiente.

De acordo com o sistema de vida que tem sido eleito por nós como objetivo de cada um, o mesmo deverá levar-nos a um consumo desenfreado de matérias primas, tais como: minérios, madeiras e águas. Enquanto uma pequena parte da humanidade desfruta de bens como os que seguem: geladeiras, liquidificadores, detergentes, aparelhos de informática e automóveis, como os primeiros efeitos parecem benéficos, podemos ter a impressão de que esse seja o caminho da felicidade e justiça social. A meta passa a ser, então, levar a todos essas benesses atingidas pelas ditas sociedades desenvolvidas. O padrão de consumo que tem sido eleito pela sociedade, tomando por referência países como o Japão, ao que tudo indica infelizmente não poderá ser desfrutado por todos, porque em

termos de manutenção da perenidade e satisfação de vida, esse comportamento será desastroso. No caso particular desse país, os riscos com a utilização da energia atômica em larga escala, a importação de combustíveis fósseis como o petróleo e o carvão além da possibilidade de interrupção dos fluxos comerciais marítimos, constituem uma permanente ameaça que ronda o bem-estar da sua população.

É verdade que novas técnicas têm procurado amenizar os efeitos danosos, porém, o aumento da demanda é de tal ordem que tem superado os benefícios, isto porque, a inclusão de novos mercados e as exigências crescentes são fatores determinantes para a anulação dos benefícios trazidos por esses avanços. Na realidade, à medida que a equação custo-benefício pende para o custo, torna-se necessário rever os procedimentos, porque na verdade o foco de todos os esforços deve ser no sentido de aumentar os benefícios, na medida em que estes contribuem para o aumento da felicidade das pessoas, embora possa ser passageira.

Com o desaparecimento das corporações de ofício no início da Era Industrial, à época, encarregadas da produção dos bens de consumo, após algum tempo surgiram as grandes corporações industriais, com a atribuição da standardização, ou seja, com o intento de atingir o maior número de pessoas possível. Esse objetivo foi conseguido à custa do sofrimento e desgraça de certos grupos sociais, cuja mão de obra foi espoliada desde tenra idade. Essas corporações industriais nunca tiveram como bandeira a melhoria dos padrões sociais, nem poderia ser, porque somente o estímulo ao próprio crescimento poderia movê-las. Foi necessário que os governos, inclusive sob a exigência da sociedade, atuassem normatizando tais comportamentos, considerando especialmente os interesses coletivos. Os empreendimentos produtivos existem tanto no mundo capitalista como no socialista, contudo, sujeitos a conceitos diferentes, sendo que nos dois casos estão presentes fatores positivos e negativos. Por exemplo, a mola propulsora do empreendimento capitalista é o lucro, no menor prazo possível e caso fosse viável sem investimentos, o que de acordo com o modelo, em tese não é fora de propósito. Parece exagero o que foi dito, mas então vejamos a título de exemplo, qual a atitude de uma empresa que

Renato N. Rangel

explora o minério de ferro ou a areia para a construção civil, em relação ao meio ambiente? A menos que haja leis impondo obrigações mitigadoras quanto às alterações ambientais provocadas e exijam contrapartidas, além disso, sujeitas à fiscalização rigorosa, a empresa procurará ignorar essas necessidades, em geral porque se trata de fatores que irão alterar a competitividade, quando não o elemento lucro.

Como as ações que visam a mitigação demandam recursos e tal irá atuar sobre a competitividade imediatista, sempre que de alguma maneira for possível, os empreendimentos produtivos procurarão desprezar tais práticas. A propósito, consideremos o que está ocorrendo atualmente na China, onde os capitais internacionais foram se alojar, para produzir com menor custo, inclusive usando mão-de-obra explorada de maneira que mais se parece com o período de industrialização da Inglaterra, com baixa remuneração, alta carga horária de trabalho e sem qualquer preocupação com o interesse social. Isso ocorre em boa parte pela grande quantidade de mão-de-obra barata e também a falta de legislação capaz de garantir certos mínimos de condições, por exemplo, para aquele que é afastado do ambiente produtivo. Além disso, a agressão ao meio ambiente e à saúde das pessoas é muito grande, comparada aos padrões dos tempos modernos encontrados nas sociedades consideradas desenvolvidas. Essa é uma prova cabal de que, em essência, o capital existe de preferência para si próprio e que apenas rígidas normas sociais podem controlá-lo. A rigidez proposta não inclui dificuldades de ordem cartorial para o seu desenvolvimento, mas sim, de maneira a engajá-lo ao processo social assumindo suas responsabilidades, como agente consciente e indutor dos avanços sociais.

Quando caímos no oposto, ou seja, uma sociedade em que o poder absoluto do estado define as prioridades e constitui empreendimentos com a finalidade de satisfazer as necessidades materiais da coletividade, o capital inicial é extraído do próprio povo pretendente ao benefício. Nesse caso, em tese, a riqueza do povo é usada para beneficiar esse mesmo agente, porém, as distorções devidas ao próprio ser humano, criam mazelas como, por exemplo: benefícios indevidos e acomodação na iniciativa empreendedora, que levam à deterioração da empresa, com reflexos

Renato N. Rangel

negativos na própria sociedade. Na atualidade um instrumento que tem sido propalado é a transparência nos procedimentos internos à empresa, contudo nada supera o idealismo comportamental que precisa ser cultivado inclusive nos respectivos mecanismos de controle.

Em tempo, um esclarecimento precisa ser posto, pois, quando uso a expressão “em tese”, corresponde ao fato de que inclusive no caso do capital particular, como a riqueza social é coletiva, mesmo que se acumule em mãos de alguns poucos indivíduos, na verdade, em algum tempo o adensamento apresentado por certos indivíduos ou grupos, ocorreu por motivos que nem sempre resultaram do empenho ou criatividade positiva de algum personagem, mas sim das “espertezas” que costumam acontecer.

Se considerarmos os fatores que levaram a degradingola da União Soviética e os que culminaram com a crise do sistema financeiro dos países mais ricos em 2008, pode-se resumidamente afirmar que na verdade todos os acontecimentos têm sua origem no ser humano, seja para o bem seja para o mal. Trata-se daquela máxima: se todos tiverem boas intenções e estiverem dispostos a colaborar para com o interesse coletivo, não haverá por que dar errado. Como em qualquer circunstância, a imperfeição concorre com a perfeição, inclusive porque uma e outra muitas vezes dependem do local e do momento, só resta uma vigilância permanente, algo que é trabalhoso e muitas vezes desgastante. No caso particular do Brasil, quem sabe estejamos nos aproximando do dia em que as maiorias percebam que a sua organização em grupos e de moto próprio, seja a única arma efetiva para a conquista dos seus direitos. Agora, é necessário que todos participem dessas células ou das grandes maiorias, avaliando muito bem quando da delegação de poder, isto é, escolhendo da melhor maneira possível seus representantes e obrigando os escolhidos a compromissos com o interesse coletivo, mediante vigilância e cobrança de atitudes de maneira inexorável. Caso os representados continuem cedendo à tentação do benefício próprio em especial, ou seja, “facilidades” junto ao poder público, o processo será muito mais longo porque a percepção desse engano demandará gerações, para que finalmente amadureça o comportamento das pessoas.

Renato N. Rangel

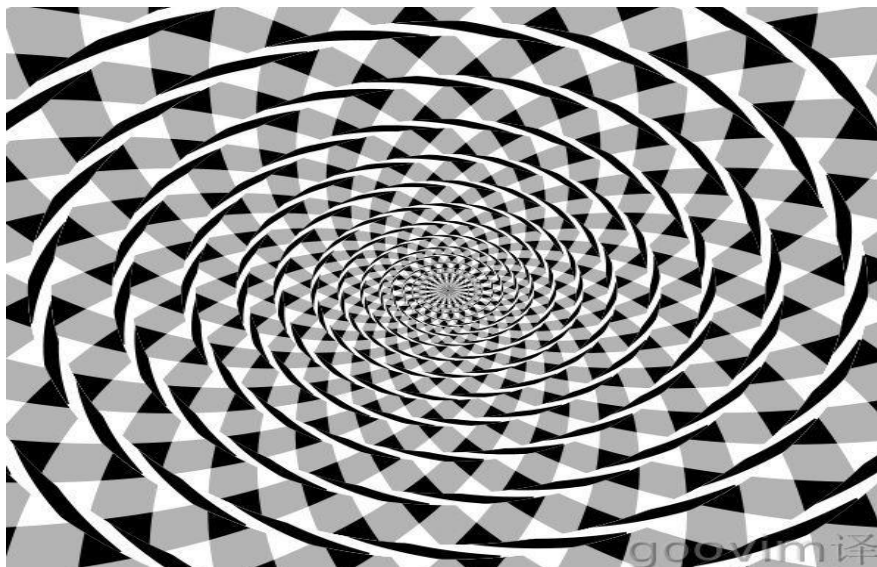
A partir do que se tem observado, as empresas de qualquer área necessitam estar sempre em processo de crescimento, porque não existe estabilidade por longos períodos, caso contrário o retrocesso ou o colapso das mesmas tornam-se inevitáveis. Não existem empresas permanentemente estáveis, ao menos no mundo capitalista. Nesse caso a força que move o capital é apenas o lucro e o acúmulo de poder, o que em determinadas circunstâncias e no horizonte próximo pode parecer conveniente. Na outra ponta a dita estabilidade mantida nos regimes de governo adeptos da economia centralizada, em geral, tem levado as empresas à perda de eficiência passando a constituir um corpo prejudicial ao ambiente econômico como um todo.

No chamado ambiente socialista, existe a probabilidade maior das empresas apresentarem maior estabilidade, porém, à custa de ações externas às mesmas, que na verdade consistem basicamente na transferência de recursos públicos para as referidas, visando prolongar sua existência. Considerando que a sua manutenção tem como principal finalidade o interesse coletivo, mesmo que a custo alto são mantidas, porém no longo prazo também são insustentáveis. No dito mundo globalizado, esse encargo social não pode ser mantido por longos períodos, porque terminará sendo prejudicial à própria coletividade que o mantém. Isso tem ocorrido em países de economia centralizada e muitas vezes considerada socialista.

Dependendo do sistema de governo adotado por uma nação, se houver interesse das verdadeiras lideranças, no início qualquer dos dois modelos de empresa será bem visto e produzirá bons resultados. Todavia, na medida em que se acomodam os interesses, especialmente particulares ou de pequenos grupos, vem a lume os aspectos negativos, ou melhor, em um dos casos sobressai-se a acumulação predadora que visa dominar os mercados a qualquer preço e prejudicando a ordem social, pelos desequilíbrios provocados. No outro caso, a manutenção do empreendimento a qualquer custo, desprezando os indicadores de eficiência, também irá corroer o tecido social, o que poderá levá-lo ao colapso, como ocorreu na União Soviética, por exemplo.

Renato N. Rangel

Entre nós, é comum aceitar que o sistema capitalista se aproxima do ideal, tendo em vista as empresas de maior sucesso e a sua influência no poder econômico dos países. Recordemos que após a crise econômica de 1929, não fosse o estímulo do governo dos Estados Unidos, com capital público, em especial, aquela má fase persistiria sabe-se lá até quando. Tudo indica que foi graças às guerras e o desenvolvimento de uma forte indústria bélica além da produção de alimentos que a economia desse país pode se recuperar, particularmente aproveitando o vácuo deixado pelas potências europeias, destruídas pelo conflito armado correspondente à segunda guerra mundial. Nesse mesmo país modelo, caso não houvesse a interferência pesada dos bancos públicos e a utilização das reservas próprias do erário, o que estaria acontecendo nos dias atuais, depois da crise dos chamados títulos podres de 2008? Foram os recursos extraídos da sociedade que, por decisão política conseguiram estancar a desordem que começara a se estabelecer, inicialmente na economia. Em situações como essas, além das técnicas econômicas, são das decisões políticas que se depende, isto porque elas estão relacionadas a lideranças e fatores psicológicos, que conduzem as massas humanas e em última instância resolvem as magnas questões. Pois é, tudo leva a crer que o problema do sistema de governo não está no modelo escolhido, mas sim nas pessoas que vão gerí-lo e no próprio cidadão comum, constituinte da sociedade em que o mesmo for introduzido.



Renato N. Rangel

DÉCIMO PRIMEIRO VAGUEIO

Pois é, quantos fatos ocorrem na superfície do Planeta Azul, sem que do espaço sejam notados, o que seguramente iria mudar a sua imagem artística e quem sabe a sentimental. No mesmo planeta, segundo a nossa concepção de tempo, inúmeras sociedades humanas surgiram, construíram modelos, desenvolveram-se e finalmente desapareceram por vários motivos, tais como: alterações climáticas, escassez de alimentos e presença de doenças, sendo esses fatores os principais causadores desses colapsos. A propósito, vale a pena lembrar que os portugueses ao aportarem nas praias do atual Brasil trouxeram pestes como a gripe, as quais dizimaram tribos de nativos, pois, seus organismos não estavam preparados para enfrentar tais males, isto é, não possuíam as defesas conhecidas na atualidade como anticorpos. Isso sem contar que em anos posteriores as chamadas bandeiras, no caso do Brasil, além de escravizar os habitantes locais levaram o terror às áreas selvagens ou naturais, por exemplo, matando filhos de índios a facão e diante de seus próprios pais, para com essa atitude imporem o seu poder e daí desfrutar vantagens de todo tipo.

No caso dos Estados Unidos, não bastasse ações do tipo das ocorridas no Brasil, comandantes militares chegaram ao ponto de enviar para os índios “pele vermelha” cobertores de inverno infectados com o tifo, doença mortal e de fácil difusão, isso nos tempos do herói general Custer, a quem se atribui a máxima “o único índio bom é o índio morto”. Atitudes como essa contribuíram para dizimar os habitantes das terras objeto de ocupação, pelo branco europeu. Os filmes de Western que assistimos particularmente durante os anos 50 e 60 do século passado, pretendiam construir heróis nacionais dos Estados Unidos, quando na verdade tratava-se de invasores brutais e inclusive verdadeiros facínoras, pois, como no Brasil, não havia busca de diálogo e entendimento. Era a imposição de uma nova ordem aos nativos, sem qualquer respeito às suas tradições e cultura. Depois de todo o estrago feito tanto num como no outro território, nos países atuais existem órgãos governamentais além de organizações não

governamentais, com a finalidade de conduzir esses contatos de maneira bem mais civilizada, apesar dos reclamos ainda persistentes dos nativos, os quais, em geral, são procedentes.

Considerando o espírito criativo do ser humano, desde tempos remotos usou-se muito a tortura, como um meio para obter vantagens sobre os semelhantes, após subjugá-los por motivos que vão desde picuinhas particulares até causas de caráter coletivo, porém discutíveis segundo o sistema de governo. Além disso, na tortura, inúmeras vezes notam-se certos componentes de vingança por questão de gênero, “raça”, nível social, religião, satisfação do poder e outros fatores. Parece incrível, mas, a História registra que independentemente do nível de desenvolvimento de um povo, essas distorções ditas de caráter psicológico têm sido documentadas, pelo menos nos últimos milênios, o que nos leva a crer que se trata de algo inerente ao homem. Ultimamente, nos regimes ditatoriais, a tortura é regra, porém, nos regimes democráticos, onde o poder é mais dividido e se admite o contraditório, consegue-se detectar a presença dessa excrescência e algumas vezes não de forma velada. Documentos registram que desde pequenos grupos populares até os de grandes proporções, foram sujeitos a torturas em todos os tempos e por motivos que variaram das pequenas desavenças até questões que envolviam a sobrevivência de uma nação. Infelizmente, nos sistemas de governo atuais, apesar de toda a estrutura jurídica construída a duras penas, nos subterrâneos das apurações, especialmente no caso dos mais desprotegidos pelo aparato social, seguidamente vem a lume confissões obtidas sob tortura, inclusive praticada pelo mesmo aparato constituído para proteger o próprio cidadão.

Outra questão ventilada nas últimas linhas é aquela que se refere ao poder, uma investidura que pode ser adquirida de várias maneiras e dá ao seu portador o direito de determinar procedimentos, orientar debates, criar meios de execução de tarefas e dessa maneira decidir sobre o presente e o futuro de todos os que estão sujeitos as suas determinações. O poder pode ser adquirido pela força física, como já aconteceu e acontece em pequenos grupos, entretanto, a partir de quando os grupos atingem

Renato N. Rangel

contingentes maiores de indivíduos, tendo entre seus pares elementos com mais discernimento, mesmo que com menores dotes físicos, a capacidade inicial de domínio começa a ser questionada e diluída, ao que segue uma mudança nos valores que levam ao referido poder. Essa capacidade passa a depender da conjugação de objetivos que não são apenas os do interessado, começando a se estruturar uma ordem de poder, a partir da qual um determinado personagem é escolhido para representar aquilo que as referidas conjunções definirem. Mesmo quando o rei ou imperador, representante divino de um povo aqui na Terra, toma uma decisão, ela tem que estar em acordo com os interesses de grupos, ainda que sob o manto de uma ordem religiosa. Em uma empresa privada o capitalista proprietário evita tomar decisões contrárias às orientações de seus técnicos verdadeiramente empenhados, pois, ele sabe que o seu capital só será multiplicado caso haja o engajamento dos seus comandados. O comandante militar de um exército caso não ouça as manifestações do seu alto comando, dificilmente terá sucesso permanente nas ações conjuntas de seus comandados, porque entre os extremos da cadeia de comando é preciso haver unidade e engajamento total; caso contrário o poder de comando não será efetivo, ou seja, a unidade de corpo não existirá, o que deverá enfraquecer a capacidade do mesmo nos embates.

O poder é algo fascinante, envolvente, prazeroso e inclusive perigoso, isto porque, ao mesmo tempo em que a pessoa poderosa tem maior possibilidade de realizar os seus valores, torna-se alvo de descontentamentos não só daqueles que de alguma forma se viram desalojados do seu conforto, mas também por provocar inclusive a inveja, sentimento bastante comum entre nós. Essa faculdade é exercida por vezes no lar, especialmente pelos pais em relação aos filhos em tenra idade, porém, à medida que o tempo passa e os filhos tornam-se adultos, normalmente esse poder dilui-se, em particular quando esses novos adultos adquirem conhecimento e experiência, sem falar da condição econômica conquistada pelos mesmos, ou ainda das relações sociais adquiridas fora do antigo lar. Parece que fomos feitos para conviver com o poder, seja no lar, no local de trabalho ou na sociedade como um todo.

Tanto nas grandes guerras como nas grandes obras sociais, foi o poder de alguns que direcionou os acontecimentos que vêm construindo a História, isso aconteceu na Pérsia antiga, na Grécia, em Roma, na China imperial, nas guerras napoleônicas e assim por diante: grandes obras como as muralhas da China, as pirâmides do Egito e as dos Maias, na América Central são consequência da força do poder; os assassinatos em massa também têm sua origem nessa capacidade conquistada por uns. No caso a bola da vez é o terrível ISIS²² ou para outros o Estado Islâmico, todavia, a brutalidade documentada quando da invasão da China pelo exército japonês, a maneira como Stalin, ditador soviético, consumiu em larga escala os seus irmãos nacionais nos campos de trabalhos forçados e perseguições de partidários descontentes inclusive em outros países; além das execuções, a maneira como os americanos mataram milhares de pessoas queimadas, no Vietnã, pelo uso indiscriminado das bombas de napalm, inclusive a dispersão aérea das dioxinas causadoras de desgraças tão graves como as malformações de bebês, que ocorrem até hoje, são poucos exemplos daquilo que por força do poder tem contribuído para a “gloriosa” construção da história humana.

De rápido, aqui estão sendo apontados alguns casos de extrema repercussão devido à crueldade, estamos deixando de lado os chamados “pequenos assassinatos”, como diz o filme e a peça teatral, não que sejam desprezíveis, contudo, na realidade costumam ficar na zona de penumbra, pois, atingem números de pessoas bem mais reduzidos e geralmente do ponto de vista social desprezíveis. É o que ocorre no caso dos índios brasileiros atingidos por grandes obras de interesse nacional como se tem registrado com as novas rodovias, ferrovias e barragens, mas não só no Brasil ocorrem tais fatos. Ainda a propósito do poder, como é interessante observar que pessoas inclusive de certo porte intelectual disputam cargos e funções, em boa parte e especialmente apenas pelo poder em si, apesar de saber que o grau de autonomia deva ser bastante restrito. Em geral a demonstração de poder dá mais satisfação ainda, porque o poder sem o reconhecimento dos seus pares é menos instigante, propicia menos

²² - ISIS: sigla que no original significa Estado Islâmico no Iraque e na Síria (em inglês: Islamic State in Iraq and Syria). Grupo extremista que prega o ódio aos cristãos e o fim de Israel.

satisfação e prazer. Já se disse que o poder de um líder é tanto maior quanto mais liderados congrega ou mais seguidores consegue, todavia, também já se afirmou que o verdadeiro líder é aquele que propicia em qualquer situação a formação de novos líderes, mesmo correndo o risco de que estes últimos resolvam rever e até reformular as assertivas do primeiro.

O poder transforma as pessoas, tanto para o bem como para o mal, não faltam na História casos de líderes que escolhidos de maneira democrática resolvem permanecer no poder, por meio de artifícios, levando o estado a uma deterioração perniciosa; registram-se casos em que líderes de alguma maneira impostos a uma nação, deixam marcas indeléveis de magnanimidade, espírito público e inclusive de alta capacidade na administração do interesse coletivo. Evidentemente aqui se trata de avaliações macroscópicas, deixando-se de lado pequenos fatos isolados, afinal trata-se sempre do elemento humano, sem contar que o líder depende de seus liderados e estes nem sempre correspondem às expectativas.

Notemos que independentemente do grau de conhecimento, quando as pessoas são reunidas em grupos e ainda mais, quanto maiores os grupos, aflora a necessidade da liderança que é construída em função das necessidades do coletivo. Em geral cresce o clamor por uma liderança que inclusive aguça o apetite dos pretendentes a líderes. Parece que tudo isso tem a ver com a necessidade remota do ser humano procurar fora de si algo sobrenatural, inclusive acreditamos que no começo esse algo foi relacionado com fenômenos da natureza, especialmente os de grande porte como o trovão, o Sol, a Lua, o vento e outros. Com o passar do tempo, alguns indivíduos dentre muitos foram escolhidos para estabelecer a relação com o sobrenatural, como no caso dos xamãs (pajés), sacerdotes e ainda reis e imperadores. Cabe destacar que estes últimos eram vistos como a encarnação do sobrenatural, condutores do povo por concessão divina. Para documentar citemos o sebastianismo, quem sabe de certa forma vivo até hoje em determinadas regiões do Brasil; seus adeptos aguardam o retorno de Dom Sebastião, rei que desapareceu na batalha de

Alcácer-Quibir, para nos levar com segurança pelos caminhos da vida, ao nosso grande destino.

Ainda neste contexto de análise cabe enfatizar que qualquer sistema de governo tem aspectos positivos e fatores negativos, todavia o maior desafio está em encontrar no ser humano, alguém que efetivamente tenha a capacidade de implementar algum sistema, que se aproxime bastante do modelo imaginado. São as idiossincrasias de indivíduos ou grupos que serão decisivas no comportamento dos dirigentes encarregados do sistema de governo. Daí a importância dos mecanismos legais de imposição da manutenção ou correção de rumo aos poderes constituídos, segundo critérios claros e que obedeçam aos interesses das maiorias, sendo que estas necessitam ser esclarecidas. Mais do que isso, devem de alguma maneira ser preparadas e inclusive estimuladas para a busca dos referidos esclarecimentos, embora a participação maciça dos indivíduos nos mecanismos que constituem as forças vivas da nação seja algo que a História registra apenas em determinados momentos. Um maior número de indivíduos deve ser estimulado. Tal fato deve ocorrer particularmente em relação aos partidos políticos, associações de classe, conselhos comunitários, diretórios acadêmicos, associações de bairros, centros comunitários e por que não dizer, até igrejas e centros espíritas. Lembremos que o processo democrático tem íntima relação com o debate, é mais consistente e duradouro, porém, carrega uma carga bem maior de empenho social, não permite que por conveniência particular deleguemos completamente o poder, para em seguida nos recolhermos ao aconchego do lar.

DÉCIMO SEGUNDO VAGUEIO

O tal ambiente social que não pode ser observado do espaço, está repleto de contradições, senão vejamos: com a invenção da propaganda, através dos meios de comunicação, somos levados a consumir bens além do necessário. Se a mesma fosse utilizada exclusivamente para fazer conhecer um bem que tenha determinadas finalidades, seria compreensível a sua apresentação, pois, sem isso as pessoas não teriam ciência do mesmo. Com tal ausência, por mais útil que fosse o bem, seria ignorado ao ponto de não ter sentido a sua criação e inclusive a confirmação da sua utilidade. O que se recrimina, no entanto, é a propaganda agressiva marcada pela intenção de impingir um produto no consumidor. É particularmente aquela que estimula o consumo supérfluo, cria necessidades perfeitamente dispensáveis, sendo que para essa finalidade desenvolvem-se técnicas, em especial de ordem científica, tais como conhecimentos da área psicológica com o fim de criar necessidades. Por meio da mesma somos estimulados a adquirir automóveis, eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos, alimentos industrializados e vejam que interessante, até viagens turísticas. Tudo isso sem preocupação com os eventuais efeitos colaterais como, por exemplo, a destruição do meio ambiente e o acúmulo de detritos que a Natureza tem dificuldade para degradá-los.

Apenas com o intento de esclarecer o sentido destes comentários, é notório que os automóveis estão provocando enormes congestionamentos de trânsito nas cidades e até nas estradas, no entanto, somos levados a adquiri-los, com a promessa de facilitar os nossos deslocamentos e até convencendo-nos de que com sua utilização adquirimos um status mais elevado no nosso círculo de convivência. Puro engano, pois, a sua aquisição e uso de maneira até dispensável trazem implicações negativas do ponto de vista econômico, além dos riscos de toda espécie. É um contrassenso a aquisição massiva desse bem em uma sociedade onde o custo tende a superar os benefícios. Não bastasse o que foi dito, criam-se novidades que em essência não alteram o veículo, mas, que funcionam como estímulo à

troca por modelos mais novos, mesmo que o modelo mais antigo ainda esteja em perfeitas condições de uso. Procura-se com isso um envelhecimento precoce do veículo, com o forte argumento de que por meio dessas artimanhas a economia e a sociedade progridem. Essa é a visão na qual o progresso é basicamente consequência do crescimento econômico; são deixadas para um segundo plano as necessidades culturais, tais como: as artes, a educação, os mecanismos sociais que deem mais estabilidade à família e o culto às tradições. O progresso é muito mais que os avanços tecnológicos e a intensificação do comércio. A criação de um objeto deve ter seu valor realçado por sua utilidade prática, jamais como elemento de promoção social e muitas vezes artifício de autoafirmação na sociedade.

O modelo social em que vivemos impõe cada vez mais se produza e se consuma bens materiais, basicamente com o argumento de que só assim todos nós teremos a garantida da manutenção das condições sociais, indispensáveis à sobrevivência do mesmo. Excluindo os imediatistas, aumenta o número daqueles que percebem a necessidade de alterar o modelo de vida atual, pois, a produção desenfreada de bens materiais parece que começa a esgotar um ciclo. A quantidade e a velocidade crescente na produção de lixo têm levado à índices preocupantes quanto a agressão do meio ambiente; outro aspecto marcante é o aumento acentuado do uso de produtos químicos, tais como: detergentes, defensivos agrícolas e adubos sintéticos, impondo alterações ao meio natural. Sabe-se que a Natureza tem certa capacidade de regeneração, contudo, não se tem dado a devida atenção a esse fator, particularmente considerando-se a sua fragilidade. Pelo que se tem observado, tudo indica que caso adotemos um comportamento parcimonioso, parece provável que a possibilidade de adiamento de uma eventual ruptura tenha mais probabilidade de acontecer. Na verdade, a incerteza é o que nos ronda, por isso devido a essa certeza a precaução sempre foi mais recomendada. Mudar totalmente o atual modelo social é algo impensável, todavia, a constante readaptação tem sido possível e a cada dia mais se impõe.

Esperar que a consciência mitigadora cresça o suficiente nas camadas mais baixas da sociedade para atuar, é fora de propósito e pode ser que seja tarde demais. Faz-se necessário constituir elites dignas de crédito, para então iluminar o caminho mais acertado, sendo que para tal só a construção de lideranças tornará o processo mais viável. Cabe lembrar que toda iniciativa traz riscos, portanto, inclusive a escolha dos líderes, por outro lado a imobilidade em geral é mais nefasta, porque não permite a construção de uma trajetória que leve ao aperfeiçoamento, tanto do indivíduo como das instituições.

Quanto à racionalidade, é comum no mundo atual sermos levados a crer que a ação racional é a única alternativa acertada, quando das decisões. Segundo a concepção bipolar do mundo em que vivemos, obrigatoriamente deve existir a irracionalidade, que no caso corresponde a aspectos psicológicos imponderáveis. Se o pensamento racional busca lastro em parâmetros ao menos estimados, o irracional deveria lastrear-se no oposto, porém a construção histórica da humanidade tem demonstrado que os extremos em geral não devem passar de modelos. Na verdade, a convivência do racional com o irracional, em geral tem dado melhores resultados. Por exemplo, já ficou claro que na questão da coisa pública, a ação única e exclusiva dos técnicos em geral não tem levado aos melhores resultados. As ponderações de ordem psicológicas, sociais e antropológicas, inclusive não exatas, constituem fatores indispensáveis, na resolução dos problemas de caráter social, resumidamente, trata-se das decisões políticas.

A complexidade das questões sociais não pode ser traduzida por um simples sim ou não. As decisões em consideração não podem ser resumidas a uma avaliação métrica, ou seja, não existem números que possam garantir com certeza absoluta, questões que envolvam especialmente os seres vivos, tanto individualmente como em grupos. É por isso que nesses casos existem decisões que mais têm a ver com a intuição, a qual é bastante relacionada com o irracional.

Quando fazemos os cálculos visando atingir um corpo celeste com o lançamento de um artefato a partir da Terra, por mais refinados que sejam esses cálculos, sempre será motivo de confraternização dos técnicos atingir o alvo. Tal regozijo é devido aos imponderáveis que acompanham a realidade do racional. Pode ser que o irracional esteja associado ao desconhecimento de todos os fatores intervenientes, porém, quantos serão esses fatores. Será que efetivamente eles existem ou no Universo predomina o aleatório, o imprevisível, o imponderável? Afinal se os fenômenos forem cíclicos, dependendo da ordem de grandeza dos ciclos, escapam à nossa percepção limitada especialmente quando de caráter racional. Estas conclusões estão relacionadas com a eterna busca pelas regularidades comportamentais da Natureza, que do ponto de vista instrumentalista tem como intenção principal colocar os fenômenos naturais a serviço de grupos de pessoas ou indivíduos, mais do que isso, pretende acumular vantagens para uns em detrimento dos demais semelhantes. Essa tem sido a norma geral, independente do regime de governo adotado, contudo, a partir do momento em que inclusive os poucos beneficiados começam a perder suas regalias, novas manobras serão executadas visando a manutenção de suas conveniências.

Se o processo racional fosse ao menos predominante, as curvas que representam o desenrolar dos fatos na humanidade deveriam indicar certa tendência de avanço constante e sem grandes alterações na sua trajetória. No entanto os fatos demonstram que inclusive a presença do irracional é atuante e mais, que nem sempre o seu predomínio implica em retrocessos. Por exemplo, os grandes feitos da antiguidade resultaram da inspiração de poderosos, os quais posteriormente até puderam ser analisados e discutidos por meio de procedimentos de caráter racional. Assim ocorreu com uma estrada imaginada pelo Inca, no Peru, uma pirâmide ordenada pelo Faraó ou ainda, a construção da grande muralha da China. Quantas vezes tribos foram salvas ou destruídas devido a um pressentimento do pajé, ou ainda, um Napoleão Bonaparte construiu uma França tão poderosa com base na liderança intuitiva do mesmo.

Há quem diga que o comportamento irracional consiste em recusar inferir a partir de sinais negativos, contudo, o que são sinais negativos quando se consideram o curto, o médio e o longo prazo. Como alguém já questionou, será que o comportamento racional correto é colher antes que o próximo o faça, mesmo que o resultado final seja a destruição do bem comum e, portanto, o prejuízo seja estendido a todos?

Essa é uma tese ingrata, porque a pressão da ciência moderna tem nos condicionado a crer no racional, como se essa fosse a única alternativa de percepção e interpretação dos fatos com os quais vivenciamos o cotidiano. Contudo a interpretação dos mesmos é feita através de artifícios, que na verdade resultam em modelos a semelhança e não no entendimento dos próprios fenômenos. O nosso racional parece ser consequência da incapacidade, inerente a nós, de atingir o cerne da questão, o que poderia perfeitamente ser alcançado pelo irracional, não fossem as mesmas limitações.

Distinguir o que é racional do que é irracional frente à magnitude e beleza do Planeta Azul é algo sem muita importância, porque toda a inspiração dedicada por nós à existência desse corpo celeste não será suficiente para explicá-lo, tanto individualmente como parte de uma estrutura muito maior.

Um aspecto decisivo na interpretação dos fatos, considerando-se os povos que habitavam a superfície da Terra, é a localização geográfica dos mesmos. Ao menos no último milênio, por diversos motivos e em especial pelo intenso uso da pólvora e do aço, o chamado mundo ocidental impôs os seus valores aos demais povos. Assim foi na África, nas Américas e em parte ponderável do oriente. A atividade precípua foi o comércio, porém, impondo seus hábitos, costumes e, conseqüentemente, os respectivos idiomas. Com isso passou-se a depender das técnicas dos colonizadores, sem contar que do ponto de vista cultural, além de impingir modelos artísticos alheios aos conquistados, conseguiram imprimir certo sentimento de inferioridade, de tal forma que os próprios nativos dessas áreas conquistadas passaram a desprezar sua cultura mater. É importante

ressaltar que esse comportamento foi adotado e continua a persistir nas classes dominantes, pois, a História registra que a grande massa popular sempre se manteve e assim continua, com as suas tradições originais. Exemplo desse fato é o que ocorre com os quéchuas e os aimarás, respectivamente do Peru e da Bolívia, que apesar de todo o massacre espanhol, das ondas de influência europeia e dos norte-americanos, não capitularam. Continuam praticamente com a mesma música, trajes, alimentação, habitação, idioma e religião, embora neste último item tenham recebido uma influência muito grande dos sacerdotes jesuítas. A propósito, se a Companhia de Jesus tivesse sido mais tolerante para com as coroas europeias e inclusive menos ética, provavelmente a configuração da América Latina seria outra bastante diferente. Os jesuítas vieram para construir uma sociedade teocrática e autossuficiente, ao passo que os portugueses e espanhóis tinham como principal objetivo carrear riquezas para as respectivas coroas, na Europa.

Os europeus, que aportaram por aqui, tinham a intenção de extrair riquezas e voltar para a pátria-mãe ricos e reconhecidos como tal. Sucede que, com o passar do tempo os filhos eram americanos e, portanto, diferentes dos europeus, então, na maioria dos casos, os pais passaram a ter vínculo mais forte com a terra americana, em muitos casos passaram a defender os hábitos da nova terra. Isso não quer dizer que tenham deixado de ser europeus, apenas que aqui eram mais valorizados, inclusive porque, nas colônias os reinóis tinham mais regalias, independente do seu maior ou menor preparo intelectual e poder econômico. No caso particular da colônia portuguesa, devido à escassa população no reino, existiu uma política de Estado destinada a estimulação da reprodução humana, pois, era necessário povoar as vastas novas terras de além mar. Por esse motivo a procriação de portugueses com índios foi bastante intensa, tanto é que até os dias atuais as características culturais desses povos chegam a predominar em certas regiões, em consequência da manutenção das tradições. Tal ocorre especialmente nas regiões norte, centro-oeste e até nordeste.

Um fato interessante a ser destacado é que: mesmo com a forte ação no sentido da globalização a partir das potências econômicas, cada vez mais cresce a valorização da cultura regional. É importante destacar que essa valorização não resulta de política de Estado, é algo inerente à nação, diz respeito ao seu bem-estar cultural.

Embora a globalização atinja as pessoas no que se refere aos bens materiais, quanto à cultura o próprio povo levanta barreiras, as quais levam à proteção das raízes culturais locais. Mesmo em países mestiços essa característica é percebida e bem definida, tanto é que no Brasil, por mais que a mídia seja posta a serviço desses interesses as grandes massas populares mantêm suas tradições e valores, mesmo que de maneira não intencional.

Quando se fala em globalização, a primeira impressão que se tem é de que no globo terrestre tudo será padronizado, segundo um determinado critério. Porém, já ficou claro que esse comportamento não irá muito além do que tem sido observado no tangente às corporações empresariais, portanto, no que se refere aos valores culturais tudo indica que o chamado mundo global jamais unificará as religiões, os hábitos alimentares, as expressões artísticas, as tradições culturais e assim por diante. O comportamento global só poderá atingir aspectos mais rudimentares como, por exemplo, os meios de comunicação e os bens de consumo, mesmo considerando que um refrigerante como a Coca-Cola seja encontrado mundo afora.

De certa forma, olhando-se para o passado, os romanos e muito depois as grandes navegações do século XV, já constituíram iniciativas no sentido da globalização, pois, impunham seus valores a rincões muito distantes. Lembremos que toda iniciativa nesse sentido principiou pelo domínio comercial, em geral garantido pelo poder bélico, usado de maneira direta ou indireta. Nos dias atuais o que move essa iniciativa é essencialmente a conquista de novos mercados, tendo em vista que o crescimento dos países desenvolvidos é dependente em especial do

crescimento do mercado consumidor e esses países, como qualquer outro, têm limites.

Assim como os povos da antiguidade conseguiram construir áreas de domínio e nas devidas proporções imprimir movimentos de globalização, impondo sua força material e cultural a outros grupos, modernamente esse comportamento é semelhante e ainda, o enfraquecimento dessas lideranças em geral está mais relacionado com os desarranjos internos às nações dominantes, do que com a atuação de fatores externos as mesmas.

Por mais bem estruturado que esteja um corpo social, na medida em que o tempo passa a probabilidade de desarranjos aumenta, especialmente quando o mesmo atinge dimensões muito elevadas. Questões de ordem interna enfraquecem o grupo, permitindo o colapso e em consequência a ação vitoriosa de agentes externos. Esse é o entendimento histórico e independente de qualquer ideologia sectária. Os registros históricos mostram que todas as nações que construíram estados muito poderosos e que ocuparam largos espaços, não conseguiram perpetuar-se particularmente devido à impossibilidade de o centro-de-poder atingir as periferias de maneira eficiente, e aos desarranjos internos à cadeia de poder.

DÉCIMO TERCEIRO VAGUEIO

Dando continuidade aos assuntos eleitos para este texto, tendo em vista a amplitude e importância, vale lembrar um tema que merece destaque, ou seja, a vida. Motivo de amplos debates, no sentido restrito ela ainda não foi confirmada além do Planeta Azul. O sentido restrito nominado aqui, basicamente, não vai além da capacidade de reprodução de indivíduos ativos, para garantir a manutenção do que se denomina por princípio vital. No caso, restringir o entendimento do que se tem por vida, significa não ir além dos fenômenos com os quais convivemos, percebemos e tentamos compreendê-los, tais como aqueles dos reinos animal e vegetal, mesmo sabendo que o limite entre o animado e o inanimado torna-se cada vez mais tênue.

Desde sempre o ser humano aguçou os seus sentidos pretendendo e tentando encontrar uma explicação, para um conjunto de fenômenos que caracterizam a vida. Dessa forma, a capacidade automotora, a interação entre seus semelhantes ou não, a capacidade de adaptação ao meio ambiente e a reprodução das espécies, são alguns fenômenos que permitem caracterizá-la. As considerações apresentadas acima, no caso, correspondem a algo que vai além dos limites da nossa percepção e entendimento.

Como sempre e especialmente considerando a ótica dualista que tem perseguido a nossa interpretação, em primeira instância duas concepções são aceitas, ou seja, a materialista e a idealista. Essas concepções têm estado presentes nos debates permanentes a respeito do que se entende por vida. No caso, o objetivo não é descer aos detalhes de cada um desses modelos, como se fosse um manual do saber, mas, a partir de algumas premissas pretendemos abordar esse assunto sem grandes pretensões, inclusive por deficiência própria.

Enquanto o modelo materialista, que admite partículas subatômicas, átomos, moléculas e células, entende que em função do acaso,

determinada ordem estrutural teve início e daí houve uma propagação que, além disso, apresentou um aumento na complexidade dessa estrutura, o modelo idealista se contrapõe, inclusive com argumentos fortes, mesmo sob o crivo do racional. A propósito, como justificar a construção das macromoléculas que constituem o DNA, as quais seguem um critério bem definido e cumprem determinadas finalidades, frente à constituição de macromoléculas como as dos policarbonatos e poliuretanos, em que ocorre uma dispersão de dimensões bastante grande, quando da sua polimerização (reação química de produção das mesmas). De acordo com os conhecimentos aceitos na atualidade, tanto uma como a outra macromolécula são constituídas por átomos e inclusive apresentam propriedades químicas e físicas bem definidas.

As macromoléculas ditas vivas necessitam uma cepa para sua reprodução, ao passo que as tidas como inanimadas surgem e crescem em determinadas condições físico-químicas independentes de um germe iniciador. Porém, neste segundo caso a identidade não é a regra, o que conseqüentemente leva a formação de corpos que não permitem a caracterização precisa de um indivíduo.

Modernamente acredita-se que os vírus estão no limite entre o que se tem por ser vivo e o inanimado, ou ainda, a matéria bruta. Observações fazem crer que se trata de cristais com atividade vital, inclusive porque de moto-próprio são capazes de reproduzir-se, contudo, dependem da existência de uma base de apoio que tenha origem biológica, conseqüência de uma transformação bem definida e que em geral se conhece como devida ao chamado princípio vital. Esse princípio é algo abstrato que deve atuar na formação dos corpos vivos, assim como a gravidade terrestre foi admitida para poder justificar e além do mais quantificar a interação de atração entre os corpos físicos. Do ponto de vista materialista, se não for admitido o princípio vital torna-se impossível justificar a existência da vida, ao menos segundo os conhecimentos atuais.

Para o idealista o mundo é fantástico, e inclusive a eventual orientação e ordem que passam a existir dentro do caos são mágicas. Na

verdade, sob uma ótica menos precisa o Universo pode levar à ideia de caos, ao passo que quando visto sob uma determinada orientação dá a impressão oposta, ou seja, de alguma ordem.

Deixando o aspecto microscópico de lado, ao nos debruçarmos na janela do Universo, mesmo que possamos distinguir o sistema solar ou um pequeno grupo de estrelas, com características de ordem, por vários motivos somos levados a acatar um verdadeiro caos, isto considerando apenas a Via Láctea. Como à vida associamos o movimento, ainda no campo macroscópico, dependendo do nosso foco essa característica pode ser distinguida ou não.

Voltando aos seres vivos que se encontram no Planeta Azul, parece impossível justificar a origem da vida sem a admissão de um agente externo ou interno a esses seres, capaz de definir a constituição e o comportamento dos mesmos. Essa é a grande síntese que motiva a existência dos inúmeros campos de estudo tanto na fé religiosa como na razão científica. Daí a permanente, indefinida e colidente manifestação de crenças que por vezes tem deixado marcas indeléveis no convívio social da humanidade, tanto para o bem como para o mal.

Como inicialmente a decisão foi de meditar, avaliar, comparar, argumentar e, enfim, filosofar, não nos resta outro caminho senão o de continuar nessa linha de atuação.

Para conhecer o Planeta Azul não basta observá-lo do espaço, é necessário um mergulho no mesmo, para vivenciar as sutilzas dos acontecimentos que o constituem. Por exemplo, a vida social dos seres humanos é por si só muito rica, particularmente no tocante às relações interpessoais. Além disso, na medida em que transcorrem essas relações, tem-se conseguido aumentar a complexidade, em particular pela criação dos princípios do direito e a sua permanente readequação da ordem social. O direito pretende definir e medir, distinguindo o certo do errado nas várias atividades sociais. Dispõe-se a caracterizar os atos das pessoas segundo critérios bem definidos, porém, tais atos não são praticados em situações idênticas, daí a necessidade da interpretação da lei, o que nos leva à

Renato N. Rangel

imprecisão. Então o direito aplica a lei, a lei é precisa, todavia, os fatos que levam à necessidade de avaliação a luz do direito, são distintos e em geral não bem caracterizados, além de discutíveis. Na outra ponta, tanto os defensores como os acusadores e os julgadores são seres humanos sujeitos a influências das mais diversas tais como, em especial, o chamado pré-julgamento.

Afirma-se até que, no julgamento os juízes primeiramente decidem, para em seguida buscar argumentos que fundamentem suas decisões. Dessa forma, quando tomaram a decisão inicial, assumiram um lado, isto é, já absolveram ou condenaram. Tal ocorre porque o homem não é isento e nem pode ser, ele é influenciável e essa é uma de suas características marcantes. Quando se trata de decisões coletivas, em geral, o risco de contaminação pela capacidade persuasória com certo viés é menor, no entanto não é eliminado. Infelizmente o tribunal do júri não é isento, porém a probabilidade de equilíbrio e isenção é maior. Devido aos inúmeros erros de julgamento registrados na história, ainda é mais prudente o uso do tribunal do júri e evitar a pena capital, porque caso essa última seja aplicada não existe a possibilidade de reversão ou compensação ao condenado, caso venha à tona um erro de julgamento. Por outro lado, tanto em termos de castigo como de reeducação, a chamada pena máxima, na verdade, interrompe o processo de justiça, por mais brutal que possa parecer.

A justiça à luz do direito é algo impregnado de ideologias, por mais que se pretenda mensurá-la e codificá-la, tendo em vista que a criatividade, inclusive quanto às ações maléficas, é algo dinâmico e permanente; as leis serão sempre insuficientes e chegarão a *posteriori* do ilícito. Da maneira como o assunto está sendo abordado neste texto, podemos ter a impressão de que se trata de algo insolúvel, na verdade o que se tem é um processo em andamento e de maneira permanente. Nunca poderá existir um código legal de caráter definitivo e que consiga enquadrar e punir, a contento da sociedade, todos os ilícitos. Os países que têm diplomas legais mais duradouros são aqueles que deixam menos precisas as normas ali contidas, o que pode apresentar como sempre aspectos positivos e inclusive

negativos. Só a aplicação das mesmas poderá dar sentido ao que se afirmou anteriormente.

À medida que o tecido social se torna mais elaborado, as leis necessitam revisões, ou ainda, novas leis. Tudo é muito complicado porque esse processo, ao mesmo tempo estará envolvendo ética, moral e até princípios religiosos. A construção desses diplomas legais é mais fluente nos regimes de exceção como as ditaduras, porque as decisões são avocadas por um pequeno grupo de pessoas, ao passo que nos regimes democráticos as leis devem surgir do amplo debate, com a participação das várias tendências componentes da sociedade. Esses documentos têm inclusive a finalidade de aliviar as tensões internas à mesma porque, a rigor, devem contemplar os anseios dos referidos grupos. Não bastassem esses argumentos surge ainda a interpretação da lei, a qual está sujeita aos humores de cada um, em especial dos julgadores.

Em toda essa história, o pior é que a justiça é cega, como diz a tradição e, além disso, dependendo de quem é julgado e da competência e esperteza do seu advogado, tem-se sentenças absurdas. Tudo isso sem considerar a eventual sonegação de documentos incriminativos e, modernamente, a exploração midiática em geral tendenciosa. Daí a mídia que não tem poder para julgar e se arvora a condenar; quando lhe convém absolve, usando artimanhas como a seletividade de informações, praticada segundo interesses escusos. A esta altura é preciso dizer que como em quase todas as iniciativas humanas existe uma dose de seriedade e idealismo, portanto inclusive na mídia, há motivo para justificar a sua existência, contudo, quando partimos para a realidade, trata-se de um mal necessário e que precisa, como toda organização ou empreendimento, de alguma forma de crítica efetiva por parte da sociedade organizada. Essa iniciativa, porém, desagrade os que atuam na mídia, especialmente nos países em que a ordem social é menos consistente ou, o poder da mesma é forte o suficiente para legislar em causa própria.

Com grande probabilidade a informação deve resultar de interações entre seres vivos, essa observação pode ser constatada, por exemplo, no

comportamento das formigas e das abelhas. Percebemos que esses insetos conseguem de alguma forma certa orientação, uns pelos outros nas suas várias atividades. No caso do ser humano, parece que inicialmente apenas gestos e sons individuais eram suficientes para a comunicação. Com o passar do tempo instrumentos e códigos passaram a ser usados, com o intuito de transmitir as informações. Foi o caso dos instrumentos de percussão, das figuras impressas nas cavernas e os caracteres anteriores ao alfabeto, como os hieróglifos, dentre inúmeros outros meios.

A transmissão de informações foi desde sempre um procedimento importante inclusive na manutenção da vida. O que neste particular conta com os modernos conhecimentos devidos aos estudos da Engenharia Genética, basta dizer que as informações contidas no DNA devem estar sendo transmitidas há tanto tempo, que ainda se torna impossível uma avaliação precisa. Partindo-se do mundo microscópico, a semelhança, inclusive o macroscópico tem íntima relação com os mecanismos da informação, seja por motivos de garantia da existência dos seres vivos ou ainda pela busca do equilíbrio na Natureza. No caso dos seres animais, sabe-se que a informação está intimamente associada aos cinco sentidos com graus de percepção que variam em função das espécies.

Com a finalidade de aperfeiçoar as maneiras de transmissão da informação, considerados estágios como os apontados anteriormente, chegou-se ao domínio das ondas hertzianas, conhecimento essencial para os meios de comunicação na atualidade. A propósito, tanto o rádio como em seguida a televisão são verdadeiros marcos nesse *mister*.

Neste ponto cabe um destaque especial à escola, que na verdade é anterior às técnicas apontadas anteriormente e inclui dentre os seus afazeres os procedimentos da informação. Parece incrível, mas, para uns a finalidade principal da escola consiste nesse objetivo, contudo, sabemos que na verdade a escola é uma criação humana com o intento precípua de desenvolver o espírito crítico dos neófitos, para que possam efetivamente trazer alguma contribuição ao processo cultural. Não se trata de simplesmente treinar a execução das informações recebidas, com a máxima

maestria, como se apenas essa iniciativa fosse suficiente para um ser verdadeiramente humano. A escola precisa ser encarada como uma organização viva e ativa, capaz de provocar transformações, as quais deverão levar à construção do presente, porém, visando aperfeiçoar o que vier no futuro. Por que essa concepção? Simplesmente porque, os entendimentos que se tem sobre o passado, o presente e o futuro, admitem interpretações que na realidade, quando no limite, não passam do tempo presente. Os outros tempos foram criados pelas necessidades da mente humana, ou seja, ao construir os seus modelos não ser capaz de interpretá-los segundo a maneira holística.

Ainda sobre a escola, poderíamos afirmar que se trata de um mal necessário, ao menos de acordo com a nossa ordem social. Ela é importante porque reduz os custos impostos a todos, quando comparada com outras formas de difusão do conhecimento, embora seja autoritária e opressora, e em parte cerceie a criatividade individual, fator inerente a cada um de nós. A organização escolar não pode abrir o leque de conhecimentos de tal forma que satisfaça a cada um dos seus integrantes, por motivos óbvios. Seus currículos não podem ser muito amplos, pois, caso contrário o tempo disponível para cada assunto seria tão exíguo, que não se conseguiria um mínimo aprofundamento em qualquer disciplina.

Em consequência, torna-se imperativo restringir os currículos ao essencial da formação básica, um dos principais motivos pelos quais ocorre o desengajamento do estudante. Por outro lado, a escolha de um foco além de ser prejudicial às maiorias que não têm esse objetivo, conduz os interessados a uma deformação, que não condiz com a necessária formação do verdadeiro cidadão.

Nestas considerações não estamos destacando outro fator importante, ou seja, a contextualização com o meio onde nos encontramos. Caso tal não ocorra, o mais importante, isto é, o processo cultural não terá substrato e, portanto, apresentará grande fragilidade, o que imporá a um grupo social a permanente dependência de outros, inclusive nas iniciativas mais mezinhas.

O processo cultural de um povo é muito mais que construir máquinas, dominar reações químicas, efetuar mudanças genéticas e por aí afora. Trata-se de uma sequência comportamental, construída no correr de um longo tempo, com valores intrínsecos, que permitem recorrer em momentos de dúvidas às suas próprias origens. A sua segurança é produto de seus próprios conhecimentos, é autóctone, não necessita recorrer a outrem, particularmente no que diz respeito aos princípios. Esse posicionamento é produto do amálgama interno ao grupo, construído com dedicação e ao longo de muitos anos.

A cópia de processos e procedimentos só tem valor quando reelaborada com competência e, isso só ocorre com proficiência quando o copador já desenvolveu uma cultura consistente, com valores que vão além das técnicas imediatistas e puramente instrumentalistas. Esses fenômenos sociais são perfeitamente identificáveis, quando do estudo comportamental de povos que por algum motivo foram colônias de outros e, notadamente quando se trata de colônias com culturas mais rudimentares. Nesses casos a aculturação é o efeito predominante, mesmo que se note certa resistência em aspectos como o alimentar e o religioso. Por exemplo, nos países andinos, ainda que sob a intensa atuação da cultura europeia, por mais de 500 anos, percebe-se com nitidez que além dos fatores apontados, as próprias vestes ajudam a marcar suas tradições culturais. Quando se trata das novidades eletrônicas e dos fármacos, em particular, a dependência externa e a falta de segurança nas pesquisas e novas técnicas é marcante. Sentem-se mais seguros com os importados, em particular da Europa. Vivem sob o fogo cruzado de suas tradições com as de alhures.

Como os nativos do Brasil viviam em estágio cultural bem menos desenvolvido que o dos andinos, o predomínio da cultura europeia foi mais intenso, ao ponto de até há pouco tempo nossas elites acreditarem que estávamos mais próximos das origens europeias e, particularmente por isso sentirem-se em maior consonância com os povos daquelas paragens, especialmente nas regiões sudeste e sul. Após toda a enorme importação de africanos, termo válido naquela época, deu-se valor muito grande à

Renato N. Rangel

chegada em larga escala dos europeus, inclusive em condições muito melhores que as dos africanos. No caso da Argentina, a influência europeia foi de tal ordem que as coisas se passaram como se um enclave europeu fosse transplantado para aqueles territórios. Foram em número tal que não precisaram aculturar-se, impuseram totalmente a sua cultura. Esse fenômeno ocorreu de maneira relevante após as imigrações iniciadas no século XIX, frente a uma massa relativamente pequena de nativos, em um território de dimensões muito elevadas. Se as aventuras dos holandeses e dos franceses pelas terras brasileiras tivessem vingado, o Brasil não teria essas dimensões continentais e, provavelmente, as discrepâncias que já são grandes seriam bem maiores, para tal conclusão basta olhar para a África dos nossos dias.

Nesse último continente, onde existiram colônias holandesas, belgas, francesas, inglesas, espanholas e portuguesas, mesmo com culturas bem mais adiantadas que as das regiões do Brasil, sem considerar a enorme subdivisão territorial, a degradação do tecido social é inconteste, devido à desestruturação da ordem ali existente, construída numa escala de tempo muito dilatada.

DÉCIMO QUARTO VAGUEIO

Como nas várias regiões da superfície do Planeta Azul existe marcante diferença entre os habitantes humanoides, particularmente no aspecto externo, é praticamente impossível admitir a unidade dessa espécie animal, mesmo que a ciência procure e de maneira persistente uma única origem. Por meio de estudos arqueológicos, antropológicos e até geológicos, mantém-se como norte a origem unitária. Estabeleceu-se uma crença e tudo é feito com o intuito de justificá-la. É a busca permanente de motivos e de argumentos que possam conduzir à qualificação da crença imaginada; trata-se de algo que se assemelha aos procedimentos do direito, nos julgamentos, como sugerido anteriormente. No caso, vivemos em busca do elo perdido, o qual permitiria estabelecer um encadeamento lógico, que pudesse ligar os fatos passados, ao menos com os presentes. De acordo com essa concepção poderíamos justificar a evolução para a postura ereta, quem sabe a diminuição do comprimento dos braços, a conformação dos maxilares e outras características físicas, isto sem entrar na capacidade habilidosa dependente do raciocínio.

Quando se fala do comportamento humano o essencial está nos fatores básicos, os quais brotam do meio em que se encontra o grupo social. Esses elementos podem ser alterados, no entanto, existem alguns que são permanentes, tais como a manutenção da vida, que em qualquer aglomerado humano tem caráter definitivo. Há quem afirme que no caso trata-se de um instinto animal, porém, no que se refere ao homem, único ser vivo capaz de construir uma história, deve inclusive tratar-se de um fator que pode estar subordinado ao que se tem por racional.

De acordo com as nossas concepções sociais, incluindo aí as tradições culturais, uma instituição que desfruta dos privilégios originais é a escola e nesse tocante, vislumbra-se o mote de tudo, ou seja, o par professor-aluno. Tudo o mais gravita em torno desse par, porque é nele que se encontram o conhecimento e os interesses complementares como a avidez pelo saber, além da busca pelas técnicas que facilitem a transferência e a capacidade

Renato N. Rangel

de desenvolver esse saber. Entre nós, é comum confundir a escola com o edifício onde ocorre o processo do ensino-aprendizado, contudo, embora o apoio material para o mesmo seja importante, a essência está na interação contida no par professor-aluno.

No sentido do par apontado, a escola é um instrumento criado por nós com a finalidade precípua de organizar e facilitar a difusão do conhecimento, para garantir a maior eficiência do processo cultural de um povo. Com essa finalidade inúmeras técnicas têm sido desenvolvidas, porém, nem sempre objetivando o aperfeiçoamento social, isto porque existem orientações nas quais o foco principal está voltado unicamente para a produtividade de coisas primárias, tais como objetos materiais. Isto sem que haja preocupação com o amadurecimento intelectual do aluno, para gerar ideias capazes de transformá-los em criadores de modelos. Assim de acordo com o primeiro foco, o desenvolvimento do espírito crítico deixa de ser importante para beneficiar e valorizar as habilidades motoras, com finalidades imediatistas e em detrimento da construção de uma história mais rica.

A escola, que pretendemos, deve ter como valores principais o comportamento cidadão, calcado em princípios morais e éticos, que contribuam para o aperfeiçoamento social. Esse entendimento não deve, porém, restringir-se à análise abstrata dos fatos, precisa inclusive considerar as habilidades mais necessárias ao escopo da vida como um todo físico e abstrato. É por isso que na escola devem coexistir refinamentos de cunho intelectual e o desenvolvimento das capacidades artesanais, em boa parte porque uma propicia o avanço da outra. Dadas as condições em que vivemos, com o tempo haverá especialização, no entanto, mesmo o especialista só se realizará como ser humano, ao conseguir transitar pelas duas capacidades apontadas e complementares no indivíduo social.

Ainda a propósito do termo escola cabe outra consideração, ou seja, as suas características constituem uma forma para construir o pensamento, de acordo com critérios relativamente bem definidos. Assim, pode-se considerá-la segundo a concepção do direito romano, com uma

formalização bem definida, com princípios e regras claras, embora a aplicação seja difícil e discutível. Nos dias atuais, para ilustrar segundo outro foco, temos a denominada escola de Viena (início do século XX – conhecida como círculo de Viena), na qual certo número de pensadores construiu algo que pode ser considerado como modelo de orientação nos estudos da filosofia científica. Dentre esses estudiosos destacam-se, por exemplo, os alemães Moritz Schlick e Rudolf Carnap (C 1920), filósofos que passaram a usar o critério da verificabilidade, o qual se baseia na observação e na experimentação. Olhando-se para o passado mais distante, pode-se considerar a escola dos essênios na qual parece que inclusive Jesus de Nazaré, o Cristo, bebeu luzes, ao menos quando se trata dos estudos alheios à fé.

Esta outra concepção de escola permite um entendimento muito amplo, justamente porque as condições de contorno são mais elásticas, por aceitarem maiores interações com outros grupos de pensadores. Segundo a compreensão aqui proposta, Santo Agostinho (C 400 DC), grande codificador da fé cristã no ocidente, fundou uma escola com características bem definidas, mesmo que esse não tenha sido o seu propósito. Fixou normas e critérios quanto ao comportamento do ser humano, ainda que sob a ótica da fé.

Nessa mesma linha de pensamento, Charles Darwin bem como Alan Kardec, organizaram fenômenos e entendimentos anteriores, cada um na sua área de atuação, de maneira que, a partir daí, verdadeiras escolas passaram a ser identificadas, no sentido hora em estudo. A escola freudiana, codificadora da psicanálise, é outra que pode ser juntada à concepção que se está distinguindo, porque lançou as bases de um entendimento no qual se refere às doenças da alma, a partir de fenômenos já então detectados. Essa alma passou a ser explicada por mecanismos que incluem o consciente, o subconsciente e o inconsciente, como níveis em que podemos nos encontrar quando se trata da psique. Mesmo com as alterações introduzidas por Carl Jung, seu ex-aluno, as bases iniciais constituem o lastro de todo o processo usado no estudo psicanalítico.

Se considerarmos as várias atividades humanas ao longo dos tempos, o número dessas escolas de pensamento será muito grande, especialmente porque elas também estão sujeitas às alterações dos meios físico e social. Quando, por exemplo, na Pérsia antiga, o Rei era a encarnação divina na Terra, com certeza tal entendimento deveria refletir-se nos movimentos culturais que permitiam identificar uma escola. Assim foi e assim será, porque essas concepções estão inseridas no meio social do seu tempo. Como o homem é em essência o mesmo, desde sempre, a revisitação das antigas codificações sempre trará à tona afirmações e conceitos que permanecem vivos, por mais que se tenha reelaborado o pensamento de então. Quando os economistas optam por uma linha de pensamento ou outra, diz-se que atuam segundo esta ou àquela escola, como no caso da chamada Escola de Chicago - expressão concebida em 1950, defensora do chamado mercado livre, na qual são seus líderes George Stigler e Milton Friedman, pensadores que veem com certa clareza os procedimentos econômicos e segundo um determinado viés. A própria globalização econômica é produto de uma orientação imprimida por um determinado grupo de economistas, que por sinal é oriundo dos países economicamente mais fortes. Como na verdade inclusive essas escolas não são atemporais, pela lógica terão sucessoras e daí a grande dinâmica social, que leva à construção da história da humanidade.

DÉCIMO QUINTO VAGUEIO

A propósito dessas análises contínuas ou não, outro componente que está presente em nossa vida é a pretensa necessidade de demonstrar felicidade, não basta ser feliz. É algo que nos acompanha, embora seja basicamente produto de convenções sociais, as quais na verdade têm forte atuação sobre o nosso modo de vida. É interessante notar que a rigor a felicidade deve ser um estado de espírito resultante de conquistas ou percepções que conduzam ao bem-estar na vida, portanto é algo muito particular de cada um e sujeito a fatores sobre os quais o homem não tem perfeito domínio. Uma curiosidade interessante é que, no cotidiano, tornou-se necessário além de ser feliz, externar a mesma, pois, só assim ela poderá ser satisfatória. Vivemos num ambiente onde as pessoas têm necessidade de ser vistas como felizes. Parece absurda essa afirmação, mas ao observarmos no dia a dia nosso redor, vem essa confirmação principalmente no que tange às coisas do sentimento.

Da mesma maneira que os animais irracionais podem ser condicionados, nós também apresentamos essa característica, mas existe um porém. No nosso caso os graus de condicionamento são bem mais amplos porque envolvem sutilezas as quais, ao que tudo indica, escapam à percepção dos irracionais. O nosso condicionamento está sujeito a elementos de caráter social tais como, modo de vestir-se, alimentar-se, sentar-se e, enfim, o comportamento frente aos demais da nossa espécie. Ainda para ilustrar esse entendimento, cabe considerar a necessidade de demonstrar felicidade, como já foi dito, algo de cunho muito particular de cada pessoa, mesmo que no sentido geral apresente traços comuns. No entanto, existe uma espécie de exigência social, com o propósito de cobrança de uma felicidade padrão, que inclusive precisa ser reconhecida pelos outros indivíduos. Assim como a palavra indivíduo significa indivisível, aquele que tem a unidade em si própria, a felicidade do mesmo tem que ser algo particular de cada um, não pode corresponder a coisa resultante de compartilhamento, mesmo que a causa possa ser comum a outros. Cada

um é feliz ou não, segundo suas percepções, necessidades e reações particulares, frente aos condicionantes encontrados vida afora.

Dentre os sentimentos que caracterizam o comportamento humano, o tédio é um dos inimigos da felicidade. Esta é devida a estímulos, de tal maneira que se esses forem exteriores, será um indicativo da vacuidade interior, ao passo que caso contrário, a consistência do interior levará à ausência do tédio, porque o ser social já será suficiente a si próprio.

A propósito vale destacar que: “a vida nômade, que indica o grau mais baixo de civilização, é novamente encontrada, em grau mais elevado, na tão generalizada vida turística. A primeira fora produzida pela necessidade, a segunda, pelo tédio²³.

Essa questão da felicidade é algo muito interessante, justamente devido à maneira com que cada um manifesta tal sensação, inclusive frente aos mesmos fatores que possam provocá-la. Normalmente ela resulta de uma ação casual ou provocada, criadora da sensação de bem-estar. Esse estado de espírito pode ser breve ou prolongado, porém, jamais permanente. A pessoa que como se diz, vive de bem com a vida, só consegue essa condição porque usando da via racional, aprende a fazer um balanço de custo-benefício, para então aceitar os transtornos e provocações em favor de uma causa maior, ou seja, o seu bem viver. No caso não se trata de um comportamento intuitivo ou de alguma outra ordem mais refinada, mas de uma defesa construída, muitas vezes a duras penas. Estes argumentos incluídos neste texto constituem sutilezas encontradas no Planeta Azul, sendo que a sua percepção só pode ser dada àqueles que habitam a sua superfície, são racionais e vivem em grupos sociais. Quando se trata dos irracionais, se houver sentimento de felicidade não deverá ir além de sentir-se seguro no grupo e ter a manutenção da vida garantida: basicamente segurança alimentar e condições para a reprodução da espécie. Decidiu-se aqui não aprofundar as observações do

²³ - Schopenhauer, Aforismos para a sabedoria de vida, Trad. Jair Barboza, pg. 33.

comportamento dos animais irracionais, nas várias circunstâncias que possam ser imaginadas.

Existem pessoas que se sentem felizes única e exclusivamente porque conseguem ser o instrumento capaz de aliviar o sofrimento de outrem. Se por algum motivo elas tiverem essa capacidade interrompida, costuma acontecer que o processo racional apontado anteriormente não será suficiente, para garantir a manutenção da felicidade. Em geral elas se destroem, pois, não resistem à perda daquela capacidade. São pessoas que por consequência de suas ações passam a desfrutar do respeito e reconhecimento dos seus semelhantes, o que lhes dá certa aura de beatitude. Nesses casos a felicidade é mais profunda, duradoura e consistente, por esses motivos quando interrompida, apresenta um processo destrutivo muito grande. A felicidade mais ligada às realizações e aparências do cotidiano material é menos consistente, mais volátil e em consequência menos traumática, tanto vem como vai, deixa marcas menos acentuadas.

Estar feliz não é o mesmo que ser feliz, porque nesse segundo caso as implicações são mais profundas e muitas vezes dependem do aperfeiçoamento do comportamento racional. Isto porque existe uma estreita relação com o chamado custo-benefício, ou seja, o indivíduo é capaz de entender que é possível construir uma felicidade mais madura, em boa parte como consequência do seu desenvolvimento, produto da experiência de vida adquirida. Nem todas as pessoas conseguem vivenciar um grau conveniente de amadurecimento, por uma série de motivos. Para tal é necessário procurar romper com os preconceitos acumulados ao longo da vida, devidos a influência do meio social no qual nos encontramos desde o início.

Como em todas as nossas manifestações, quando pretendemos melhor explicá-las, faltam argumentos e suas justificativas são incompletas, assim também com o sentimento de felicidade.

Como soe acontecer, os temas desenvolvidos no silêncio da introspecção, costumam apresentar-se de forma mais aprofundada e

Renato N. Rangel

consistente embora, algumas vezes, afastada do prazeroso, isto é, distante das conclusões mais fáceis, apreçadas e que satisfazem as primeiras necessidades. Já se disse que definir é dar nome, contudo, dependendo do fenômeno ou percepção não bastam um ou poucos vocábulos, torna-se necessária uma conceituação mais ampla e que implica em outros saberes. Dentre esses saberes, modernamente, a Psicologia é um conhecimento que se propõe a decifrar esses sentimentos até de maneira bastante importante. Provavelmente porque não pertence à área das ciências exatas, onde devido às suas características seria impossível quantificá-los.

Quanto às relações humanas, a complexidade é tal que para ilustrar basta considerar Aristóteles, em sua obra denominada Retórica, quando destaca comportamentos como: a inimizade, o ódio, a ira, a cólera, o vexame, a calúnia, o temor, a confiança, a vingança, a ironia, o medo, vergonha, piedade e assim uma quantidade elevada de manifestações características do homem, ser social.

A convivência entre os iguais estimula o surgimento de atitudes e comportamentos, que como os indicados anteriormente, tornam a vida em sociedade altamente dificultosa, daí o aparecimento dos desajustes psíquicos, e a aparente proposta de identificação, justificação e interpretação dos mesmos.

DÉCIMO SEXTO VAGUEIO

Uma relação interativa que merece ser abordada é a do ser humano com o meio ambiente. Pelo que se depreende da História, a impressão predominante é que a Natureza existe para servir ao homem, basta considerar tudo o que a humanidade tem feito no correr de sua história, especialmente quando se trata dos grupos sociais considerados mais desenvolvidos. A exploração dos meios naturais, em particular no tocante às atividades de cunho mercantil, sempre foi deplorável porque eles em geral foram encarados como algo inesgotável e ainda, como se tal ação não pudesse refluir contra nós mesmos. Quando se trata dos grupos menores e menos desenvolvidos nessa atividade, é patente a constatação de que vivem integrados ao meio natural como os irracionais, usando apenas o essencial para a sua manutenção, sem necessidade de acumular nada a não ser suas tradições, que por sinal costumam depender essencialmente da oralidade. A primeira impressão que se tem é de que, a maior garantia quanto a perenidade dos seres vivos vem da integração deles com o meio natural, sem pretender alterá-lo.

O que se denomina por civilização, ao longo dos tempos tem aumentado a sua atuação de exploração da Natureza, não se considerando parte integrante da mesma e sim, como se fosse um agente externo cuja existência tivesse como uma das características principais a ação de domínio das potencialidades da referida. Essa tendência a usufruir de maneira unilateral as capacidades da Natureza, costuma ser definida como progresso, o qual não tem como critério medir as consequências daí advindas. Nos dias atuais, creio que em função dos primeiros sinais maléficos percebidos, surgem grupos de pessoas que se dedicam a alertar para os inconvenientes das ações insanas sobre o meio natural. As primeiras populações atingidas pelas alterações ambientais provocadas artificialmente são os nativos, no geral pequenos grupos, todavia, com o passar do tempo e a intensificação dessas ações, os grandes aglomerados populacionais são atingidos por vários meios. Estamos falando das

devastações para a criação de gado bovino em larga escala, construção de grandes hidrelétricas, construções de hidrovias e ferrovias, aplicação descontrolada de agentes químicos e até biológicos na lavoura, armazenamento irresponsável de resíduos atômicos, caça e pesca indiscriminada de animais terrestres, produção e descarte inconsequente dos vários tipos de lixo, uso de antibióticos de maneira pouco consciente e assim por diante.

No estágio em que nos encontramos e tendo em vista a realidade na qual vivemos, seria praticamente impossível reverter tudo o que foi construído, inclusive porque nos ajustamos a essas condições, somos dependentes delas. Tudo leva a crer que no caso seria mais conveniente, conviver com esses feitos, porém, sob o rigoroso controle dos fatores negativos e incluindo a constante mitigação do que já não for possível evitar.

Quando se trata do Planeta Azul, é consenso o entendimento da Natureza como todo o arcabouço encontrado por nós desde tempos imemoriais, incluindo-se aí os aspectos geológicos ou minerais, os vegetais e os animais. De propósito organizei-os segundo o critério da animação, isto é, quando se trata dos geológicos, destaca-se a constituição química de caráter permanente, o que ocorre inclusive com a água. Os vegetais e animais implicam no fenômeno da reprodução, o que em princípio supõe maior complexidade. De acordo com o nosso entendimento uma pedra de rubi, adquiriu essa constituição em dado momento ou período e assim permanecerá para sempre. Quando se trata dos vegetais e animais, por mais longo que seja o seu tempo de duração, sempre haverá uma trajetória que irá do nascimento à morte, e isso independente dos seus constituintes minerais, todos de origem geológica.

A propósito, é interessante destacar que essa distinção inicial não nos satisfaz, em particular porque ela é resultante de observações tais que atingem de maneira muito restrita os elementos microcósmicos. Estudos têm levado a dificuldades de compreensão, quando se atinge o limite entre o que se tem por ser vegetal e ser animal. Essas dificuldades surgem

novamente quando, no mundo microscópico e especialmente o atômico, pretende-se distinguir o ser vivo do inanimado. Pesquisas como essas permitem questionar modelos como o da evolução das espécies, que a semelhança dos outros tem seus fundamentos em particularidades, mesmo que coletadas em larga escala. Sei que estou pisando em terreno minado, porque desde as observações e propostas de Darwin, existe um verdadeiro culto as suas ideias, sem que se considere o muito que ainda precisa ser elucidado.

Para admitir que a partir de certo momento, partículas minerais tenham se organizado para, no meio aquoso, formar os coacervatos²⁴, seria necessária uma motivação. De acordo com as concepções aceitas, tudo o que ocorre no Universo está sujeito a uma ordem imposta, isto por que as chamadas leis naturais não têm nada a ver com as sociais, pois, não carecem de interpretação, são inflexíveis e inexoráveis. Qual a motivação para que, por exemplo, um coacervato se transforme em célula? Sabendo-se que a partir desse estágio esse pequeno ser adquire a capacidade de se multiplicar.

Vale considerar que quanto ao acaso, no que se refere aos fenômenos naturais, pode ser uma simplificação, caso consideremos o modelo da periodicidade e ainda mais, tendo em vista as dimensões da nossa existência. De outra maneira, a extensão da nossa vida e dos fenômenos notados, é de tal ordem que se torna praticamente impossível perceber os ciclos, daí a impressão de acaso e até de caos.

Lembremos que as células têm a capacidade da replicação, sendo que embora suas características básicas sejam mantidas, em um ser mais evoluído passam a constituir os tecidos de órgãos com distintas finalidades. Formados esses órgãos, as características adicionadas às básicas também permanecem constantes. Como básicas pode-se considerar o núcleo, a membrana envolvente e o fluído interno à membrana. Assim, uma célula

²⁴ - Coacervatos são aglomerados de macromoléculas, detectados em estudos de sistemas coloidais, a semelhança de gotículas. Com isso essas macromoléculas passam a não se encontrar mais no solvente. El origen de La vida, J. Keosian, pg. 24/25.

de fruto deve ser diferente daquela que compões a folha da árvore, da mesma maneira a de sangue deve ser distinta da que constitui as unhas, no caso dos animais.

Se este raciocínio for levado ao extremo, na verdade, o acaso será fator predominante, quando respeitadas as considerações anteriores, inclusive porque no tocante às espécies animais e vegetais, a variedade é indescritível, basta dizer que constantemente estão sendo adicionadas novas espécies ao rol conhecido. Observemos que tal fato tem ocorrido mesmo em áreas já conhecidas, de forma independente dos espaços já conquistados. Basta dizer que em um metro quadrado de solo explorado, os biólogos conseguem identificar cada vez mais esses seres vivos. É bem verdade que as dificuldades são crescentes. Com toda essa diversidade, quem nos autoriza a estabelecer um critério de seleção para justificar a ordem estabelecida?

Trata-se de um modelo, como o geocêntrico, que também foi útil por muito tempo. Esses modelos admitem crenças, que até chegam a se transformar em fé, dependendo da conveniência dos grupos dominantes. Aliás, nesse sentido, as religiões sempre desfrutaram de privilégios, porque a partir da aceitação dos dogmas torna-se mais fácil construir um modelo de maior durabilidade.

Voltando às origens, se acreditarmos na regularidade do Universo, motivo pelo qual estamos permanentemente procurando equacioná-lo, ao colocá-lo sob a égide de determinada ordem, não caberia tal condução do pensamento diante de tanta diversidade, no entanto a periodicidade poderia absorver esse impacto. Mas a nossa capacidade de imaginação não tem limites, tanto é que o equacionamento dos fractais está por aí e parece que por hora dá bons resultados. Sucede que, a partir de quando um modelo é construído e é aceito, como a insatisfação do espírito humano permanece ativa, torna-se necessário um novo *insight* ou lampejo de saber, a partir do qual é estruturado um novo modelo. Como tudo na Natureza, acredita-se que nada se constrói do nada, sempre existe o antecedente e no caso das nossas teorias existem as anteriores. Contudo, essas são

crenças que resultam de nossas necessidades intelectuais, é possível que inclusive os lampejos de saber, na verdade só existam como consequência de conhecimentos adquiridos anteriormente. Na medida em que nos aprofundemos no conhecimento geral cresce a sensação de que em realidade tudo é um caos, com pequenos espaços de regularidade contida. Aquelas observações mais grosseiras que sugeriam alguma regularidade, cada vez mais são postas em dúvida, especialmente quando somos conduzidos aos mistérios tanto do micro como do macrocosmo. Estas palavras não pretendem induzir ao desânimo e sim, propiciar desafios que possam conduzir-nos a um novo limiar, provavelmente menos estreito e que possa tirar-nos da sonolência, pura aceitação daquilo que está posto, inclusive pela própria periodicidade apontada anteriormente.

Por que as asas das borboletas, inclusive da mesma família, variam tanto na forma, como nas dimensões, cores, desenho? Por que as presas de marfim obtidas dos elefantes são tão distintas? Por que a íris dos nossos olhos é tão individualizada que, até está sendo utilizada para nos identificar? Perguntas como essas fazem crer que a velha busca pela regularidade na Natureza é uma quimera, busca essa de conformidade com a concepção então vigente. Se houver unidade, terá que ser na constatação da provável força que governa a ordem e a desordem, nos fenômenos naturais, e que poderá ter caráter periódico.

Há quem admita um princípio vital de maneira que, à semelhança do princípio gravitacional, seja capaz de impor a ordem ou a desordem em um ser vivo. Quando entre as células de um determinado tecido vivo, surgem outras com características distintas ou defeitos, enquanto estas forem uma pequena minoria, serão eliminadas pelas outras. Se as antigas constituintes do tecido vivo, passarem a ser minoria, então, ocorrerá a desestruturação do sistema celular que levará à falência do mesmo. No caso, o erro genético tem efeito destrutivo, porém, segundo essa ótica pode-se crer em circunstâncias nas quais, dele surjam novos seres ou novas espécies. O que chamamos de erro, na constituição de uma célula, faz parte do contexto geral da vida, inclusive porque ela se caracteriza pela diversidade. No entanto, acreditamos que exista certo princípio de ordem, que garante

Renato N. Rangel

determinado sentido na orientação dos fatos, por períodos que embora longos sejam limitados. Além disso, a periodicidade parece ser algo incontestado, apesar das limitações contidas nas nossas observações. Entre essas limitações destacam-se o nosso ciclo vital e as capacidades dos nossos sentidos perceptivos.

A propósito, a nossa capacidade de interação com o meio, justificada pelo mecanicismo racional, no momento, está cada vez mais orientada para uma interpretação unitária de sentido holístico. Nesse aspecto é interessante notar que o Todo não é constituído por partes e sim por uma “unidade de indivíduos”, o que originariamente significa seres indivisíveis e de certa forma autossuficientes, porque estão em íntima relação com o Todo.

Seria muita petulância de nossa parte, insistir nos argumentos registrados anteriormente, como resultantes do puro acaso. Se tal ocorresse, a manutenção das espécies documentadas durante tanto tempo não poderia ser garantida, especialmente com características tão bem definidas. Sob o ponto de vista racional torna-se necessário admitir algo que intrínseco ao ser ou externo ao seu corpo tem a capacidade de organizar ou alterar a ordem na medida da sua capacidade de atuação, que é percebida pelas consequências por nós documentadas. Ainda que se leve em conta a dificuldade de exposição deste tema e a singeleza dos argumentos aqui depositados, a nossa capacidade de raciocínio pode levar a uma maneira de entendimento sempre discutível. Caso, por outro lado, venhamos considerar a atuação do agente intuitivo, os mecanismos propostos perdem relevo, em decorrência do aumento da capacidade de percepção cognitiva holística, ou seja, independente dos formatos imaginados.

O clarividente que aborda um determinado fenômeno, não usa os fundamentos racionais do cientista, pois, sua percepção parece não depender dos nossos cinco sentidos, mas sim de algo que não conseguimos definir ou identificar com precisão. Mais uma vez, é como no caso da força gravitacional, observamos apenas os seus efeitos. Sentimos esse algo, mas,

como provavelmente fazemos parte dele, torna-se impossível estabelecermos certo distanciamento para formatá-lo e entendê-lo.

Na medida em que tentamos nos aproximar das essências dos fenômenos detectados, tudo se passa como na definição de limite, em Matemática. Quanto mais nos aproximamos, mais distante fica o limite, porque o fracionamento da distância aumenta. Como consequência, estamos condicionados a aceitar uma figura que mesmo não sendo o buscado, alimenta as nossas ilusões, quanto à possibilidade desse acontecimento. Se considerarmos a interpretação do limite matemático às avessas, ou seja, para qualquer medida sempre existe uma maior, as radiações luminosas vindas do espaço extraterrestre também corroboram no sentido da alimentação das nossas ilusões, porque trazem informações preciosas para o alargamento da nossa relação com o Universo.

Não faz muito tempo, ouvi de um astrônomo que na verdade a Astronomia é a ciência da luz, senão vejamos, todos os modelos astronômicos baseiam-se na luz enviada pelos mais diversos fenômenos constituintes do Cosmos.

Inicialmente a luz emitida ou refletida pelos corpos celestes constituía objeto de observação e estudo, assim foi durante muito tempo. Modernamente buscam-se interpretações para as chamadas regiões escuras, usando inclusive radiações sonoras. Daí interpretações como as dos buracos negros, tidos como verdadeiros sumidouros de energia, além de antimatéria e matéria escura. No caso, quando se fala de luz na concepção atual, em verdade trata-se do fenômeno ondulatório portador ou condutor de energia e que, costuma apresentar-se de acordo com uma gama muito grande de comprimentos e frequências de ondas. Assim, aí estão incluídas desde as radiações que conseguimos perceber por meio dos nossos sentidos, até as que só podem ser detectadas com o auxílio de instrumental apropriado. Lembremos que o conceito de energia, para maior facilidade, tem sido simplificado por meio de argumentos que nos conduzem a fenômenos facilmente perceptíveis, tais como: a queda de um corpo e seus efeitos, ou ainda, o calor e os respectivos efeitos. Na verdade,

esse é um capítulo a parte devido ao envolvimento de uma abstração muito maior.

Da mesma forma quando se fala do microcosmos sabemos que a observação dos fenômenos está baseada na ciência da luz, que é capaz de nos dar informações ainda que figuradas. Por exemplo, quando se supõe ver uma molécula, por meio do microscópio eletrônico, na verdade o feixe luminoso que passa através de um corpo translúcido, submetido a ação de campos elétrico e magnético, sofre a ampliação que culmina com uma representação semelhante a curvas de nível, quando projetadas no plano ou levadas a um sistema tridimensional. Os aceleradores de partículas atômicas e subatômicas fornecem como resultado de colisões das mesmas, radiações luminosas que permitem distinguir fenômenos do mundo microscópico na forma de luz, inclusive observáveis em determinadas condições pelos microscópios óticos.

Um argumento interessante e que vale a pena considerar é o seguinte: quando efetuamos a observação de um fenômeno, estamos atuando sobre o objeto em estudo, de forma que alteramos o seu comportamento. Essa concepção é facilmente identificada quando se trata de ensaios macroscópicos como os ilustrados pela fusão, vaporização ou sublimação de um corpo físico, para submetê-lo a estudos, o que pode alterar o seu estado anterior, ao ponto de mascarar propriedades então contidas no mesmo. Quando se trata de corpos vivos, tudo indica que essa percepção seja verdadeira e inclusive já constatada.

A propósito, existem estudos relativos ao comportamento dos vegetais, capazes de dar crédito à admissão de que eles, de alguma forma, apresentam uma espécie de sentimento perceptivo, em situações como no caso da aproximação de uma chama. Há quem diga que no caso dos seres vegetais, a simples aproximação de uma pessoa imbuída de pensamentos negativos quanto ao vegetal, é suficiente para que o mesmo manifeste algum sentimento de mal-estar, logicamente dentro de suas características. Estas considerações sobre os vegetais são propositais, justamente porque no caso dos animais, as capacidades apontadas são muito mais

perceptíveis. A questão dos sentimentos e do sentir nesses casos, é algo de percepção mais fácil quando se trata do sentir, dadas as reações manifestadas quando solicitados, sendo que nos animais uma simples ameaça é suficiente. Diante das nossas capacidades cognitivas, permanecem dúvidas quando se trata dos sentimentos, pois, neste caso ocorre um refinamento de percepção e interpretação da nossa parte. Sabe-se que certas pessoas têm maior desenvoltura na interação com os animais, como se observa em adestradores mais eficientes especialmente pela recusa aos maus tratos. No caso dos vegetais fala-se na “mão boa”, isto é, pessoas que tanto na plantação, como na poda e nos enxertos conseguem feitos extraordinários. Já se observou também que a presença de certas pessoas prejudica o desenvolvimento de vegetais, causando até a sua morte. Seriam casos nos quais conviria pesquisar qual a relação com a noção de sentimento arquitetada por nós.

DÉCIMO SÉTIMO VAGUEIO

Como o homem é um ser vivo que desfruta da capacidade de pensar, a sua presença no Planeta Azul constitui algo inegavelmente diferenciada. A ênfase dada aqui tem como fator essencial a criatividade e como consequência a construção de uma história. Essa criatividade está relacionada com a inquietação que o acompanha ao longo da vida, de tal maneira que permite notar fases distintas, porém, de limites não bem definidos. Se forem considerados uma criança e um velho, as diferenças nos níveis de interesse dessa inquietação são facilmente perceptíveis, no entanto, quando se trata de uma criança e um adolescente torna-se difícil estabelecer esses limites. Tanto no caso da inquietação madura como no da criança ela está sujeita às limitações respectivas, que vão das capacidades motoras às mentais. As primeiras dependem essencialmente do envelhecimento dos tecidos musculares e as segundas inclusive do acúmulo de experiências vividas. A partir de certo ponto, a degenerescência dos tecidos vivos é tal que, em geral a referida inquietação se dilui como a fumaça no ar. Normalmente o que fica de tudo isso é uma ínfima parte na construção da História, que terá importância relativa, segundo os interesses de quem a consulta sendo que essa participação tende a cair no esquecimento. No caso, a História não é o simples registro dos fatos e sim o destaque à importância relativa dos acontecimentos e consequências que levaram a construção da mesma.

O registro histórico da humanidade é algo que distingue o ser humano em relação ao meio ambiente onde ele se encontra, tornando a sua existência diferente da dos demais seres vivos. Esse registro tem no seu formato ações arquitetônicas, desenhos mesmo que rudimentares e códigos como os hieróglifos, o alfabeto e as notas musicais, os algarismos romanos e os árabes, a simbologia das sociedades secretas, das religiões e das seitas, a construção de ferramentas, máquinas e veículos de transporte com os mais diversos fins, além disso, o registro oral deve ser

considerado, particularmente nas sociedades mais distantes dos avanços tecnológicos.

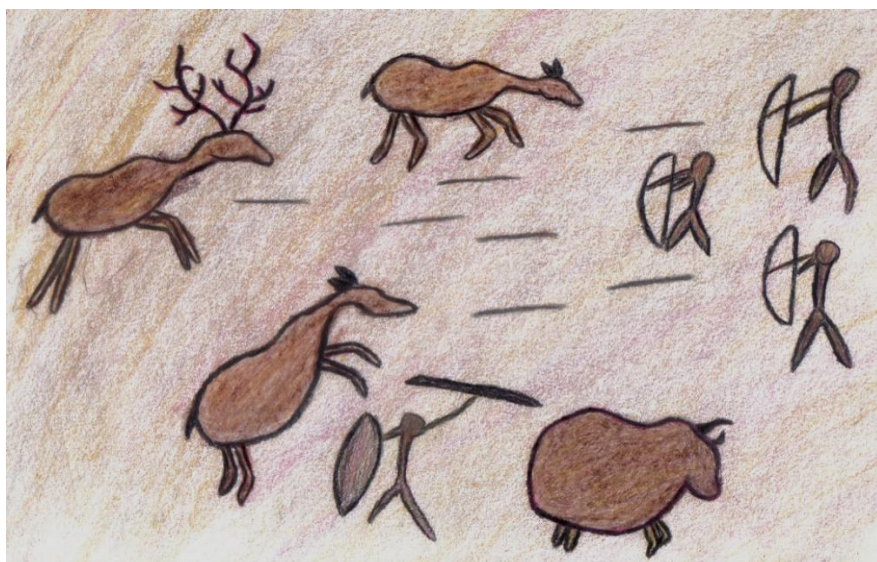
Sem a constituição dessa documentação histórica, o ser humano não teria presente, passado e futuro, tendo em vista que não saberia distinguir o que já aconteceu das expectativas pelo que ainda vai acontecer, só haveria o momento presente e mais, com pouco domínio sobre o mesmo. Essa construção histórica é que permite, com o apoio de algo já conhecido e com o auxílio do presente, caminhar para as aventuras futuras. Por que aventuras? Porque na verdade o futuro sempre será incerto e instigante, o que, em conjunto com a inquietude, leva a incursões “por mares nunca dantes navegados”. O próprio despertar da Religião, da Filosofia, da Ciência e das Técnicas é produto dessas aventuras.

Nas ações sociais, normalmente os modelos extremos resultam em rupturas, produzidas por graves descontentamentos, que atingem as maiorias. Nesses casos novas regras são estabelecidas, de preferência contradizendo as anteriores. Em consequência ocorrem mudanças sensíveis e que, portanto, não convém a certas minorias. Sendo assim, gera-se um novo conflito, que poderá crescer ou não. Com o passar do tempo o novo poder estabelecido tornar-se-á refém de suas fraquezas ou mazelas. Caso não se tenha certa flexibilidade, que permita a manifestação e complementação com ações vindas dos descontentes, o regime de governo terá vida curta. Só a complementação de pontos de vista poderá dar vida longa a um sistema de governo. A imposição de um modelo não resiste muito tempo e, por esse motivo os sistemas ditos democráticos, com alternância no poder, passaram a ser mais duradouros.

Sabemos que os sistemas de governo são variados e, em tese, a maioria tem bons propósitos, isto porque os seus teóricos trabalham com ideias, na verdade, concepções imaginadas. A partir de quando o conjunto dos indivíduos sociais passa à implantação de um modelo, não só as interpretações são as mais variadas como os interesses particulares de pequenos grupos passam a ser defendidos e até podem passar a viger.

Grosso modo qualquer sistema de governo é bom, as dificuldades e insatisfações surgem a partir do momento em que os mesmos têm sua implantação iniciada. Na medida em que a individualidade, o egocentrismo e a necessidade de poder afloram, para os relevantes interesses sociais são fatores extremamente perniciosos.

Pelo que foi discutido até agora, mesmo que sem aprofundamento com citações e referências, não deve ficar dúvidas de que procuramos cumprir com a proposta inicial. Convém observar que nos assuntos vindos à baila neste texto não só imperou a liberdade quanto às abordagens consideradas, mas também quanto aos entendimentos e interpretações resultantes do que se possa ter por amadurecimento do próprio autor. Se todos os assuntos focados ou por focar neste texto já foram discutidos a exaustão por outros autores, permitam-nos ao menos alguma liberdade de ordenação e o risco das despreziosas conclusões aqui propostas ao correr da pena. Sabemos perfeitamente que qualquer iniciativa está sujeita ao crivo dos que dela tomam conhecimento, no caso trata-se do leitor, contudo, asseguro que vale a pena correr esse risco, pois, assim conseguimos melhorar a nossa capacidade de expressão e entendimento de tudo o que nos é dado conhecer.



□

DÉCIMO OITAVO VAGUEIO

De volta ao peripatético, continuamos as nossas abordagens de temas os mais variados, sempre sob a égide da liberdade de pensamento e, à primeira vista, sem preocupações com o que já disseram os autores consagrados.

Após essa breve arejada no andamento deste texto vejamos, por exemplo, a questão da segurança, sensação de cunho abstrato, apesar de ter sido colocada em termos de uma percepção social e rodeada por ferramental material, constituído pelo aparato policial e modernamente variado instrumental eletrônico.

Sentir-se seguro, na verdade, é algo de foro íntimo, tem caráter psicológico e, corresponde a um estado de espírito em que os abalos exteriores não atingem o cerne do indivíduo. Ao observarmos os efeitos de um maremoto ou de um terremoto, particularmente quanto ao comportamento das pessoas, é patente o predomínio da desorientação causada pelo fenômeno. Mesmo depois de todo o condicionamento histórico que nos é imposto, diante de fenômenos como os apontados a insegurança é total e, em geral, os mais seguros de si são os que entregam a vida ao acaso, os que primeiro perdem as esperanças. Parece que os mais inseguros são os que têm maior esperança, procuram minimizar os riscos, na medida do possível.

É interessante que a permanente preocupação com a segurança dá destaque à precaução e, embora ela seja importante, na verdade, estar seguro é sentir-se seguro, todavia, a imprevisibilidade da vida no longo curso é a regra geral. Afirma-se que toda regra tem exceções, porém, no caso, a própria exceção é imprevisível.

Quando nos encontramos embarcados em qualquer coletivo, seja um ônibus ou avião, entregamos a nossa segurança ao condutor e toda a parafernália que constitui o veículo. Essa atitude de nossa parte é

resultante da aquisição de segurança, consequência de crenças construídas ao longo de experiências diretas ou indiretas vividas anteriormente. Quando em tenra idade essa sensação é resultante da relação com adultos, pais ou não, que por seu porte e experiência transmitem essa sensação. Tanto é que as crianças quando conduzidas por adultos consideram-se seguras, mesmo em situações de alto risco. Elas ainda não têm a capacidade de avaliar o risco e, inclusive por esse motivo, necessitam mais atenção dos adultos durante as suas incursões. É comum os pais afirmarem com satisfação que o pequeno não tem medo de tomar iniciativas arriscadas. Na verdade, essa atitude é resultante da inexperiência e falta de noção do perigo.

A segurança pode ser considerada como um equilíbrio entre o risco das iniciativas a serem empreendidas e o sucesso a ser obtido. Esse entendimento pode ser ilustrado, pelo fato de alguém entrar em um elevador predial e com sucesso atingir o andar pretendido. Quando uma pessoa se estabelece com uma empresa comercial, existe uma expectativa e o respectivo risco, contudo, a segurança de que a sua expectativa será correspondida, é contrabalanceada pelo risco sobre o qual ele não tem total domínio. Essa característica só poderá ser avaliada de maneira relativa, levando em conta que existem as variáveis imprevisíveis, como em tudo na vida.

O médico quando avalia o estado de saúde de um paciente, nunca tem segurança absoluta quanto ao seu diagnóstico, inclusive porque a doença ainda estudada pela mesma especialidade médica, em cada paciente tem uma maneira diferente de se manifestar. Cada indivíduo, como diz esta expressão, é indivisível e inclusive único, portanto, a abordagem do técnico dá-se por aproximação, tanto é que não raramente as prescrições médicas são alteradas, para encontrar a droga que melhor se ajuste ao caso. Estas considerações não estão levando em conta as teorias adeptas da cura pelas ações físicas e mentais do próprio paciente.

Em se tratando de um conflito armado, a segurança quanto ao seu desenlace tem muito de imprevisibilidade, tanto é que já se conhece a

afirmação: o início de uma guerra em geral tem motivo bem determinado, todavia, não existe segurança quanto ao prazo para terminar e a certeza da vitória.

Diante de todos os acontecimentos que envolvem a humanidade, parece que o único porto seguro é a religião, pois, como os dogmas são incontestes, apresentam as condições mínimas de segurança, quando se trata dos grandes números populacionais. Se não houvesse os casos de sectarismo religioso, a ortodoxia religiosa seria um fator altamente relevante para o sentimento de segurança. No entanto, a História tem mostrado que certa dose de heterodoxia ajuda na construção do sentimento de segurança. Observa-se que ela aumenta na medida em que os contrários concorrem para a construção de uma maneira favorável ao bom convívio.

Certa dose de insegurança sempre irá existir em qualquer área de nossa atuação ou ambiente de convivência. A insegurança é, inclusive, um fator importante na nossa vida, tendo em vista que essa sensação aguça os sentidos e estimula a criatividade. Podemos até admitir que tais fatores de certa forma conduzam ao aperfeiçoamento do indivíduo. O aumento desmesurado da segurança conduz, com certeza, à acomodação perniciosa porque desestimula o aperfeiçoamento próprio, ao passo que, a insegurança irrefragável pode levar a um sentimento de impotência, capaz de desestimular qualquer iniciativa e, em consequência, novamente levar à acomodação deletéria. Certa dose de equilíbrio entre esses estados provavelmente deverá ser a melhor solução, tendo em vista a necessidade de nos orientarmos segundo o sentido da felicidade completa, mesmo sabendo que inatingível.

DÉCIMO NONO VAGUEIO

Cada vez mais se intensifica a colisão de interesses entre o consumismo e os alertas contrários. A necessidade de consumo dos mais variados bens sempre existiu, tanto é que não conseguimos sobreviver sem consumir água, ar, alimentos e até abrigos, sendo estes últimos desde os individuais até os coletivos. Quando o homem vivia em pequenos grupos e vagueando pelo meio ambiente, as necessidades eram unicamente as básicas à sobrevivência. Os aglomerados humanos eram pequenos, a liberdade de deslocamento era grande, porém, levantamentos arqueológicos registram que em geral tal comportamento se limitava a regiões relativamente bem definidas. Com o passar do tempo e por necessidade, a criatividade humana desenvolveu objetos com finalidades das mais variadas, os quais passaram por permanente aperfeiçoamento, como ocorreu com o machado, a faca e as armas em geral. Parece que inicialmente essas armas tinham como finalidade precípua a caça de animais, para satisfazer exclusivamente as necessidades alimentares imediatas.

Após inúmeras gerações surgiu a possibilidade da troca de bens entre grupos distintos e com isso a necessidade de estabelecer valores. Observe-se que a noção de valor material constituiu um enorme avanço, nas relações entre os indivíduos dos grupos então existentes. No caso percebeu-se, por exemplo, que certos objetos exigiam uma dedicação muito maior para construí-los, por outro lado havia caças com potencial alimentício bem maior que outras, ainda em comparação, certos instrumentos de caça eram muito mais aperfeiçoados do que outros, daí a necessidade de estabelecer padrões que pudessem ser usados nas respectivas trocas. Valores como os éticos e os morais estão inseridos em outra abordagem do comportamento humano, ou seja, referem-se ao pensamento analítico mais elaborado e que envolve a psique.

Simultaneamente criaram-se necessidades que iam além das básicas iniciais, sendo que umas eram internas aos grupos e outras intergrupais, as

Renato N. Rangel

quais devem ter trazido consigo desejos que podiam ou não ser satisfeitos, com isso criando os respectivos sentimentos. Com certeza houve desentendimentos pelos mais variados motivos no grupo ou entre grupos e, a descoberta de que as armas de caça poderiam ser usadas para a defesa e para o ataque. Como acreditamos, é inerente ao ser humano a sensação de poder e, ele passa por todas as suas atividades, inclusive muitas vezes de maneira dissimulada. O sentimento de poder traz satisfação pessoal e também pode agir como estimulante para novas conquistas, sendo que estas vão desde o reconhecimento pelos seus pares nas ações puramente imateriais, tais como orientações comportamentais e o magnetismo pessoal, incluindo até o uso de objetos totalmente materiais, como as armas e outros utensílios.

As conquistas e o poder associado trouxeram consigo o valor comparativo, em especial nas trocas de objetos materiais, as quais foram estimuladas pelas necessidades criadas, até em função de fatores menos relevantes. Assim, um grupo que não conhecia a faca passou a trocá-la por algumas peles de animais, pois, esse instrumento iria facilitar o procedimento de preparação das referidas peles. Portanto uma faca valia tantas peles de animais. Na outra ponta, os produtores do instrumento cortante, após haverem conquistado essa técnica perceberam que o seu poder de troca havia crescido. A partir daí cabia o aperfeiçoamento desse instrumento, seguido da ação de convencimento, para despertar nos fornecedores de peles necessidades que valorizassem o objeto cortante. Com isso outras atividades que não dependiam do corte, como os alimentos, passaram a depender do instrumento sob a alegação de que o alimento cortado facilitava os que possuíam dentição precária.

Notemos que se trata de uma necessidade até então inexistente e, provavelmente criada com a única finalidade de armazenar mais peles, para o próximo inverno ou para o aumento numérico do grupo. Enquanto os caçadores não atinarem para o fato de que sua atitude só beneficia os produtores de facas, estarão sendo ludibriados, contudo, a partir do momento em que os caçadores perceberem sua capacidade latente de produzir o referido objeto cortante, as ações dos artesãos das facas serão

Renato N. Rangel

imprevisíveis. Elas estão relacionadas com a perda de poder, o que poderá no mínimo, levar à intensificação do convencimento da necessidade do instrumento cortante já conhecido, quando não a imposições de outras ordens que só dependerão da imaginação dos interessados.

Essa breve historinha quer ilustrar mesmo que de maneira rudimentar, um pretense mecanismo que leva à constituição de um mercado consumidor, que pode tornar-se cativo dependendo do grau de acomodação e valores culturais dos consumidores. Em princípio, os valores de troca podem ser estabelecidos a partir das necessidades dos cambiantes. Com o passar do tempo eles podem evoluir para a capacidade de convencimento entre os agentes e, esta dependerá basicamente dos elementos culturais de cada representante do grupo. Note-se que tudo isso está sendo construído, sem a existência do dinheiro ou valor monetário. Independente de maiores delongas sobre o surgimento do dinheiro, temos de aceitar que a sua presença nas trocas foi fundamental, porque facilitou muito essas ações, porém, essa criação facilitou bastante os mecanismos de acumulação da riqueza, em detrimento dos possuidores de bens e, aqui considero tanto os bens imateriais como os materiais. A presença desse artifício chegou ao ponto de acumular quantidades incalculáveis de riqueza figurada, ou melhor, desvinculada do que se tem por lastro monetário. Muitas vezes não existem bens materiais suficientes que traduzam o significado valorativo do dinheiro armazenado. Atualmente, com a informatização, até a moeda material passou para o mundo virtual, ou seja, a riqueza é escritural, não é representada por moeda física. Parece que o último estágio é do tipo *bitcoin* (BTC) ou moeda digital descentralizada, um novo artifício que está em implantação e provavelmente será um complicador para a ordem econômica internacional.

Com a criação dos programas computacionais, cada vez mais as relações estão se tornando abstratas, o que em primeira instância ou para os menos avisados, pode parecer uma criação absoluta e sem retorno. Esse movimento, todavia, deverá ser contraposto pela essencialidade da vida, isto porque mesmo que ela seja uma incógnita, seus efeitos são em boa parte conhecidos e mais dependentes do que se tem por real. Resumindo,

Renato N. Rangel

a criação de necessidades vem crescendo cada vez mais e com rapidez, ela tem avançado adiante das necessidades efetivas, de tal forma que concomitante com a simplificação cria novas dificuldades a serem transpostas. Para exemplificar, consideremos os procedimentos bancários; os tramites burocráticos então existentes e dependentes de um grande número de funcionários que conferiam cheques e assinaturas, além das tarefas executadas pelo caixa bancário, foram substituídos por máquinas e programas de informática que não só reconhecem a digital do correntista, transferem dinheiro do mesmo ou para ele. Sem tocar nas implicações de ordem social que ocorreram durante a implantação da automatização, foram criadas novas profissões ou alterações, que beneficiaram especialmente o capital. Os funcionários de então tiveram que se defender por conta e risco próprio. Foi necessário um acomodamento social, o que pode até ser positivo no longo prazo, mas não no curto, porque como sempre os menos favorecidos não têm como defender-se dos imprevistos.

Esses avanços criaram efeitos como: a falta de energia elétrica ou uma pane no sistema eletrônico causam danos muito maiores que os anteriores, a esses inventos. Além disso, os verdadeiros piratas da Internet invadem os sistemas bancários provocando danos bem maiores que os de alguns antigos funcionários mal-intencionados. Para combater essas ações criminosas são gastas fortunas, mesmo sabendo que a segurança é relativa. É senha que não acaba mais e o risco está sempre presente. Toda essa estrutura tem custo, o qual é transferido para o cliente, por meio de taxas cobradas do mesmo, sem contar que o entendimento do que está se passando é muito menor.

A automação da indústria é outra faca de dois gumes, da qual não podemos escapar, particularmente frente a relação custo-benefício dos dias atuais. Não sabemos quais as consequências de fundo, no futuro. Sim, porque a rapidez de produção deve superar a do consumo e, daí o acúmulo dos resíduos indesejáveis. Vejamos até quando essa voracidade de produção e consumo poderá continuar, sem a exigência de uma profunda revisão dos nossos hábitos que, diga-se de passagem, em boa parte foram inventados por nós mesmos e sem necessidade inadiável.

Renato N. Rangel

Mas, retomemos a questão das necessidades criadas de forma artificial, devido a atuação da fértil criatividade da comunicação, particularmente no que tange à propaganda. Cada vez mais, são desenvolvidas técnicas de propaganda com o objetivo de criar desejos de consumo, o que vem ao encontro dos interesses do capital, que tem o poder da produção em escala. Em essência, embora o capital esteja contido no meio social, costuma concentrar-se nas mãos de poucos indivíduos, o que lhes confere certa forma de poder.

Colocada essa premissa, lembremos que historicamente a concentração desse poder em algum indivíduo passa a atuar em seu benefício, o que até pode ser considerado correto, entretanto, do ponto de vista social, a atuação do capital voltada apenas para os seus interesses é um desastre. Tal ocorre porque a riqueza de um coletivo é única e resulta em maior ou menor intensidade do empenho de todos. Quando algumas pessoas do corpo social ou organizações acumulam recursos exagerados, aumenta muito o número de desprotegidos, daí o desequilíbrio que em geral culmina com uma desordem generalizada ou revolução. É verdade que isso ocorre quando surge uma liderança capaz de organizar os desvalidos, porque estes de acordo com a História não conseguem organizar-se de moto próprio. Lembremos que essas lideranças, mais dia menos dia, surgem inexoravelmente e daí os choques sociais, pois, quem está no poder jamais admite cedê-lo. Ainda, do ponto de vista histórico, observa-se que se o regime for democrático, essas tensões são aliviadas, permitindo transformações sem grandes rupturas, o que sempre é melhor para as maiorias. A participação de inúmeros agentes no debate relativo a qualquer tema é um pré-requisito democrático que, embora mais trabalhoso, deverá conduzir a desfechos mais consistentes.

Então, e a propaganda? Ela cumpre a sua finalidade, porém, como um atleta de alto rendimento, que desenvolve musculatura, pode prejudicar outros órgãos do corpo social. Para evitar tal hipertrofia torna-se necessário que esse corpo, por meio do instrumento coletivo que cria a ordem, atue disciplinando a mesma. O tal instrumento coletivo é o Estado, organismo social em relação ao qual devemos guardar certa precaução, tendo em vista

Renato N. Rangel

que ele pode adquirir musculatura e passar a viver para si próprio, em detrimento do cidadão para o qual foi criado.

Disciplinar as ações de propaganda significa, evitar os exageros produzidos pela capacidade criativa e realização de seus agentes, provocados pela pressão das conveniências egocêntricas do capital. Em verdade o capital tem origem social, todavia, a sua concentração resulta de ações em geral espúrias e a sua atuação pode ser danosa, caso não seja disciplinada pelo agente público, pois, na verdade a partir do momento em que adquire corpo, vive para si, drenando as riquezas em seu benefício. Por esse motivo deve ser mantido sob vigilância permanente, inclusive para que não se degrade prejudicando também o interesse coletivo. Não resta dúvida de que a ação do capital apresenta aspectos positivos, o perigo está na sua hipertrofia, a qual é a causa de vários males sociais. A propósito, vale lembrar que a riqueza de um povo é única e, caso sua distribuição seja distorcida, os acúmulos de início podem parecer benéficos, porém, com o passar do tempo tornam-se verdadeiros monstros a sorver as energias desse povo.

Voltando à propaganda, como tudo nesta vida tem aspectos positivos e também negativos, por exemplo, por meio dela tomamos conhecimento das inovações e seus benefícios, porém, ela pode ser facciosa e esconder os malefícios trazidos pela inovação, para que o consumidor decida de maneira consciente quanto ao uso dessas inovações. É o que ocorre nos dias atuais com os transgênicos, que estão dominando os meios de produção mesmo que apresentem segurança discutível. Outro exemplo: para a indústria de inseticidas, o combate ao mosquito *aedes aegypti*, transmissor da dengue, pode ser resolvido pelas pessoas aplicando essas químicas sintéticas em seus lares, segundo critérios muito elásticos. É uma propaganda enganosa, quando nomeia apenas uma face do problema, porque na verdade a atuação desses sintéticos vai muito além, prejudicando outros insetos com os quais precisamos manter certa relação de convivência, é o caso das abelhas que visitam nossas casas. Mesmo os mosquitos autóctones fazem parte do nosso ecossistema e, portanto, não devem ser eliminados. Em geral, os males que atuam nas concentrações

Renato N. Rangel

humanas resultam da invasão do domicílio dos animais, por parte de nós mesmos. Quando não, trata-se das ações de globalização, ligadas principalmente ao comércio e turismo.

Ao falarmos da publicidade, os especialistas costumam classificá-la em factual, opinativa e persuasiva. Em todos esses casos o poder do comunicador está em boa parte na editoração, porque inclusive aí atua a sua ideologia ou do órgão a quem serve. Essa afirmação tem suas raízes na observação das realidades vividas no dia a dia, especialmente nos jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão e atualmente em meios da Internet como sites e blogs. Quando se trata dos interesses mercadológicos, predomina a informação persuasiva, dado ao fato do interesse em, de alguma forma, convencer o consumidor por meio de artifícios que detenham a sua atenção. Sempre que possível e para qualquer idade, arquiteteta-se uma fantasia que aumente o grau de satisfação do consumidor, ao mesmo tempo em que é provocado o desejo de aquisição do bem ou da condição exposta. Isso acontece com brinquedos, alimentos, bens duráveis ou não, e inclusive com certa frequência usando a libido como agente motivador.

O convencimento da mídia já foi usado em larga escala, por regimes de governo altamente centralizados e com ideologias fortes. Na atualidade os governos que melhor se enquadram nesse modelo são os chamados ditatoriais, os quais em geral resultam de um grande descontentamento popular, e o surgimento de algum, ou alguns, salvadores da pátria. O povo delega fortes poderes aos pretensos salvadores e então, juntamente com algumas iniciativas que agradam os descontentes, começa um processo de degradação das estruturas sociais construídas em lutas anteriores. Dentro em breve começa-se a perceber que os novos poderosos, passam a usar o poder em benefício do seu grupo, em detrimento das maiorias e, o mais grave é que cerceiam as manifestações de desagrado daqueles que conseguem entrever tais manobras. A partir dessas premissas fica claro que os poderosos atuam no sentido exclusivo da manutenção dos seus poderes, colocando em segundo plano os motivos pelos quais ascenderam a tal condição. Outro agravante é que a manutenção dessa situação passa a ser

Renato N. Rangel

conseguida, em boa parte, graças à concessão de migalhas aos seus apoiadores, sempre em detrimento do povo propriamente dito.

Mas, e o povo onde anda? Bem, esse quer de preferência ser feliz, isto é, viver sem grandes preocupações e de posse do necessário para uma vida razoavelmente confortável, sem ter que se preocupar com as magnas questões da nação. Na verdade, voltando às origens, esse não é o grande mal dessa trama. A História comprova, todavia, que essa atitude da massa popular só tem levado a finais infelizes, pois, enquanto largas maioria agem dessa maneira, minorias comportam-se de forma a acumular bens e poder, com finalidades espúrias, porque passam a parasitar as outras partes da referida massa, sendo que estas últimas algumas vezes reagem até de maneira violenta, causando prejuízos inclusive a elas próprias.

VIGÉSIMO VAGUEIO

A esta altura dos comentários decidimos que vale a pena lembrar as origens do presente texto, ou seja, trata-se de um observador externo ao Planeta Azul, o qual em função de suas condições é incapaz de notar tantos fatos e fatores que compõe o ambiente desse planeta. Sendo assim a sua visão torna-se limitada, diante de todas essas realidades indetectáveis pelo mesmo, porque elas são intrínsecas à biosfera e em particular à convivência entre os humanos.

Quando de alguma maneira aproximamos o nosso foco sobre o Planeta Azul, as primeiras impressões são de grandiosidade e beleza, seguidas de acentuada curiosidade. Afinal, como tudo isso funciona, qual a origem e a finalidade desse magnífico fenômeno que estamos vendo? É verdade que se trata da ótica de um simples ser humano, mas ela existe e merece ser considerada, refletida e até de alguma maneira registrada. Quando nos encontramos em um avião e observamos o solo terrestre, passamos a ter alguma ideia do que foi proposto. São vastas regiões cobertas por água, dando a impressão de uma enorme planura iluminada e limitada pela linha do horizonte, dependendo da altura, nem as ondas do mar são notadas. A medida que observamos as áreas secas, na maioria das vezes estão cobertas por vegetais, tal que a tonalidade do verde varia por motivos como, por exemplo, o vigor e altitude desses seres vivos. Em outros momentos podemos observar elevações, que se distinguem principalmente pela maior ou menor proximidade dos seus picos em relação ao nosso avião.

Trata-se de fenômenos que permitem começar a analisar e entender esse Planeta, mesmo que ainda a certa distância. No caso essa afirmação tem cabimento, pois, na estratosfera já considerada integrante do referido planeta, esses detalhes seriam menos perceptíveis, ainda que observados com a máxima atenção, porém sem a ajuda de um instrumento ótico apropriado.

À medida que nos encontramos mais próximos do solo, o campo de visão diminui, porém, aumenta a capacidade de definição do que ali se encontra. A partir de certa altura já conseguimos em princípio identificar as características particulares dos indivíduos, todavia, ainda estamos muito distantes do seu efetivo conhecimento. No solo, as relações se alteram e começam a interferir no nosso comportamento, frente ao meio em que nos inserimos. Com o passar do tempo e o estabelecimento de interações sociais, comerciais, profissionais e outras, elas vão nos mostrar um ser complexo e impossível de ser compreendido em profundidade, sem contar que todos esses indivíduos são distintos, isto é, são diferentes.

Se tivermos que destacar fatores importantes na vida desses indivíduos animais ou vegetais, no caso dos humanos deveríamos assinalar a preponderante força da crença. Essa atitude manifesta-se desde cedo, sendo que já a tenra idade e na medida em que o tempo passa vai ficando cada vez mais arraigada, embora possa alterar o foco de interesse.

A crença da qual estamos falando não é a religiosa, conhecida como fé, mas sim aquela que se aplica a qualquer iniciativa ou manifestação que acompanhe a vida. Na medida em que o nosso horizonte de vida se amplia, a crença adquire novos formatos, os quais dependem de compreensões ou capacidades de sentir. Além disso, tudo o que escapa ao nosso modelo de vida procuramos justificar como exceções à regra, ou imperfeições em relação ao formato tido como normal. Da mesma maneira que tempos atrás, um fenômeno natural gerava uma crença, nos dias atuais uma intuição ou um modelo racional geram crenças, mesmo nas pessoas consideradas mais esclarecidas.

Ter crença não é contrassenso nem algo despropositado, pelo contrário, é algo inerente ao ser humano, é da sua condição. Por esse motivo, artistas, matemáticos, juristas, sacerdotes, atletas, físicos e enfim todos as têm, inclusive os materialistas. É impossível que não se acredite em nada, justamente porque tal atitude implica nessa crença. A crença está implícita em todos, não é algo referente apenas ao chamado sobrenatural, pelo contrário, tem origem no natural, ou seja, nos fenômenos que

conseguimos sentir ou perceber. A fé restringe-se a um nicho da crença, referente ao sobrenatural, que culmina com a criação ou ainda a convivência com Deus. A crença é algo mais ampla, isto porque, podemos acreditar na ciência, nas técnicas, na economia, na política, na guerra e assim por diante. Ela não tem limites e normalmente é devida às características particulares de cada um, tanto físicas como psicológicas, além de ser resultante em boa parte da experiência de vida adquirida no correr da existência de cada pessoa.

De acordo com as reflexões postas no corpo destes escritos, parece ter ficado claro que o andamento do pensamento peripatético tem se mantido e, a pretensão é de continuá-lo, justamente porque no caso o objetivo não é aprofundar algum tema em particular, tendo em vista que tal atitude exigiria do autor uma dedicação bem maior. Trata-se apenas de uma primeira abordagem, referente às preocupações de caráter mais intelectualizado dos assuntos ou fatos percebidos ou sentidos no correr da vida de cada um.

Pode parecer estranho, mas mesmo assim resolvemos optar por estas palavras, antes de prosseguir expondo opiniões e maneiras de pensar sobre variados temas e, ao mesmo tempo nos expondo a crítica do leitor, parte importante no processo de criação, devido às suas concordâncias, discordâncias, satisfações e insatisfações no sentido mais amplo possível.

Então, qual a finalidade deste arrazoado senão dar vazão a algumas preocupações que rondam a vida do ser humano, logo depois de satisfeitas as necessidades essenciais à manutenção da mesma. Isto porque, no caso, entender a vida é algo intimamente relacionado à existência de seres que ao interagirem com o meio ambiente têm a capacidade de se multiplicar, relacionar-se com o mesmo por um período e depois fenecer.

Podemos dizer que a esta altura surge uma preocupação das maiores, porque com a constatação do seu fenecer, inúmeras concepções pretendem dar sequência a essa fase, desde a ideia do eterno retorno até a extinção pura e simples, sem qualquer possibilidade de continuidade. Diante dessas duas concepções dos seres vivos, as suas manifestações

Renato N. Rangel

parecem ir além das primeiras impressões, torna-se admissível uma interpretação mais flexível no que tange ao desaparecimento dos seus corpos. Durante esse tempo vários fenômenos e ações marcam a sensação de que existe algo mais, além daquilo que de alguma forma é palpável. Em consequência muitas vezes somos levados a aceitar como fatos, manifestações que parecem ocorrer após o início do processo de fenecimento que culmina com a morte. É comum a afirmação: ninguém voltou para contar o que acontece após a morte! Por outro lado, durante a vida sentem-se manifestações que permitem admitir um algo mais nessa questão. Como cada indivíduo é distinto do outro e na interação com o meio ambiente, nós não nos restringimos ao que acontece pele adentro, inclusive de acordo com a ciência, algo mais pode ser admitido nessas relações. Lembremos que esse é um entendimento racional, não uma percepção sensível ou intuitiva. A partir do que é sensível não se faz necessária a construção de qualquer procedimento racional. Sente-se e basta!

Essa preocupação com o que vem após a morte, em geral, é mais afeita aos que dela se aproximam. É verdade que esta abordagem tem como objetivo apenas as trajetórias naturais, ou seja, sem rupturas bruscas, que levem a acontecimentos como acidentes fatais. Nestes casos, segundo essa ótica, a complexidade sensível ou entendível é aumentada. A morte é um tema que sempre esteve presente, não sem motivo, pois, contempla todos os seres vivos e de forma indiscriminada, ao menos de acordo com as nossas capacidades sensível e compreensível. É um assunto palpitante pelo que vem antes e pelo que vem depois, sem contar que o limite entre esses dois estágios continua mal definido e quem sabe jamais será identificado. Considera-se como definido sob o aspecto legal, porém, a lei é mutável e função de tradições ou mudanças eventualmente combinadas, por motivos dos mais variados interesses.

Quando os nativos das regiões que hoje compreendem o Peru e a Bolívia, ceiam uma vez por ano juntamente com os restos de seus entes queridos, em cemitérios ou outros locais, para nós não passa de crendices, todavia, eles têm alegações devidas a sensibilidades, as quais inclusive nos

Renato N. Rangel

contemplam. Se não conseguimos entender, em boa parte porque nos distanciamos das coisas mais essenciais da Natureza, dizemos que se trata de credices, no sentido pejorativo, ou seja, trata-se de comportamentos menos evoluídos. Será que são mesmo?

A propósito, no *Univerisity College of London*, UCL, em Londres, Reino Unido, encontra-se mumificado o corpo do filósofo Jeremy Bentham, um dos criadores da filosofia do utilitarismo e inspirador de vários outros pensadores. Seu corpo é preservado como um ícone, na UCL desde 1850, tendo falecido em 1832. Afirma-se que nas reuniões do Conselho Superior, o referido ícone é transportado para a sala de reuniões, para presenciar os acontecimentos. Normalmente ele é “acordado” às 8 horas e posto para “dormir” às 18 horas, um sinal de homenagem respeitosa. Em geral, para nós, atitudes como essa causam estranheza e as classificamos como credice, da mesma forma que no caso anterior²⁵.

Particularmente dominados pela ciência e tecnologia modernas, nossas crenças são outras, tais como o progresso e a evolução as quais se restringem à construção de instrumentos como os incríveis computadores e as complexas alterações introduzidas no DNA. Volta à baila a questão: qual será o limite? Será que ele existe ou é uma abstração racional? Na dúvida ou na indefinição torna-se mais confortável admiti-lo, porque novamente esbarramos nas limitações da nossa existência.

Ao considerarmos a afirmação de um espírita, que se diz veículo de comunicação entre os mortos e os vivos, como consequência do limite entre o vivo e o oposto, o referido espírita pode ser questionado não só a partir da sensibilidade de uns, mas também, em consequência da capacidade de entendimento de outros. Poderíamos admitir que essa distinção entre vivo e morto deveria convergir para um limite comum, caso fosse considerada a noção de complementaridade entre dois extremos, concepção esta que tem levado a conclusões mais consistentes em

²⁵ - Internet – ucl.ac.uk/museums/Jeremy-bentham, 02/02/2017.

comparação com a polarizada dicotomia predominante, quando nos aproximamos das origens.

Acreditamos que a partir da observação de fenômenos opostos como a luz e ausência da mesma, abaixo e no alto, movimento e ausência do mesmo, somos levados de início a aceitar que tudo o que se passa deve estar dominado pela oposição polarizada. Essa constatação, na atualidade, pode ser efetivamente identificada quando consideramos a bipolaridade elétrica e a correspondente magnética, porém, uma análise mais acurada leva a crer que os fenômenos mais duradouros e consistentes incluem no seu corpo os dois extremos identificados. Percepções como as últimas apontadas devem ter reforçado a ideia de extremos opostos, que por consequência passou a atuar decisivamente nas várias áreas do saber e até nas ações sociais. Diante desses fatos faz-se necessário lembrar que tudo está contido em um mesmo corpo, portanto são expressões da unidade que contém tudo e todos, além de estar em tudo e todos.

Podemos dizer que de maneira semelhante, no campo das ideias deve haver motivos para que a melhor solução dos impasses esteja na complementação entre os opostos, logicamente respeitando as origens de cada veio.

Consideremos que, como a medicina é um dos conhecimentos mais arraigados na nossa cultura, a proposta de qualquer mudança não deve simplesmente abandonar técnicas e métodos comprovados, em favor de certezas passageiras. Quando se lida particularmente com a vida, o certo e o errado são extremos perigosos, tendo em vista que cada indivíduo tem suas características particulares, mesmo que constituídos a semelhança.

Da mesma maneira, não convém seguir cegamente a alopatia nem a homeopatia, é necessário em cada caso avaliar os fatores interferentes, para aumentar a probabilidade de acerto. Se por acaso houver um quadro de decisão no qual exista a possibilidade de uso da sensibilidade mágica ou da alopática, com certeza a análise cuidadosa deverá completar-se com esses conhecimentos, para uma prescrição que leve à cura efetiva. Lembremos que, no caso, a cura efetiva por vezes significa conviver em

Renato N. Rangel

harmonia com o desequilíbrio identificado, reconhecendo as limitações e buscando o equilíbrio do organismo como um todo. Parece incrível, mas a medicina científica coaduna-se com a Física e é materialista, com raízes nas ideias newtonianas.

Sucedem, todavia, que como já foi exposto anteriormente, o ser humano possui muito mais elementos característicos, do que a primeira impressão física oferece. Inclusive esses são fortes argumentos a favor do lado mágico da nossa existência, e que permite admitir entidades como o espírito. Sob o ponto de vista mecanicista e racional, um conjunto enorme de células vivas, constituídas por moléculas inanimadas, apresenta características como as da traição, maldade e bondade com os seus semelhantes. Essa massa descomunal de células que constitui o indivíduo, diante do que foi apontado anteriormente deve carregar consigo algo mais. Para muitos se trata do sentir a presença dessa entidade ou força que atua sobre tudo e todos, enquanto para outros, esses fenômenos podem até ser justificados de acordo com os princípios científicos.

Quando iremos atingir a unanimidade a respeito desse tema? À primeira vista parece que nunca, pois, as pessoas constituem-se em indivíduos que mantêm suas características e interesses, mesmo quando submissas às regras gerais de convivência coletiva. Esse comportamento é, inclusive, um fator que valoriza a nossa existência, isto porque dessa forma torna-se maior a possibilidade de contribuir para o conhecimento geral, embora possamos criar impasses momentâneos.

VIGÉSIMO PRIMEIRO VAGUEIO

Segundo o entendimento comum não resta dúvida de que o homem é um ser social, fato que pode ser documentado pelos registros históricos desde tempos bem remotos. Como consequência surgiu a necessidade do estabelecimento de alguma organização, como se observa inclusive entre os irracionais, ainda que bem mais rudimentar. Em função dessa necessidade, e a partir das primeiras organizações grupais, percorremos um longo caminho até atingirmos sistemas de governo muito elaborados, com os quais convivemos na atualidade. A partir dos primeiros interesses visados pelos grupos sociais mais primitivos e de fácil acesso pelos seus integrantes, chegamos a sistemas sociais tais que seus indivíduos, embora teoricamente contribuam para as decisões, na verdade encontram-se distantes do poder, em particular porque a capilaridade do mesmo normalmente é bastante emperrada. Isto é, o acesso das bases individuais ao topo do poder é tão complicado que muitas vezes estimulam o desânimo, no que tange a participação ativa e construtiva. Essa é uma percepção comum, no entanto, quando se trata dos países mais populosos as dificuldades nesse sentido se exacerbam e, em especial em países onde as populações ainda se defrontam com questões mais fundamentais, como a segurança alimentar e habitacional.

Como resolver essa dificuldade quanto à participação do indivíduo social nesse processo?

Esse é um desafio que só tem encontrado guarida em certos momentos revolucionários, particularmente em movimentos que tenham suas origens nas bases sociais, e mesmo assim o envolvimento nunca é total nem permanente.

O surgimento de grupos sociais que pelos mais diversos motivos, tornam-se mais poderosos e com isso passam a dominar os outros sempre ocorreu. Durante essa dominação, fatores religiosos, produtivos, econômicos e por fim culturais, foram inoculados nos dominados. Em

muitos casos os territórios ocupados chegam a ser considerados como uma continuação do centro de poder, inclusive com os colonizados tendo acesso aos meios culturais dos países dominantes. Tal ocorreu com a França no caso da Indochina e da África, a Espanha nas Américas e Indonésia, Portugal na América do Sul e na África, Inglaterra na África, Índia e Oriente médio e assim por diante. Durante períodos relativamente longos houve uma exploração desenfreada de todo o tipo de riqueza existente nessas áreas dominadas e também uma larga opressão sobre as culturas locais.

Com as mudanças ocorridas no contexto global e o despertar desses povos, a pouco e pouco as potências dominantes viram-se obrigadas a retornar, ainda que lentamente, às suas fronteiras de origem. No correr desses acontecimentos vários artifícios foram criados no sentido de, na medida do possível, conservar ao menos os mercados cativos dos interesses das metrópoles, dada a proximidade cultural construída. Por exemplo, no caso da Inglaterra, a dominação colonial sobre a Índia só deixou de existir mediante a criação da Comunidade Britânica de Nações, um artifício pelo qual foi mantido o vínculo com a ex-colônia, o que foi bem mais interessante para os britânicos do que para os indianos. Isto porque, as dimensões populacionais, portanto, o poder do mercado consumidor pendia para a Índia e esse era um fator preponderante nas relações comerciais dos britânicos. Na outra ponta, a bagagem cultural da Índia era de dimensões incalculáveis, embora os historiadores ocidentais façam questão de diminuir sua importância.

Focando ainda no poder dessa metrópole, só se retirou do Oriente Médio ao impor uma divisão territorial, traçada ao seu bel prazer, tanto é que procurou desagregar regiões como a do Curdistão, com a sua subdivisão. É verdade que houve apoio de potentados regionais, porém, prevaleceu o interesse inglês, tendo em vista as jazidas de petróleo já identificadas e cujo valor só aumentava. Negociar com países pequenos, pobres e em permanente atrito com os seus vizinhos, seria mais fácil. Mantendo o foco na Inglaterra, países como o Canadá não têm maior importância, pois, possuem população reduzida e constituem um verdadeiro transplante europeu na América do Norte.

Renato N. Rangel

No caso de Portugal, seus domínios, particularmente na África, foram explorados por um tempo maior, até que a sua manutenção começou a custar mais que os resultados obtidos. Com a metrópole exaurida, as colônias conseguiram libertar-se, contudo, o elo cultural manteve-se e sob o aspecto econômico, a influência não é maior porque Portugal mal consegue manter-se.

Com a moderna globalização os países periféricos passaram a ser o alvo particularmente das nações industrializadas, porque a manutenção do seu status depende da amplitude dos seus mercados. Aliás, diga-se de passagem, uma maneira de criar mercados é através do estímulo às guerras, que constituem um motor da riqueza dos países industrializados.

Enfim, o que acontece no mundo atual é de preferência consequência das ações praticadas pelas nações ainda dominantes. Tudo o que se passa no mundo globalizado foi construído pelas nações que ao definirem a ordem global não tiveram a perspicácia de conseguir uma visão com mais distanciamento e mais rica, particularmente, no que se refere às consequências de suas decisões. Não levaram em conta que todos estamos no mesmo barco. A exploração do meio ambiente sem limites finalmente reflete em nós mesmos, e a exploração desmesurada dos povos vizinhos, só pode levar a atos de desespero a partir dos quais eles invadem o nosso território, por parecer a única medida de salvação. Essa lógica é válida inclusive no nosso próprio meio social. Se as grandes majorias estiverem excluídas do acesso às necessidades básicas, deverão concluir que invadir o nosso espaço e tomar o que lhes falta, pode ser uma ação de cidadania, porque não há tempo a perder diante das premências inadiáveis.

Os shows de notícias dos últimos tempos têm mostrado a migração forçada de africanos no sentido do território europeu. De maneira semelhante ocorre esse fenômeno entre países do Oriente, tais como: Myanmar, Tailândia e Vietnam. Esses movimentos são consequência de construções sociais que em certas regiões se assemelham quanto aos argumentos postos anteriormente. No caso particular da Europa pode-se dizer que os fatos atuais são consequência de verdadeiras espertezas do

passado, quando a exploração de riquezas das colônias implicava em um benefício muito maior que os custos. Entretanto o tempo passou e a cobrança chegou. Em boa parte dos países periféricos, os governos incompetentes e corruptos sobrevivem graças às benesses concedidas às metrópoles dominantes, garantidoras desse estado de coisas, não sem desfrutar principalmente de vantagens econômicas. Existem alguns casos em que a imigração é bem aceita na metrópole pela necessidade de mão de obra barata, ou ainda, a ocupação de terras disponíveis pertencentes aos países receptores.

Há quem diga que no caso da Europa atual, aqueles países com alta pureza de sangue deverão passar por um processo de mestiçagem e mais, é provável que no longo prazo tal fato seja benéfico para essa mesma região.

Sem maiores delongas, a própria Biologia tem argumentos para considerar que, a multiplicação populacional em grupos fechados leva à degeneração. Por outro lado, a multiplicidade de origens, como ocorre nos Estados Unidos, tem permitido grandes avanços, na concepção de modelos e criações de toda ordem. Tais fatos têm sido constatados mesmo considerando períodos relativamente breves. Imaginemos o que ocorrerá em tempos mais dilatados. O próprio Reino Unido tem desfrutado desse fenômeno, particularmente nas ciências como um todo.

VIGÉSIMO SEGUNDO VAGUEIO

Parece incrível, mas é só parar um pouco para iniciar qualquer meditação e os assuntos que se enquadram nesse tipo de pensamento vem aos borbotões. Na vivência diária somos estimulados especialmente pela enxurrada de informações, ora sem grande significado, ora seletivas e com pretensão de nos convencer, muitas vezes com alguma ideologia velada. Com essa intenção subliminar de nos manter atualizados segundo uma editoração discutível, embora com direcionamento e sentido duvidosos, essa é a realidade posta a todos nós. É preciso que não nos entreguemos totalmente, ao aparato encarregado dessa manipulação intencional. Para uma vida mais intensa e proveitosa, necessitamos guardar certa distância desses meios, para dedicarmos alguma energia aos temas que nos afetam mais fundamentalmente e ao que parece de consequências extremas, como por exemplo, a brevidade da vida e suas implicações.

Para examinar com maior substância o que se entende por brevidade da nossa vida, é necessário que a pessoa viva um período dos mais longos possíveis, como devemos justificar. O que significa essa brevidade? Ela pode ser entendida como o produto interpretativo de uma análise retrospectiva do nosso trajeto de vida, percorrido durante a nossa existência. A partir desse estudo começamos a entender e valorizar essa concepção; ela também é resultante de um processo racional, e ainda que contém certa dose de sentimento.

Uma pessoa em tenra idade apresenta a mínima probabilidade de preocupação com essa tese, sem contar que as suas condições para tal interesse são desprezíveis. Na medida em que o ser humano avança pelas incertezas da vida, começa a adquirir sentido esse tipo de preocupação. De acordo com a expectativa de vida atual, alguém que consiga atingir os noventa anos de idade, tem uma vivência suficiente para pensar e emitir opinião sobre a referida brevidade. Se por acaso algum dia as pessoas chegarem a viver até a idades de cento e cinquenta anos, nossa visão sobre a brevidade da vida será muito mais consistente porque, provavelmente,

Renato N. Rangel

teremos adquirido maior amadurecimento para avaliar o que ocorreu nesse passado mais estendido.

Como tudo, inclusive esse assunto é algo relativo, porque é estabelecido em comparação com certos padrões, por exemplo, a idade de certos vegetais e, em escala bem maior, uma era geológica. Só a vivência, entendimento e percepção de alguém muito idoso, na nossa escala de tempo, trarão as condições necessárias para essa análise, porque através da ordenação dos fatos ocorridos e da valoração dos mesmos, poderão construir um modelo que atinja o significado da dita brevidade. Com certeza esse modelo irá considerar a ideologia da longevidade, como uma conquista a ser alcançada e, aí não se estabelece limite. Todos nós queremos viver mais, embora os limites impostos à nossa estrutura material sejam bastante restritivos.

Há quem afirme que a vida é um sonho, tão breve que mal permite sua compreensão, daí a interpretação mágica ou fantástica, como única forma de explicá-la. Para nós a concepção de vida tem um significado amplo e inclusive mal definido, no caso da nossa vida ou período de existência na superfície do Planeta Azul, conseguimos estabelecer certos padrões que incluem o caráter temporal.

Quando falamos em brevidade da vida, obrigatoriamente está presente certa implicação com a noção de tempo, todavia, como já abordado anteriormente em outro vagoio o que existe no Universo é o tempo presente, fator que nesse sentido se contrapõe à referida brevidade. A sucessão de acontecimentos durante a nossa vida é que cria a noção de tempo, o que vai permitir inclusive a aceitação da ideia de brevidade.

A propósito, lembremos que o intervalo entre os aniversários de uma criança é bem maior do que quando se trata de pessoas maduras, ou seja, no primeiro caso a vida não é breve, ao passo que no segundo tudo transcorre mais rapidamente. Na verdade, essas são sensações que dominam o nosso cotidiano e independem de qualquer precisão que se queira considerar. Temos até a impressão de que só ao atingirmos uma idade avançada acordamos de um sono, onde tudo foi tão breve que

Renato N. Rangel

seguidamente nos colocamos a meditar sobre o que ocorreu e, a sensação é de que a vida é breve. Essa percepção só é possível e se torna mais significativa, na medida em que ocorre o distanciamento dos fatos que definiram o nosso processo de vida.

Outra interpretação é que a brevidade da vida pode ser considerada como um trunfo, ou seja, uma vantagem ao analisarmos a nossa existência e que nos desobriga a grandes compromissos de qualquer ordem, é a descoberta de que tudo não passa de um sono entremeado por sonhos. Esses sonhos vividos ou não, de qualquer maneira foram importantes, pois, criaram objetivos e estimularam o nosso viver, sem o que nossa motivação seria nula e a vida deixaria de possuir qualquer significado.

Vale lembrar que como tudo na vida, não existe imagem ou ação que sejam isentos de contaminação, isto porque fazemos parte de um ambiente onde tudo é interdependente. Conseqüentemente esses sonhos devem estar contaminados por tudo aquilo que constitui o nosso meio ambiente, isto é, não somos imunes a esses efeitos e sim como parte deles constituímos um todo, ao ponto de influirmos nos sonhos dos outros indivíduos.

Nesse contexto, não seria demais lembrar que, como afirmou Rajneesh, em “Antes que você morra”²⁶: na vida é importante primeiramente conquistar as benesses materiais, para em seguida desprezá-las, isto é, ter a coragem de libertar-se das mesmas. Desprezar essas delícias sem as ter provado, não tem maior significado, dado que o verdadeiro sentido da vida pode ser encontrado, somente por aquele que as provou e teve a coragem de se desprender das mesmas, podendo dizer, então, que viveu a plenitude da vida, mesmo que breve.

É preciso sonhar e os sonhos fazem parte da brevidade da vida, como elementos construtores da mesma. Embora as conclusões estejam sujeitas a mudanças, vale a pena lembrar Sêneca – em “A Brevidade da Vida” - com a máxima: “pequena é a parte da vida que efetivamente vivemos”.

²⁶ - Antes que você morra, Rajneesh, B. S., Maha Lakshmi Editora, 2ª Edição, São Paulo (1983).
Renato N. Rangel



VIGÉSIMO TERCEIRO VAGUEIO

Inúmeras vezes tem-se percebido que as iniciativas e construções do ser humano são incompletas ou deficientes, parece que em função das suas próprias características. Essa incompletude se manifesta em tudo aquilo que nos propomos fazer, parece uma sina. Tal ocorre no campo químico, no biológico, no da Física, no da Economia e assim por diante. Os antibióticos trouxeram um grande avanço, no combate aos microrganismos destruidores da vida, no nosso entender salvaram muitas pessoas, no entanto, já se disseminou certa precaução quanto ao seu uso constante, porque inclusive podem destruir os seres que do mesmo dependem, embora por via indireta, isto porque, permitem que o organismo se acomode e elementos mutantes do antigo agressor encontrem uma senda para a sua maléfica atuação.

Anteriormente os venenos químicos como o DDT (dicloro-difenil-tricloroetano) e o BHC (hexacloreto de benzeno gama ou gamexane) ajudaram a nos livrar dos insetos causadores de males terríveis como o tifo, transmitido pelo piolho e a malária, transmitida pelo mosquito *anopheles*, todavia, logo se percebeu os seus efeitos negativos, tais como a impossibilidade da manutenção da vida das aves, devido ao fato da má formação da casca dos seus ovos. Assim, a maravilha devido a eliminação das pulgas, carrapatos e outros seres como os pernilongos, muitas vezes

transmissores de doenças, mostrou-se não ser uma panaceia para a solução desses males.

Para não alongar o assunto, depois da gripe aviária, gripe suína, ebola, somos levados a preocupar-nos com a microcefalia nos bebês. É consequência da ação do vírus zika, não é consequência do mesmo! Afinal o que se passa? Tudo indica que os fatores intervenientes são muitos, sabe-se que o zika já havia sido detectado em 1947 – em Uganda, por que agora esse alarde todo, quando tem-se conhecimento de que inúmeros fatores levam à microcefalia. Tal como o DDT, fungicidas, herbicidas, hormônios e outras criações maravilhosas das nossas ciências e técnicas, precisam ser melhor estudadas, para cercear efeitos catastróficos que começam a ser percebidos.

O desenvolvimento do transporte aéreo rápido e seguro, tem sido de grande utilidade em vários momentos, porém, concomitante a essa tecnologia incontestemente veio a possibilidade de disseminar doenças por distâncias enormes e com rapidez, sem contar que do ponto de vista da segurança física das nações, o atingimento de suas regiões geográficas mais distantes, foi facilitado ao invasor inimigo. Dessa forma, países como a China, os Estados Unidos, a Rússia e o Brasil tornaram-se expostos aos efeitos dessas técnicas, mesmo que procurando precaver-se. Essa vulnerabilidade passou a acentuar-se com a construção dos mísseis de controle à distância.

Desde tempos remotos a História registra que os avanços mais significativos, costumam ocorrer em tempos de crise, particularmente durante as guerras dado o esforço coletivo concentrado, para o coroamento de certos objetivos. É justamente nesse ambiente de destruição e penúria que em geral surgem iniciativas decisivas, assumidas por um grupo ou nação. Essas concertações resultantes das desordens apontadas são construídas e baseadas nas necessidades prementes, não tem a capacidade de vislumbrar horizontes mais distantes. Em consequência, após um tempo maior ou menor, começa-se a perceber os nocivos efeitos colaterais imprevisíveis, o que levará a revisão dos conceitos

e teses assumidos anteriormente. Por outro lado, não houvessem as ditas premências, o princípio físico da inércia com certeza predominaria e, os grandes avanços do conhecimento provavelmente não teriam acontecido.

Se for mantido o foco na aviação, com o grande feito dos pioneiros que voaram não se supunha que se pudesse atingir o grau de sofisticação dos objetos voadores da atualidade, principalmente função da engenhosidade e manha de seus construtores. Os primeiros objetos a autopropulsão que voaram, já contavam com o acúmulo de conhecimentos que levaram à construção dos motores então conhecidos. Com certeza as hélices e as inclinações de suas pás já satisfaziam a determinados interesses de aplicação, que despertaram para a sua utilização no caso do aeroplano.

Como “navegar é preciso”, vamos alterar o foco até aqui encetado, para tanto consideremos, por exemplo, a área da Economia. Resultante, em boa parte, da tentativa de enquadrar setores das relações sociais nos modelos matemáticos imaginados, sendo que inúmeras vezes eles não conseguem justificar nem mesmo o passado. Trata-se de uma construção que sem considerar outros aspectos, somente pela atuação do psicológico torna-se possível e suficiente aceitar tantas variáveis, e além do mais é impossível assegurar qualquer conclusão definitiva. Ocorre, então, a essa altura socorrer-se da Estatística, que por sinal é Matemática, portanto lógica e ideal, distante dos fenômenos observados e mais, ela lida apenas com graus de certeza, sem atingir o limite desejado.

As projeções econômicas têm como principal finalidade criar cenários ou expectativas, contudo, dados históricos mostram que qualquer alteração na trajetória dos fatos sociais pode mudar completamente as previsões. Se não houvesse a convulsão devida à segunda guerra mundial, sabe-se lá quando os Estados Unidos teriam se recuperado da ruptura econômica ocorrida em 1929. Outro fato a ser notado é que a União Soviética, com todo o seu planejamento científico, não conseguiu controlar variáveis tais que levaram à ruína do seu sistema econômico-político. Parece que nesse campo não há outra alternativa, a não ser o alerta permanente para com as frequentes correções da rota econômica.

Existe entre nós o entendimento de que as ciências humanas não são exatas como as ciências ditas exatas, porém, inclusive estas quando aplicadas não podem ser consideradas como tal, porque os fenômenos reais que percebemos não se enquadram perfeitamente nos modelos imaginados ou calculados, são aproximações. Contudo, é verdade que tais previsões já são úteis, pois, em geral levam-nos a conclusões mais próximas do que se pretende. Com isso fica claro que as estimativas baseadas em modelos não deixam de ter o seu valor, mesmo que por aproximação.

Uma coisa é certa, se as nossas construções fossem perfeitas, não haveria a necessidade dos avanços tecnológicos, da forma como são apresentados, ou seja, um telefone celular já na primeira construção teria todos os aperfeiçoamentos possíveis e imagináveis.

No campo da Biologia, para exemplificar, em tempos muito dilatados ocorreram alterações genéticas provocadas pelo homem e inclusive pela natureza, com variados objetivos. Para tal basta destacar a criação de raças animais, plantas que apresentaram alterações no tamanho, inclusive de frutos, totalmente diferentes dos encontrados na natureza até então. Tal ocorre, para ilustrar, com o gado bovino e suíno, além de vegetais como o tomateiro conhecido nos dias atuais. Este último quando conhecido era usado apenas como ornamento nas floreiras e jardins das casas. As alterações biológicas conseguidas ou construídas pela mão humana durante longos tempos, são muitas e não podem ser menosprezadas, todavia, sabemos perfeitamente que tais manipulações trouxeram consigo, além dos primeiros impactos positivos, fragilidades que propiciaram o surgimento de novos malefícios ou o agravamento dos já existentes. É bem verdade que em certos casos essas mudanças foram benéficas, no sentido de dificultar a ação dos agentes destruidores da vida, contudo, em vários outros os novos organismos perderam a capacidade de defesa contida nos seres originais.

Em função de fatos como esses, torna-se necessário que as técnicas criativas estejam em permanente alerta para resolver questões que até então não existiam. Finalmente, as coisas se passam como se estivéssemos

constantemente em busca da perfeição, mesmo sabendo que para nós ela representa apenas um limite, uma miragem, na verdade um imaginário.

Para não usar a expressão “modernamente”, porque o moderno envelhece e perde o valor atual, nos dias de hoje as alterações genéticas atingiram diretamente o gene, isto é, por meio de ações drásticas no próprio. É um tal de seccionar partes e introduzir corpos estranhos, ao ponto de se encontrar notícia, logo depois desmentida, onde haviam produzido por esses métodos um tomate com sabor e propriedades da carne suína. Vejam só!

Chistes a parte, atualmente a reprodução animal está atingindo níveis de complexidade e precisão que nos assustam, pois, cremos estarmos nos aproximando dos mistérios mais íntimos do organismo. Por que nos assusta? Porque esse poder, ao que tudo indica, está nas mãos inclusive dos menos responsáveis e, que pretendem sempre transformar as novas técnicas em poder pessoal e especialmente financeiro. Vejam o que ocorre com as sementes transgênicas, que na verdade transferem um poder muito grande a poucas corporações, constituídas unicamente para si próprias, de forma que o interesse pela vida no sentido ético, se houver, estará no nível mais baixo. Se algo não for feito, em algum tempo toda a alimentação da humanidade dependerá exclusivamente de poucas corporações.

Será que teremos no futuro a solução dos nossos problemas de saúde, em consequências das alterações introduzidas por meio das técnicas atuais em bancos genéticos, ou se trata de uma pura ficção?

Com certa regularidade afirma-se que: “ a natureza é sábia”; a rigor essa afirmação tem a ver com a crença de que tudo aquilo que existe tem algum motivo para existir e, a imposição de uma força externa, tal como a vontade de um ser ou um grupo de indivíduos, deve provocar alterações no equilíbrio do meio ambiente, que ao menos no início devem causar efeito de insegurança. Mesmo quando se obtém efeitos convenientes, como no caso do combate às doenças, a insegurança sempre está presente.

Em um universo de dimensões espaço-tempo para nós sem limites perceptíveis, não há como garantir absolutamente o domínio de qualquer alteração provocada por nós. Para ilustrar basta considerar fatos menores como por exemplo: evite a manteiga, troque-a pela margarina e depois de algum tempo recomenda-se justamente o contrário; algo semelhante ocorre com os ovos, o café, os vinhos e assim por diante, na nossa alimentação. Ainda quanto aos nossos produtos alimentares, observemos o que ocorre nos nossos dias com os chamados “orgânicos”.

Ao que parece o nosso corpo assemelha-se a um campo de batalha, onde o “bem” enfrenta o “mal”. O “bem” é constituído pelas forças que garantem a nossa vida como tal e, o “mal” consiste na atuação de fatores que na verdade resultam das fragilidades ou “descuidos” do nosso organismo, motivados por ações ou inações físicas e ou psicológicas. Pelo que se depreende da observação do processo vital, mesmo com toda a vigilância física e psicológica do organismo vivo, haverá um período de senilidade que deverá culminar com o colapso total, o que eventualmente só poderá ser adiado, porque é inexorável. Tanto do ponto de vista racional como fantástico deve haver motivo para esse desenlace, o qual inclusive poderá ser interpretado como parte de um processo que não termina aí. Se considerarmos o aspecto científico, tanto os átomos como boa parte das moléculas constituintes do ser vivo, continuam como se encontram na Natureza após a morte. Os transplantes da atualidade adiam o desenlace, trata-se da sobrevida, a duras penas. Vejamos com o passar do tempo o que acontecerá em consequência do domínio do conhecimento sobre as células-tronco, que à primeira vista parece mais razoável. No caso dos transplantes não nos esqueçamos de que se trata de uma manipulação, com objetivos bem determinados e sem levar em conta o equilíbrio do conjunto orgânico. Em verdade, trata-se de uma forte agressão a unidade orgânica, daí a permanente rejeição.

Sempre que se fala em equilíbrio vêm à tona vários entendimentos, contudo, aqui trata-se da obediência a ordem estabelecida no limiar da vida, ou seja, na fecundação, onde as partes compõe um todo individual ou o indivíduo.

Mesmo tendo destacado anteriormente que estamos nos aproximando dos mistérios da vida, é preciso ter presente que esse fenômeno na verdade pode ser considerado como um limite e, em relação a isso nossa capacidade de aproximação não consegue ultrapassar as restrições do que se tem por limite, a semelhança das formuladas para a Matemática. A propósito dessas complexidades vale lembrar que, se fixarmos nossa atenção no ser humano, uma figura que podemos imaginar é que do ponto de vista psicológico o mesmo seja constituído por várias camadas, que em geral não se expõe com facilidade e, somente o dia a dia com as pessoas em circunstâncias das mais diversas possíveis pode levar a percepção dessa característica, tendo em vista a sua grande capacidade de camuflagem até de maneira aparentemente inconsciente.

Mantendo o espírito de vagueio e como no caso o mote é a incompletude das nossas iniciativas e construções, cabem considerações inclusive sobre o novo sistema de informação, por meio eletrônico, o qual tem como um dos suportes o sistema numérico binário.

Passando ao largo de toda a parafernália eletrônica, utilizada para resolver os problemas propostos ou detectados no cotidiano, fixemos a nossa atenção nas transformações que afetam especialmente o comportamento humano, tanto do ponto de vista físico como psicológico.

Os aplicativos adicionados às máquinas eletrônicas avançam constantemente, passando a sensação de que daqui para a frente tudo será resolvido com alguns toques em teclados. A máquina de escrever, o telefone, a máquina fotográfica, a calculadora, os guias rodoviários, os serviços bancários, os comerciais e os de saúde podem ser englobados em um único aparelho inclusive portátil. Que maravilha! Mas essa felicidade não pode ser completa, senão vejamos, basta faltar energia elétrica ou o condutor de tudo isso perder o controle desse instrumento por alguns instantes e tudo estará em risco. Para que esse dispositivo funcione a contento é necessário que o comando seja correto e preciso, caso contrário de nada servirá a sua construção.

Outro aspecto que necessita ser explorado é a questão da facilidade encontrada pelos iniciados nessas hábeis curiosidades, em geral associadas à repetição de movimentos, que os libera da necessidade de raciocinar a cada movimento. Por outro lado, a criação da Internet, grande marco no processo do conhecimento, ao mesmo tempo que dá maior agilidade à informação, deverá criar uma espécie de preguiça mental, por tudo inconveniente ao próprio ser humano. Sabe-se que só a utilização constante e intensa do cérebro, garante o seu funcionamento mais eficiente, portanto, essas facilidades quando usadas indiscriminadamente e no longo prazo, com certeza não serão benéficas.

Como todas as técnicas, essas também trouxeram inconvenientes ou problemas que até então não existiam, basta citar os custos elevados para evitar as ações deletérias daqueles que interferem nas redes, para causar males quase irreparáveis. Um outro aspecto é o físico, pois, afirma-se que em poucos anos o número de míopes deverá aumentar muito, em decorrência do uso intensivo do computador, além das doenças conhecidas como LER, resultantes de movimentos repetitivos. Com o passar do tempo cada vez mais nos encontramos expostos, basta considerar que ao pesquisarmos na Internet algum objeto para aquisição, em seguida começamos a receber inúmeras mensagens com ofertas, justamente direcionadas para aquilo que é buscado. Esse exemplo muito simples alerta para o fato de que estamos constantemente sendo observados e os nossos interesses estão expostos.

A primeira impressão que temos a respeito desses meios eletrônicos é de que estamos incógnitos, porém, essa não é a realidade, porque como visto os nossos passos estão sendo seguidos. Na atualidade, o aparato governamental dos vários países precisa permanecer em alerta o tempo todo, porque interesses externos aos mesmos, em geral inconvenientes, mantém uma ameaça constante aos referidos sistemas governamentais. Coisa semelhante ocorre com as corporações, especialmente aquelas de grande porte. O espião que anteriormente precisava comparecer e inserir-se no local da espionagem para, após convivência amistosa conseguir informações que levassem aos conhecimentos desenvolvidos pela vítima,

Renato N. Rangel

com esses meios eletrônicos foi substituído por ações a distância, muitas vezes sem que a mesma perceba qualquer indício.

Bem, nesse sentido, algo foi democratizado porque todos os governos e corporações estão sujeitos a ações desse tipo, tanto é que a vigilância é constante, entretanto, o custo é elevado e a segurança não é absoluta.

Voltemos a questão da relação do indivíduo com essas novidades. A rapidez com que cálculos complexos podem ser executados e textos de grandes dimensões podem ser transmitidos dão ao homem um poder jamais imaginado, ao mesmo tempo que torna mais difícil o processamento dessas facilidades, ou seja, enquanto a máquina produz todos esses efeitos, nem sempre o ser humano consegue acompanhar em tempo real essas informações. Essa dificuldade deve estar associada aos procedimentos que em geral dão substância ao entendimento de tudo. Nós temos a necessidade de processar as informações, para a sua internalização e eventual projeção sobre questões a serem resolvidas.

A rapidez com que calculamos um logaritmo ou o antilogaritmo agiliza os cálculos, todavia, faz com que percamos o sentido do que seja tal função matemática. Esse exemplo simplório permite ilustrar como perdemos a ligação com as origens, que permitiram chegarmos onde estamos e, deverão continuar lastreando os futuros avanços do conhecimento, isto porque, trata-se de uma construção, logo, necessita do suporte anterior. Atualmente, em uma calculadora, o logaritmo natural é representado por uma tecla, não interessa quais os procedimentos matemáticos e eletrônicos necessários para chegarmos ao resultado, é algo mágico. O cálculo de um circuito elétrico, independe do conhecimento sobre raiz imaginária de uma equação ou número complexo e assim por diante. A visão tridimensional obtida com o auxílio de aplicativos computacionais, facilita o entendimento de modelos os quais anteriormente exigiam uma grande capacidade de imaginação. Vejamos o que acontecerá no futuro em consequência dessas facilidades, isto porque foram aquelas dificuldades que propiciaram os avanços atuais. O futuro dirá!

Na outra ponta, é fácil compreender que com os avanços constantes do conhecimento, cada vez mais será difícil executar tarefas partindo das origens, pois, os tempos de execução seriam muito estendidos, o que tornaria especialmente o processo de produção inviável.

Diante do que foi posto, cabe uma mediação que não destrua o elemento humano e, ao mesmo tempo permita a continuação da construção histórica em andamento. Os extremos sempre foram prejudiciais ao desenrolar da vida, portanto, a complementaridade parece ser mais plausível aos nossos interesses maiores. É preciso avançar incorporando novas interpretações e procedimentos, contudo, sem desprezar a construção humana que permitiu chegar ao aparato em uso. Não esqueçamos que em essência continuamos dependentes das mesmas necessidades básicas de sempre.

Essa “conversa mole” poderá parecer desnecessária, porém, desde datas remotas foram justamente essas considerações, até certo ponto vagas, que marcaram posições importantes na história da humanidade e em muitas circunstâncias atuaram como verdadeiros norteadores do pensamento universal. Convencidos da nossa impotência frente a uma iniciativa dessas dimensões, ainda assim acreditamos que podemos acrescentar alguma contribuição por menor que seja, ao processo do pensamento universal.

VIGÉSIMO QUARTO VAGUEIO

Sabemos que a História é uma construção humana permanente e sem limites, isto porque só depende da nossa existência e a sua abrangência inclui todos os fatos e fenômenos observados. O maior ou menor destaque dado aos mesmos será consequência da ideologia predominante. Assim ocorre também com as áreas mais restritas como as técnicas e as ciências.

A construção científica se baseia na observação, na medida e no método, daí a impossibilidade de fazer ciência sem um desses pilares. É bem verdade que atualmente, a menos do método, os outros podem ser atingidos por via indireta, como se acredita observar no caso dos fenômenos infinitamente pequenos ou de dimensões desmesuradamente grandes.

Como nós, seres humanos, pertencemos a um mesmo Universo e conseguimos no máximo atingir um sistema desse todo, ou seja, uma parte de contorno razoavelmente bem definido, embora no limite sejamos esse Universo, porque dele contemos a essência, não há como admitir que o homem consiga explicar o referido, ao menos do ponto de vista científico, estando imerso no mesmo.

Levando em conta os três pilares da ciência apontados anteriormente, seria necessário nos colocarmos fora desse Universo, para então proceder como citado, ainda segundo o critério científico. No máximo o que temos conseguido é nos colocarmos fora de um sistema ou parte para então aplicarmos essa metodologia. Em função dessas considerações afirma-se que a ciência evolui, ou seja, muda de paradigma segundo suas necessidades, frente aos novos fenômenos detectados.

Essa área do saber, em especial, avança sempre por comparação e depende bastante do estabelecimento de padrões objetivos, como por exemplo: o metro, o grau Celsius, o quilograma e a unidade de tempo. Então vejamos a proposta que segue, pretendendo esclarecer essa afirmação.

Se considerarmos um ser vegetal, por exemplo uma árvore, por meio de um corte transversal em seu tronco, iremos notar que ali consta o histórico da mesma, que permite identificar períodos de seca, maior insolação e outros fenômenos. Logo a memória está registrada, todavia, esse ser vegetal não tem percepção da sua história, ele vive sem essa característica, é assim a sua constituição. Isso também ocorre com os animais em geral, basta observar a maneira como um cão nos recebe em casa, toda a vez que retornamos à mesma. Sempre contente com a nossa chegada mesmo que após breve ausência, ao que parece, no caso do homem as coisas mudam de figura, devido a capacidade de perceber essa memória e até fazer uso da mesma. Então o tempo é referente a uma variável criada a luz da memória e do refinamento de percepção do ser humano.

Quanto ao critério de medida, as coisas são mais simples, porque visto à semelhança das outras grandezas, basta estabelecer um padrão e ajustá-lo às necessidades. Assim o segundo, unidade de tempo, é a duração de 9 192 631 770 períodos da radiação correspondente à transição entre dois níveis hiperfinos do estado fundamental do átomo de Césio 133. Essa definição se refere ao átomo de Césio em repouso, a temperatura de zero Kelvin²⁷.

Note-se a complexidade da definição e a pretensa precisão, resultante das palavras encadeadas anteriormente, que em função do princípio da falsificação, não têm outra alternativa senão as permanentes revisões, que a construção histórica documenta.

Diante desses argumentos, como estabelecer padrões universais sem que estejamos fora desse Universo, e distanciados o suficiente para observá-lo e avaliá-lo segundo o método científico?

A abstração racional tem sido uma ferramenta poderosa, basta considerar o Cálculo Infinitesimal, no entendimento de Newton e de Leibniz. Como é moda, vale a pena dar um salto no tempo até Einstein, para

²⁷ - INMETRO – Sistema Internacional de Unidades, 6ª Edição, Brasília, 2000.

Renato N. Rangel

ressaltar essa capacidade de abstração, que vai mudando de paradigma à medida que a complexidade aumenta. Lembremos que essa complexidade deve ser criada por nós mesmos, frente à efetiva simplicidade do Universo, crença esta que se baseia na vivência mais prazerosa revelada pelas coisas mais simples. O observador externo teria mais condições para explicar por que uma substância química obtida pelos processos da Natureza, quando sintetizada em um laboratório não é idêntica, a menos que passe por procedimento de purificação bastante elaborado.

Qual será o motivo pelo qual na Natureza, à medida que nos aprofundamos no entendimento dos fenômenos a ordem se apresenta tão exata, embora a primeira impressão seja de caos?

Essa uniformidade de construção dos corpos chega a dar a impressão de que exista uma orientação de ação no sentido dessa característica natural. Assim, os cristais de rocha, em qualquer parte apresentam as mesmas características básicas, a menos de eventuais impurezas. Uma planta como o pinus aleóti, mesmo em regiões distintas daquela de origem, mantém a estrutura material básica. Por quê escolhi esse vegetal? Justamente por ser um dos mais difundidos por ambientes diversos daquele original.

Por motivos como esses não pode existir construção humana acabada, ou melhor, sem necessidade de permanentes ajustes e retoques. Daí os chamados avanços: da Ciência, da Técnica, da Arte, da Filosofia e assim por diante. Esses avanços são consequência da incapacidade de atingir a perfeição ou as essências da Natureza, em qualquer estágio que nos encontremos. Do ponto de vista esotérico pode ser que essas limitações atuem como motivação para a nossa vida, justamente porque dessa forma nos manteremos ocupados com uma miragem, que procura dar sentido ao que se passa ao nosso redor.

O maior estímulo às nossas construções está nas mudanças de paradigmas, devido às limitações que surgem quando da aplicação dos modelos então construídos. Isto porque esses modelos não contemplavam as novas percepções, as quais eram como se não existissem.

Renato N. Rangel

Aqui vale lembrar que a capacidade de imaginação é algo relevante no caminhar em consonância com os fatos e fenômenos, mas, por vezes transcende aos mesmos, permitindo construir modelos com pretensão de explicar fenômenos ainda não identificados. Isso ocorreu com a Tabela Periódica dos Elementos Químicos, quando previu a existência de elementos então desconhecidos. Mesmo assim não nos iludamos com esses pequenos lampejos de lucidez, porque em verdade continuamos imersos no mesmo caldo universal e sujeitos às mesmas restrições já apontadas.

Diante dessas considerações, podemos dizer que os avanços da Ciência são consequência das impossibilidades de origem, dos que a constroem. É impossível afirmar-se que inclusive sob determinada ótica essa dificuldade seja saudável, levando em conta as características próprias do ser humano, necessitado de desafios e recompensas, segundo a maior ou menor amplitude da sua visão.

Desde quando começamos a usar dispositivos que apresentavam semelhanças com a utilidade da roda, como por exemplo uma tora roliça de madeira, que por rolamento conveniente permitiam se movimentasse corpos com massa e peso bem mais elevados que os normalmente suportados pelos seres vivos, muitos estágios foram cumpridos até chegarmos às rodas de um veículo atual. A necessidade de contornar dificuldades e ajustar às novas barreiras, foi a mãe das técnicas que culminaram com o que temos e permanecerá orientando as novas utilidades, habilidades e aperfeiçoamentos.

Especialmente nas técnicas, as mudanças são mais acentuadas, porque respeitados os princípios gerais trata-se de pequenos ajustes que sempre são possíveis e desejáveis. É o que ocorre com um circuito elétrico, a dosagem e constituição de um adubo, a maneira como é polida uma lente ótica e por aí afora. Reforçando essa argumentação, trata-se de técnicas que pela deficiência de origem, fazem parte da construção inacabada e estimulante de vida. Essa afirmação resulta do fato de não termos sido criados para resolver problemas, mas, para convivermos com as

aproximações e ajustes advindos das necessidades. Isso ocorre inclusive na Ciência, pois caso contrário, quem sabe apenas pela identificação dos campos: elétrico, magnético e gravitacional, poderíamos ter atingido o cerne de tudo, a perfeição.

Apesar das nossas restrições quanto ao tempo, no caso da Natureza tudo indica que tanto na presença como na ausência de princípios, tudo se ajusta, principalmente se admitirmos a periodicidade, fator que cada vez mais dá substância ao entendimento do Universo.

Como se observa direta ou indiretamente, os sons fazem parte do meio natural, entretanto a seu encadeamento, ordenamento e finalmente a construção do que se tem por composição musical resultam da nossa atuação sobre esse objeto. A esta altura convém lembrar que o ambiente, o estado de espírito e a dedicação do compositor, constituem o ferramental necessário à sua construção, sendo que estes fatores não são suficientes para que se atinja a perfeição, ao menos no sentido restrito. É por isso que as composições musicais, em geral, não se coadunam com qualquer ambiente, por exemplo, o ritmo do mambo não deve ser usado em uma reunião solene de velório, neste caso apela-se para a música instrumental e bem mais serena. É verdade que existe uma certa relação entre a mesma e o nosso estado de espírito, entretanto, a composição ideal ou perfeita deveria preencher todas as necessidades.

A propósito, vale lembrar que na Pintura, na Música, na Arquitetura, na Escultura, na Literatura, o autor nunca considera sua obra acabada, isto porque ele convive com o sentimento de incompletude. Os leigos, em cada um desses misteres sentem-se satisfeitos com o que veem ou ouvem, justamente porque se trata de sensibilidades distintas, às quais não tem acesso. Quanto ao autor, tudo indica que as coisas são diferentes, porque ele tem um sentimento diferenciado no que tange àquele afazer.

Portanto, para nós, construir é algo mais amplo que ajustar partes mecânicas segundo algum critério de utilidade, é inclusive ordenar sons, palavras escritas, pensamentos, de maneira a organizar um corpo até

abstrato e que satisfaça as necessidades do momento, ou ainda, sem que essa característica tenha a capacidade de causar impressão, boa ou má.

Estas últimas linhas foram traçadas, particularmente, com o objetivo de levantar certa precaução em relação à crença na obra artística acabada, em qualquer área do saber. Daí as novas escolas, as novas formas de expressão e finalmente a eterna busca, inclusive pelo belo.

Quando se trata da construção de leis sociais, a vivência mostra que a complexidade aumenta, ao ponto de após elaboradas necessitarem a permanente interpretação, porque os fatos que podem levar à sua aplicação nunca são idênticos. Em função disso criam-se os tribunais e os juris, que podem chegar a conclusões opostas ao espírito da norma então estabelecida.

Com respeito a este assunto existem ponderações que merecem ser consideradas, dentre elas uma é de importância muito grande, trata-se do grau de detalhamento da lei, isto é, quando pouco precisa tem aplicação mais ampla e maior durabilidade, ao passo que as mais detalhistas deixam de atingir um espectro de abrangência mais amplo, o que permite a alegação de que aquilo que não consta na lei não é passível de punição.

Nas ciências ocorre algo que se assemelha ao que foi dito, é o que observamos com as definições necessárias à aplicação do método científico, tendo em vista que as definições mais detalhistas em geral têm menos utilidade prática, enquanto as mais gerais, embora menos precisas, apresenta maior aplicabilidade corrente.

Como a sociedade é uma realidade viva e ativa, está em permanente mudança, o que implica no envelhecimento precoce das leis comuns. No caso dos princípios gerais que constam da ordem constitucional do estado, as mudanças são mais lentas, embora também ocorram. Argumentos nesse sentido são, por exemplo: o significado do casamento, a maioria penal, a preservação da Natureza e outros temas que dão forma ao caráter constitucional do estado.

Mantida a orientação do que consta neste texto, com uma maior objetividade aqui e uma divagação ali, se a ideia inicial de construção humana for mantida, todos os argumentos serão válidos, a menos da predisposição ou preconceito de quem analise o tema.

Em inúmeros momentos da História encontram-se registros relativos à: ordem social, interpretação dos fenômenos naturais, formas de comunicação, transporte e expressão do belo. Na medida em que a variável denominada por tempo transcorreu, a necessidade, a curiosidade, a criatividade, a competição e o poder propiciaram as mudanças de paradigmas, que em muitos casos levaram ao que denominamos por evolução, porém, em outros casos engessaram particularmente a criatividade. Lembremos que esta última depende essencialmente do grau de liberdade ao seu dispor, pois, levada ao extremo, não pode depender de amarras muito fortes, justamente porque é no imponderável que se encontram: a descoberta, o avanço, a ampliação da referida construção. Na verdade, o imponderável não é o impossível, mas sim, é aquilo que ainda não foi avaliado, em geral pelas restrições impostas pelo modelo em vigor.

Quando se conseguiu perceber que através da fissura em uma rocha, a luz solar marcava uma posição bem definida e todos os dias, esse achado despertou para a sua possível utilização como critério de alguma avaliação ou medida do tempo. Como medir é comparar, pequenos fatos como esse permitiram o início de uma construção tão profícua, que permitiu chegar à amplitude e complexidade dos sistemas e dispositivos de medida do tempo usados nos dias atuais.

Consideradas fixas as posições de algumas estrelas, foi possível estabelecer critérios de localização geográfica, especialmente na navegação marítima, já que em terra as referências eram os acidentes geográficos, tais como: rios, lagos, montes, desertos, vales e outros.

Ao que parece essa construção humana, inicialmente lenta sofreu um processo de aceleração na medida em que transcorreu, ao ponto de haver quem diga que se tenha um avanço crescente – logarítmico – com acentuação no correr do processo. Pode ser, contudo, que se trate de um

Renato N. Rangel

engano de origem, porque os fatores essenciais não mudaram, porém, a nossa capacidade de abstração tanto nos aproxima como nos afasta do que realmente conta.

Em resumo, quando nos dispomos a uma análise efetivamente aprofundada da vida, concluimos que estamos onde estávamos e as chances de mudança se existirem, devem ser pequenas. Como foi dito no início, as boas novidades descobertas contém impurezas, que carregam consigo as más novidades.

Mas, calma lá, a vida é assim mesmo, nem tudo está perdido, mais uma vez, “navegar é preciso”, mesmo que a direção e o sentido sejam desconhecidos

REFERÊNCIAS

- Kant, Emmanuel, *Crítica da razão pura*, Trad. J. Rodrigues de Mereje, Editora Tecnoprint Ltda., Ediouro, Rio de Janeiro, s. d.
- Nietzsche, Friedrich, *Humano demasiado humano*, Trad. Paulo Cesar de Souza, 2ª reimpressão, Cia das Letras – Bolso, São Paulo (2007).
- _____, *Além do bem e do mal*, Trad. Renato Zwick, L&PM Editores, Porto Alegre (2008).
- Létora Mendonça, C. A., *Filosofia de La ciência*, Texto para o curso de Mestrado em História da Ciência, PUCSP, São Paulo (2001).
- Strathern, P., *O Sonho de Mendeleiev*, Trad. Maria Luiza X. de Borges, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro (2002).
- Lipton, B. H. e Bhaerman, S., *Evolução espontânea*, Trad. Yma Vick, Butterfly Editora Ltda., São Paulo (2013)
- Mircea, Eliade, *Mito e Realidade*, Trad. Paola Civelli, Editora Perspectiva, 2ª Edição, São Paulo (1986).
- Schroedinger, Erwin, *O que é vida?* Trad. J. de Paula Assis e V. Y. Kuwajima de Paula Assis, Editora UNESP, São Paulo (1997).
- Opárin, A., *A origem da vida*, Trad. do Francês por Ernesto Luiz Maia, Editorial Vitória Ltda., Rio de Janeiro (1963).
- Mead, Margaret, *Sexo e Temperamento*, Trad. Rosa Krausz, Editora Perspectiva (Debates), 3ª Edição, São Paulo (1988).
- Keosian, J., *El origen de la vida*, Trad. L. Kyralina Miralles, Editorial Alhambra S/A, 1ª Edição, Madri (1968).

Aristóteles, Retórica, Trad. M. A. Junior, P. F. Alberto e Abel do Nascimento Pena, Folha de São Paulo, São Paulo (2015)

Schopenhauer, Aforismos para a sabedoria de vida, Trad. Jair Barboza, Folha de São Paulo, São Paulo (2015)

Rajneesh, B. S., Antes que você morra, Maha Lakshmi Editora, 2ª Edição, São Paulo (1983)